



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

KATHIA REGINA VIEIRA

**O TEMPO NA NARRATIVA DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS –
AGAMBEN NAS TRAVESSIAS DE ROSA**

Brasília

2022

KATHIA REGINA VIEIRA

**O TEMPO NA NARRATIVA DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS –
AGAMBEN NAS TRAVESSIAS DE ROSA**

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Literatura.

Área de concentração: Literatura e Práticas Sociais

Orientador: Prof. Dr. Rogério da Silva Lima

Brasília

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

VV658t Vieira, Khatia Regina
 O tempo na narrativa de Grande Sertão: veredas - Agamben
nas travessias de Rosa / Khatia Regina Vieira; orientador
Rogério da Silva Lima. -- Brasília, 2022.
 119 p.

 Tese (Doutorado - Doutorado em Literatura) --
Universidade de Brasília, 2022.

 1. Guimarães Rosa. 2. Grande sertão: veredas. 3.
Narrativa. 4. Tempo. 5. Agamben. I. Lima, Rogério da Silva,
orient. II. Título.

KATHIA REGINA VIEIRA

**O TEMPO NA NARRATIVA DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS –
AGAMBEN NAS TRAVESSIAS DE ROSA**

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Doutora em Literatura.

Área de concentração: Literatura e Práticas Sociais

Orientador: Prof. Dr. Rogério Lima

Aprovada em 30 de março de 2022.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Rogério da Silva Lima – Universidade de Brasília
(Orientador)

Profa. Dra. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha – Universidade Federal de Uberlândia
(Membro externo)

Prof. Dr. Fernando Fábio Fiorese Furtado – Universidade Federal de Juiz de Fora
(Membro externo)

Prof. Dr. Gabriele Cornelli – Universidade de Brasília
(Membro interno)

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira – Universidade de Brasília
(Membro suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, ao meu orientador, Prof. Dr. Rogério Lima, por me propiciar esta extraordinária experiência de produção de uma tese de doutorado. As leituras e pesquisas às quais eu tive acesso abriram, para mim, um universo literário tão extenso, fascinante e cativante que incontáveis foram os momentos de pleno encantamento que experienciei ao longo da escrita. Em todo este processo, obtive apoio incondicional tanto do meu orientador quanto do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB, que muito me ajudou a resolver outras demandas que foram surgindo; sendo todas deliberadas com apreço e prontidão. Nesse sentido, a bolsa da CAPES que me foi concedida também trouxe um apoio considerável, visto que boa parte dos escritos aqui apresentados foram realizados em um período de pandemia, sem acesso ou com acesso muito restrito à Biblioteca Central dos Estudantes (BCE) desta universidade, o que exigiu um custo adicional para compras de livros, material de pesquisa específico e mais acessos às publicações via internet.

Agradeço também àquelas pessoas, sem citar nomes, que, de várias formas, me acompanharam ou não, neste período de doutorado. Estive durante quinze meses, nesse ínterim, envolvida por todos os lados em tratamentos médicos sérios, incluindo aqui uma grande cirurgia, que exigiram de mim muito mais do que eu sequer poderia ter pensado até então. E essas experiências hospitalares pelo SUS vieram acompanhadas de consequências ainda muito mais sérias e impensáveis do que aquelas que tive durante as internações. Nesse contexto, a Literatura foi amiga fiel, porto seguro de encanto e local de recuperação das capacidades físicas e cognitivas que, mansamente, foram se restabelecendo. O foco desta tese ficou, assim, mais claro, e a motivação para concluí-la ainda mais avivada. O sol, a lua, as estrelas, as plantas, os animais e toda a natureza passaram a ter as cores de alguém que vê a vida pelo prisma de se estar apaixonado, como daquela maneira que Riobaldo descreve a natureza que Diadorim o ensinou a apreciar.

Desta forma, há muito a agradecer e muito mais ainda por aprender. Espero, com esta tese, poder despertar mais perguntas do que respostas a quem a ler e, igualmente, deixar mais alegrias em sua leitura do que tristeza.

E como dizia Riobaldo:

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (ROSA, 2006, p. 318).

RESUMO

O cerne e também eixo seminal desta tese é o estudo do tempo em *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, ante a reflexão temporal elaborada por Giorgio Agamben, no ensaio *O que é o contemporâneo*, com o objetivo de obter uma compreensão mais significativa da leitura da travessia temporal dos personagens rosianos na obra citada, especialmente de Riobaldo e Diadorim. Para isso, este estudo desenvolve o entrelaçamento do tempo no romance de Rosa em comunicação com aquela concepção temporal que Agamben enuncia a partir dos conceitos de *Chronos* e *Kairós*. Essa associação se deve ao fato de tanto Guimarães Rosa quanto Agamben fazerem uso da categoria *tempo* como elemento de inserção de questões existenciais do homem e da humanidade em seus discursos narrativos e, para tal fim, são elencados e analisados indicadores temporais no sertão rosiano, que, conjuntamente com as reflexões sobre o tempo do poeta de Agamben, inauguram um novo olhar sobre a esfera temporal em Rosa, que se mostra, então, repleto da mais pura linguagem poética.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; *Grande sertão: veredas*; Narrativa; Tempo; Giorgio Agamben.

ABSTRACT

This thesis has as its core and its seminal axis the study of time in *Grande sertão: veredas*, by Guimarães Rosa, facing the sense of time reflection formulated by Giorgio Agamben in his essay *O que é o contemporâneo?*, so to obtain a more meaningful reading comprehension on Rosian characters time crossing, especially those concerning Riobaldo and Diadorim experiences. To this end, this study develops time entanglement in Rosa's novel in linkage to that sense of time conception Agamben states through *Chronos* and *Kairós* notions. Such connection relies on the fact that both Guimarães Rosa and Agamben use the time category as an insert element for man and mankind's existential issues in their narrative speeches. For this purpose, the timing marks of Rosian Brazilian backwoods are listed and analyzed, while the addition of Agamben time's poet reflection leads to an opening and fresh look about Rosa's temporal sphere, which then unfolds full of its most poetic language.

Keywords: Guimarães Rosa; *Grande sertão: veredas*; Narrative; Time; Giorgio Agamben.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 O TEMPO E SUAS HISTÓRIAS	13
1.2 TEMPO	13
1.3 HISTÓRIA DO TEMPO	16
1.4 CONCEPÇÃO GREGA DO TEMPO	27
CAPÍTULO 2 A NARRATIVA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS	32
2.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	32
2.3 O NARRADOR-PERSONAGEM RIOBALDO	35
2.4 ENTREMEIOS E ENTRELAÇAMENTOS: LINGUAGEM E NARRATIVA.....	40
2.4.1 A linguagem memorialística	41
2.4.2 A linguagem mítica	48
CAPÍTULO 3 O TEMPO NA NARRATIVA DE GSV: O POETA NO SERTÃO ROSIANO..	52
3.2 O TEMPO DE RIOBALDO	54
3.3 O TEMPO DOS SERTANEJOS E DOS JAGUNÇOS	56
3.4 O TEMPO DE RIOBALDO E DIADORIM.....	61
CAPÍTULO 4 O TEMPO DA LINGUAGEM POÉTICA: O <i>KAIRÓS</i> ROSIANO NO SERTÃO DE <i>CHRONOS</i>	66
4.2 O <i>KAIRÓS</i> DA LINGUAGEM POÉTICA	67
4.3 O <i>CHRONOS</i> DO SERTÃO	75
CONCLUSÕES.....	78
REFERÊNCIAS	88
ANEXO 1 - LEVANTAMENTO DAS INDICAÇÕES TEMPORAIS <i>EM GRANDE SERTÃO:</i> <i>VEREDAS</i>	92

INTRODUÇÃO

Esta tese se debruça sobre o estudo do tempo na obra de João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas* (2006)¹, com o objetivo de determinar como tal conceito se desenvolve nessa narrativa e qual leitura temporal se revela quando a este estudo se entrelaça a percepção temporal desenvolvida por Giorgio Agamben², no ensaio *O que é o contemporâneo?* (2009). Assim sendo, a pergunta de partida deste estudo é: qual leitura de travessia temporal emerge das narrativas rosianas em *GSV* ante a reflexão temporal proposta por Agamben no ensaio *O que é o contemporâneo?*

Depreende-se, como premissa inicial, que a partir de estudos das leituras do livro de Rosa, de um levantamento das indicações temporais em toda a obra de *GSV* e do ensaio de Agamben, seja possível estabelecer uma visão do tempo que contemple e absorva as visões temporais dos respectivos autores, em especial no que concerne às percepções temporais que envolvem os personagens Riobaldo e Diadorim no romance rosiano. Contudo, se o ponto de contato inicial entre as obras analisadas é o tempo, logo se percebe que o campo temporal aqui compreendido se entrelaça de forma muito especial com a linguagem poética e com o próprio poeta, levando o leitor a se enveredar nas travessias de um singular personagem-narrador rosiano, que conta suas histórias por meio de “palavras tortas”. Percebemos, então, que o estudo do tempo rosiano, unido ao tempo do poeta de Agamben, sobrepuja imensamente as barreiras delimitadas de um tempo convencional cronológico.

A escolha da obra rosiana é bastante significativa. Chama atenção, em *GSV*, a maneira como a questão do tempo é tratada. De fato, em todo o livro, que é tão extenso quanto denso, poucas são as referências ao tempo ou a passagens temporais associadas às unidades de medida conhecidas da Física Clássica. Praticamente não há indicações de números de dias, semanas, meses, anos ou de horas; não há datas, nem mesmo aquelas comemorativas que propiciam ao leitor um posicionamento da época em que as ações relatadas se desenvolvem, e nem mesmo menções aos dias em calendários, com poucas designações às estações do ano. O narrador

¹ A partir desta primeira citação nominal à obra *Grande sertão: veredas*, esta será referida apenas por *GSV*, com o objetivo de manter a leitura textual mais fluente.

² Giorgio Agamben é um filósofo italiano, nascido em Roma em 1942, Professor de Estética e Filosofia Teorética na Università de IUAV, em Veneza. Possui extensa obra escrita, na qual procura refletir sobre o homem contemporâneo e seu comportamento político. Sua obra literária, frequentemente, apresenta interface com a filosofia, a poesia e a política.

Riobaldo, várias vezes, expressa a passagem do tempo através de frases como estas: “A tarde foi escurecendo” (p. 79) ou “Tempo instante, que empurrou morros para passar...” (p. 83).

A narração de toda essa história rosiana é deslocada do foco do tempo físico, e os aspectos cronológicos do tempo, aqueles tradicionalmente normatizados como a contagem dos dias e das horas, não são significativos na construção da narrativa rosiana. Isso porque a base de estruturação temporal de *GSV* é depositada na natureza e nas transformações perceptíveis que nela ocorrem. Exemplificando: Riobaldo assim conta sobre o adiantamento das horas: “A ver, e o sol, em pulo de avanço, longe da banda de trás, por cima de matos, rebentava, aquela grandiosidade. Dia desdobrado” (p. 47).

Contudo, aqueles aspectos da natureza passíveis de serem identificados enquanto variações temporais, unidos às questões ficcionais encontradas em *GSV*, exigem um elaborado conhecimento tanto da natureza quanto da escrita de romances de ficção e, ao que tudo indica, Rosa satisfaz tais quesitos e outros mais. Guimarães Rosa³ foi médico atuante, poliglota já na juventude, contista, romancista, cônsul do Brasil em Hamburgo, diplomata de carreira, homem culto, arquiteto de palavras, estudioso de filosofia, antropologia e ainda outros temas universais que perpassam a vida de todos. Foi membro da Academia Brasileira de Letras; e suas obras, em especial *GSV*, publicada em 1956, é considerada obra-prima literária e um desafio interpretativo ainda em aberto. Sua dedicação ao escrever essa e outras obras foi citada por Antonio Candido⁴ em entrevista na qual revelou que durante seu tempo no Itamaraty, Rosa fazia fichários dos acidentes geográficos, das plantas, dos passarinhos do sertão mineiro com seus nomes científicos, como se assim se preparasse para fazer um trabalho de sociologia. E como ainda há a presença importante de temas metafísicos – em particular, a pergunta constante e não respondida se o demônio existe –, *GSV* seria, nas palavras do próprio autor, “uma espécie de *Fausto sertanejo*” (ROSA, 1962, 2min44s). De tal modo, tanto conhecimento e genialidade literária justificam plenamente como as cores, luzes, sons, cheiros e peculiaridades da natureza são bem aplicadas para narrar o tempo em *GSV*.

A aproximação, via diálogo temporal, com Agamben, no ensaio *O que é o contemporâneo?* se deve ao fato deste propor uma diferenciada visão temporal que parte do conceito de tempo desenvolvido pelos gregos antigos, que o dividiam em *Chronos* e *Kairós*, para se chegar a uma concepção que prioriza o tempo kairológico. Isso significa dizer que

³ Os dados biográficos de Guimarães Rosa foram obtidos do site da Academia Brasileira de Letras, <https://www.academia.org.br/joao-guimaraes-rosa/biografia>. Acesso em: 20 ago. 2021.

⁴ Entrevista de Antonio Candido sobre Guimarães Rosa. Disponível em: *Grande sertão: veredas: Antonio Candido sobre Guimaraes Rosa – Youtube*. Por ZekitchaCostello, em 02/03/2014. Acesso em: 20 ago. 2020.

Kairós, que vem a ser o aspecto do tempo qualitativo, oportuno e plenamente prazeroso, será aquele que superará *Chronos*, o tempo da cronologia presente nos relógios e calendários que considera apenas os aspectos quantitativos e mensuráveis do mesmo.

Para tanto, Agamben desenvolve uma teoria na qual propõe que as considerações, crenças e especulações da história e da cultura que possuímos não são estáticas ou inflexíveis e trazem implícitas certas experiências de tempo que necessitam ser repensadas, pois só assim seria possível uma autêntica transformação do mundo. A noção ocidental de que o tempo é um contínuo progressivo está atrelada a uma visão de desenvolvimento humano gradual e incessante, que não possui respaldo objetivo. Tal visão representa uma marcha de tempo vazio e homogêneo que precisa ser submetido a uma crítica para reavaliar o próprio valor de progresso da humanidade. Repensar, pois, é um movimento fundamental nesse contexto: “A subserviência a este tempo inapreensível [o tempo homogêneo, infinito e quantificado] constitui a enfermidade fundamental que, com o seu adiamento infinito, impede a existência humana de possuir a si mesma como algo único e completo” (AGAMBEN, 2008, p. 123). Agamben continua:

Existe, porém, uma experiência imediata e disponível a todos em que uma nova concepção de tempo poderia encontrar o seu fundamento. Esta experiência é algo tão essencial ao humano que um antigo mito do Ocidente faz dela a pátria original do homem. Trata-se do prazer. Aristóteles já havia percebido que ele não é homogêneo à experiência do tempo quantificado e contínuo. [...] o prazer, diversamente do movimento, não se desenrola em um espaço de tempo, mas “é a cada instante um quê de inteiro e completo” [...] A experiência ocidental do tempo está cindida em eternidade e tempo linear contínuo [...] A esta concepção, que condena ao fracasso toda tentativa de dominar o tempo, deve-se opor aquela outra segundo a qual o lugar próprio do prazer, como dimensão original do homem, não é nem o tempo pontual nem a eternidade, mas a história. [...] A história, na realidade, não é, como desejaria a ideologia dominante, a sujeição do homem ao tempo linear contínuo, mas a sua liberação deste: o tempo da história é o *cairós* em que a iniciativa do homem colhe a oportunidade favorável e decide no átimo a própria liberdade (AGAMBEN, 2008, p. 127-128).

Dessa forma, Agamben lança o poeta – o contemporâneo, no ponto temporal onde ele é capaz de perceber como as estruturas sociais moldaram o tempo para aprisionar o homem em uma concepção temporal que o acorrenta, cabendo ao poeta despertá-lo para uma verdadeira compreensão de um tempo capaz de romper com os elos que o prendem à cronologia e libertá-lo para ser o dono de sua própria história de vida. Isso porque o poeta é aquele capaz de ver as obscuridades do seu tempo, imerso que está em sua realidade, e escrever “mergulhando a pena

nas trevas do presente”, não cessando nunca de interpelar os escuros de sua época e repensar o presente (AGAMBEM, 2009, p. 63-64).

Questionamentos semelhantes percorrem toda a narrativa do singular narrador Riobaldo em *G.S.V.* Ex-jagunço e agora fazendeiro, Riobaldo se põe a especular ideias sobre a vida, a morte, o amor, o tempo: “Mas o sentido do tempo o senhor entende, resenha duma viagem” (p. 601). Riobaldo, ao narrar as suas memórias a um senhor da cidade, conta, assim, muito mais do que as suas histórias, enveredando no questionamento da travessia da sua vida e da vida das pessoas que com ele seguem viagem. O espaço sertanejo de Minas é o pano de fundo desse relato que nos reporta às luzes e sombras da humanidade e não só a este espaço que Rosa, nesse romance, teceu com arte rara, encanto, poesia e vivacidade: o espaço deste sertão é aberto a indagações filosóficas de limites universais (COSTA, 2013, Parte II – Texto 1).

É através deste contar memorialístico de Riobaldo, que parece tão confuso e que se apresenta fora do limiar de uma ordem cronológica, que o leitor se envereda na travessia da vida deste peculiar narrador. De acordo com Nunes: “Por intermédio dessa conversa rememorativa, um contar baratinado, que nem sempre recapitula em ordem cronológica a vida de Riobaldo, o leitor entra, seguindo as veredas temporais da narrativa, no mundo da obra, o Sertão[...]” (NUNES, 1999, p. 182). Sertão que percorre espaços infinitos e aproxima tempos pelo prisma do olhar de um jagunço refletindo sobre momentos da sua vida passada: “Agora, eu, velho, vejo: quando cogito, quando relembro, conheço que naquele tempo eu girava leve demais, e assoprado” (p. 503). Exemplo: Riobaldo percebe a guerra chegar rápido: “Combate vem é feito raio cai” (p. 247), mas demora para acabar: “Só foi um tempo. Só que alargou demora de anos” (p. 343) e ainda causa momentos de ansiedade: “Fechei os olhos, e contei. Até dez, aguentei não, que me deu um deciso já em sete” (p. 552).

O tempo que escorre entre os dedos, que não é senão o presente, que voa nas asas de um avião, que é areia que o tempo levou e é ao mesmo instante inexorável e impreciso, escapa das suas especificações físicas, da obscuridade do presente, a fim de alcançar as luzes do futuro, na literatura. Isto porque, como afirma Todorov, “a literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2010, p. 76). De fato, ao se cingir de novos conceitos temporais, o homem abre seu futuro e nele se insere com sua sensibilidade própria. E, quando entra em apreciação a voz do poeta, trazida por Agamben, analogias com a linguagem poética do jagunço Riobaldo poderão produzir e fazer germinar inovadoras visões temporais. Este é propósito final desta tese, que agora se apresenta.

Dessa forma, o primeiro capítulo apresenta como o conceito de tempo e a percepção que temos dele se modificou. Uma perspectiva histórica de como ocorreram tais alterações é apresentada e analisada ao longo do próprio processo de desenvolvimento humano, onde o progresso, o desenvolvimento da economia e as influências destes se interrelacionam neste questionamento. Nesse sentido, como afirma Le Goff, sempre houve um componente ligado ao poder e às classes que o detém na determinação temporal das datas e do calendário: “Os que controlam o calendário controlam indiretamente o trabalho, o tempo livre e as festas” (LE GOFF, 1994, p. 494). A influência religiosa cristã, certamente, faz parte deste contexto, visto que contamos nossos próprios períodos temporais da história com o centro em antes e depois de Cristo, e é inegável a influência da religião em nossos calendários e atividades cotidianas.

A partir destas constatações é proposta uma outra visão temporal, agora acrescida das noções de *Chronos* e *Kairós*, estabelecidas pela mitologia grega antiga e retomadas por Agamben. Tal concepção, é então, apresentada, bem como os desdobramentos que surgem a partir dela, segundo o levantamento de Agamben, que incluem parte dos conhecimentos sobre a cosmologia de Platão e a Física de Aristóteles, entre outros. O fechamento deste capítulo é a exposição da visão de Agamben sobre o conceito de tempo por ele estudado.

O segundo capítulo estuda como a narrativa em *GSV* é desenvolvida por Rosa, nas palavras de Riobaldo. Exemplo: “E foi. Saímos dali, num pintar de aurora. E em lugares deerados. Mais não se podia. Céu alto e o adiado da lua” (p. 54). Isto implica conhecer qual discurso narrativo, qual linguagem e quais recursos literários foram por ele utilizados e como há o entrelaçamento da linguagem narrativa com o narrador Riobaldo. A partir de considerações iniciais que situam o romance rosiano dentro do seu contexto literário inovador, uma análise sobre o peculiar narrador-personagem é elaborada, pois o que se apresenta, em *GSV*, é uma oralidade de escrita, uma linguagem memorialística labiríntica e uma linguagem mítica que ultrapassa as margens dos mitos tradicionalmente conhecidos em um sertão de veredas com tessituras próprias.

Neste contexto, percebe-se uma inebriante linguagem poética tortuosa de um chefe de jagunços que conta sua travessia de vida através de um olhar transmutado por um amor embaralhado e indizível por um dos seus companheiros; algo que envolve toda a natureza à sua volta, agora enlevada por este amor embaralhado. A presença da linguagem própria dos sertanejos mantém a proximidade com a realidade do sertão, que mesmo mítico, mantém seu estatuto de misérias e guerras, mortes e violência.

O terceiro capítulo concentra seu estudo sobre o tempo na narrativa de *GSV*, com foco na presença do poeta, do *chronos* e de *kairós* no sertão rosiano. A partir desta perspectiva, é

apresentada a leitura do tempo de Riobaldo, do tempo dos sertanejos e jagunços e do tempo de Riobaldo e Diadorim. Para cada um destes personagens é desenvolvida uma análise temporal sob o filtro dos tempos cronológicos e kairológicos, sendo percebido como é naturalmente aceita a cronologia da guerra em todo o sertão, independentemente dos personagens que são destacados para estudo. Exemplo: “A lá chegamos num de-tardinha. Às primeiras horas, conferi que era o inferno. Aí, com três dias, me acostumei” (p. 158). Estas são as palavras do próprio jagunço Riobaldo quando chegou no acampamento de Hermógenes, antes da morte de Joca Ramiro.

E, quanto ao tempo de Riobaldo e Diadorim, conclui-se que mesmo estando ambos, em várias situações, inundados pelo encantamento do amor dos tempos kairológicos, isto não implica que não há o poder da cronologia entre eles. O que remete a avaliar a força igualmente poderosa de *chronos* e *kairós*, pois estes não são antagônicos, opostos ou excludentes.

O quarto capítulo examina mais profundamente os entrelaçamentos dos tempos problematizados, especificando as formas como eles se cruzam e se entrecruzam, concluindo que o tempo da travessia de Riobaldo envolve muito mais do que simples envolvimentos de presença ou ausência de *chronos* e/ou *kairós*.

Conclui, também, o uso da presença da linguagem poética nos momentos kairológicos de Riobaldo junto a Diadorim, mas não exclusivo à presença física dele, pois este se estende para todas as memórias que Riobaldo narra, para todos os momentos em que ele sente a presença deste amigo/amor por perto; algo que é percebido e contado por “palavras tortas” através das alterações temporais percebidas na natureza. A mesma lógica não se apresenta nos tempos cronológicos, pois no sertão, o que prevalece é *chronos*. Nas palavras de Riobaldo: “Tempo é a vida da morte: imperfeição” (p. 587).

Conclusões finais indicam que o tempo, em *GSV*, tece histórias, entrecruza-se com a vida e a morte em um infinito começo e recomeço, com tempo dentro de tempo, *kairós* dentro de *chronos*, e *chronos* dentro de *kairós* em níveis que ainda permanecem sem pleno conhecimento, como toda a obra de Rosa ainda se mantém.

CAPÍTULO 1 O TEMPO E SUAS HISTÓRIAS

Há muito que o homem vem se questionando sobre o tempo, sobre como ele transcorre ou como é possível medi-lo. O passar do tempo é concretamente percebido na natureza por meio dos ciclos das estações, e seu desenrolar é esperado e apreendido pela agricultura. O decorrer de dias, meses e anos permite o desenvolvimento físico e mental das pessoas. Meses passam ansiosamente durante uma gestação, e todo o reino animal tem sua vida delimitada entre o tempo do seu nascimento e da sua morte. Contudo, definir o que é o tempo não é tarefa fácil. Guimarães Rosa assim escreveu: “Tempo que me mediu. Tempo? Se as pessoas esbarrassem, para pensar – tem uma coisa! –: eu vejo é o puro tempo vindo de baixo, quieto mole, como a enchente duma água...” (ROSA, 2006, p. 587).

Esse tempo possui uma singular e peculiar característica que compartilha também com o espaço: dispõe de uma forma de percepção diferenciada⁵. Isto permite experimentarmos o tempo diversificadamente e, através dele, perscrutar o passado, vivenciar o presente e especular sobre o futuro. De maneira extraordinária, em nossas memórias e pensamentos, manipulamos o tempo continuamente, tanto no pretérito quanto no futuro e, facilmente, chegamos a esquecer de vivenciar o único tempo que realmente possuímos, que é o tempo presente. Dessa forma, histórica e culturalmente, muito da vida e da obra das pessoas configura-se inerente ao tempo, mas dele temos pouca experiência consciente.

1.2 TEMPO

Responder sobre o que é o tempo, emitir um conceito do tempo seria, então, algo relativamente complexo, e uma pesquisa histórica nos mostra que esse conceito sofreu modificações ao longo das gerações. Há também maneiras formais de se conceber o tempo, como na Física, por exemplo; maneiras padronizadas de expressá-lo, como nos calendários; formas narrativas diferenciadas para descrevê-lo, como nos vários tempos verbais existentes (pretérito, presente, futuro e suas derivações); repetições temporais que podem ser facilmente percebidas no cultivo e na produção de alimentos; e, claro, o tempo interior, que percebemos

⁵ Esta afirmação advém de Immanuel Kant, em sua obra *Crítica da razão pura*, em que expressa ser o tempo e o espaço formas de intuição interna e não conceitos. O desenvolvimento completo dessa assertiva encontra-se na primeira parte do livro citado: *Estética Transcendental, Primeira e Segunda Secções*.

ou sentimos que não nos parece ter medidas exatas. Pensar sobre essas diferenças desperta a nossa atenção e nos deixa mais atentos a tudo o que ocorre à nossa volta, desenvolvendo em nós uma experiência de tempo valiosa para nossa percepção do mundo.

Nesse sentido, uma resposta bem interessante sobre o que é o tempo foi proposta, no final do século IV d.C., por Santo Agostinho. Ele escreveu em seu livro *Confissões*:

O que é afinal o tempo? Quem o explicaria fácil e brevemente? Quem o captaria, ao menos apenas no pensamento, para proferir uma palavra sobre ele? Mas, ao falar, o que mencionamos que seja mais familiar e conhecido do que o tempo? E de algum modo entendemos quando falamos do tempo, e também entendemos quando ouvimos outra pessoa falar dele. O que é portanto o tempo? Se ninguém me pergunta, sei; se quiser explicar a quem pergunta, não sei (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, 14, 17).

Esse questionamento é bastante conhecido e expressa, muito claramente, a dificuldade de se definir ou conceituar o que é o tempo. Na mesma obra citada, Agostinho continua no empenho de definir o tempo, dividindo-o em pretérito (passado), presente (atualidade) e futuro (expectativa) em uma profunda indagação filosófica que remete à ontologia e à teologia. Tais interrogações possuem, igualmente, um valor literário que vale ser pesquisado.

O que permanece durante as investigações feitas por Agostinho é o problema sobre o que seriam o passado e o futuro. Isso é porque ambos não possuem uma permanência concreta e real: o primeiro porque já passou, e o segundo porque ainda não existe. O que verdadeiramente temos é a atualidade, enquanto o passado e o presente existem apenas na memória e nas lembranças de cada um. Tanto o que aconteceu há poucos segundos quanto o que ocorreu há um ano, dois ou dez meses já passou e não existe mais.

Quanto ao passado, este é acessado pelas nossas lembranças não havendo nada que possamos fazer para modificá-lo. O futuro prescinde absolutamente de nós, e nada pode se afirmar sobre ele. Podemos esperar um número grande de eventos que possam vir a ocorrer na vida, mas não há como afirmar o que vai realmente acontecer no futuro. Esperamos que o futuro nos traga uma continuação de nossas vidas e atividades, que durante uma semana tenhamos momentos dedicados ao trabalho, outros à família, a vermos televisão, nos divertirmos, convivermos com nossos familiares ou amigos. Mas não podemos afirmar nada efetivamente sobre o futuro, pois não temos qualquer domínio sobre ele.

Um exemplo drasticamente claro sobre a total incerteza de nosso futuro é a pandemia da COVID-19 que se abateu sobre o mundo no início do ano de 2020 e ainda permanece entre nós: um surpreendente vírus desconhecido se espalhou por todo o mundo, levando-nos a incertezas, mortes, caos e crises hospitalares; desequilíbrios econômicos, sociais e políticos

jamais pensados. Não há, na história contemporânea, algo similarmente conhecido ou esperado. O que temos são informações históricas da pandemia da Gripe Espanhola que se espalhou por todos os continentes, no período de janeiro de 1918 a dezembro de 1920, deixando 50 milhões de mortos. Não obstante, esta parece extremamente distante de nós, não estabelecendo vínculos de compaixão ou empatia frente à pandemia atual⁶; outro claro exemplo que indica como a percepção do tempo é uma forma de sensibilidade interna, como afirmou Kant.

Immanuel Kant procura tornar claras as consequências de sua maneira de explicitar o tempo e afirma: “O tempo não é algo que exista em si ou que seja inerente às coisas como uma determinação objectiva” (*Crítica da Razão Pura*, B 49/A33). Isso significa dizer que o tempo não é objetivo, é um atributo da pessoa humana e não do mundo. Ele é a condição indispensável para a nossa intuição interna e se representa anteriormente aos objetos. Dessa forma, é considerado como domínio da pessoa e esta seria a causa pela qual determinamos o tempo (e também o espaço) como atributos individuais.

É devido a essa maneira de descrever o tempo que o percebemos passando de forma mais rápida quando, por exemplo, estamos com alguém de quem gostamos e nos sentimos bem ou quando estamos realizando algo que nos agrada. Igualmente, conceituamos o tempo como se estivesse passando muito mais lentamente quando fazemos algo de que não gostamos ou estamos com pessoas que nos desagradam. A mesma ideia, segundo Immanuel Kant, aplica-se ao espaço. Percebemos que há lugares que nos são especiais ou até sagrados, como uma casa onde vivemos felizes, um templo ou igreja; e igualmente lugares em que não gostamos de ficar, como lugares sombrios ou onde moram pessoas com as quais não temos empatia.

O processo mental de dividir o tempo entre passado e presente é, então, parte integrante da forma como o homem percebe mudanças, variações e relações com o antes e o agora. É uma operação fundamental que permite a distinção, tanto daquilo que já ocorreu como daquilo que, a partir do presente e do aprendizado proporcionado pelo passado, permite inferir sobre o futuro. É a partir dessas percepções de passado, presente e futuro, que o homem tem construído a sua vida e gerenciado a condução da teia da sua história individual e coletiva.

⁶ Os dados atualizados de 10 de junho de 2020 mostravam 772.416 casos confirmados e 39.680 mortes por COVID-19 só no nosso país e 7.039.918 casos confirmados e 404.396 mortes no total global de pessoas pelo mundo. Fonte: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br>. Acesso em 10 jun. 2020.

Em 12 de julho de 2021, os dados atualizados extraídos da mesma fonte mostravam 19.089.940 casos confirmados e 533.488 total de óbitos registrados pela COVID-19. São números assustadores!

A pandemia se mantém em níveis assombrosos. Em 4 de fevereiro de 2022, os dados da fonte citada registram 386.549.962 de casos confirmados e 5.705.754 mortes de COVID-19 em todo o mundo.

Contudo, como já mencionado, a concepção que fazemos do tempo sofreu modificações ao longo da história, e um breve aprofundamento sobre este ponto em muito poderá ajudar a entender com mais clareza a proposta deste trabalho. Tal pesquisa será feita em alinhamento com as ideias de Jacques Le Goff e Giorgio Agamben, como se segue.

1.3 HISTÓRIA DO TEMPO

Segundo Agamben, os povos da Antiguidade greco-romana concebiam o tempo por meio de uma imagem espacial que representava um movimento contínuo que se repetia eternamente e de forma imutável. Tal imagem espacial corresponderia a um círculo, ou mais apropriadamente falando, a um movimento circular uniforme sempre idêntico e que se manteria perpetuamente (AGAMBEN, 2008, p. 112-113).

Essa foi a teoria formulada por Platão, em sua obra *Timeu*, na qual o tempo corresponderia a um movimento cíclico relacionado muito estreitamente ao movimento dos astros do céu visível. É o que Platão afirma: “(...) quando [o *deus*] ordenou o céu, construiu, a partir da eternidade que permanece uma unidade, uma imagem eterna que avança de acordo com o número; é aquilo a que chamamos tempo” (*Timeu*, 37 d-e).

A cosmologia de Platão segue enunciando a formação dos dias, anos e meses, sendo importante ressaltar o fato da criação simultânea do tempo e do mundo. Nesse contexto, “podemos dizer que o *Tempo* foi criado com o *Mundo*. Antes ele não existia” (MATSUURA, 2019, p. 66). Esta é uma maneira concisa para descrever o que está no *Timeu*: “de fato, os dias, as noites, os meses e os anos não existiam antes de o céu ter sido gerado, pois ele preparou a geração daqueles ao mesmo tempo que este era constituído. Todos eles são partes do tempo” (*Timeu* 37, e). O filósofo acrescenta ainda que

foram gerados também [o tempo e o céu] de acordo com o arquétipo da natureza eterna, para que lhe fossem o mais semelhantes possível; é que o arquétipo é ser para toda a eternidade, enquanto que a representação foi, é e será continuamente e para todo o sempre deveniente (38 b-c).

Devemos também complementar o porquê do movimento do tempo e dos astros serem considerados circulares e uniformes, e isto se deve a que tal figura geométrica era dita perfeita, analogamente à Ideia de perfeição do Demiurgo. Recorrendo novamente a Matsuura, assinalamos que:

Na Cosmologia de Platão, o Tempo tem primazia sobre o espaço. De certa forma, o Tempo de Platão é mais abstrato (portanto mais real para ele!), pois alude à Ideia perfeita de eternidade. O Tempo foi criado pelo Demiurgo, é medido pelos ciclos astronômicos e é preenchido por ciclos vitais como o nosso nascimento, crescimento, maturidade, velhice e morte e outros acontecimentos históricos (MATSUURA, 2019, p. 67-68).

O tempo estava no domínio da natureza, nas estações do ano, nos ciclos de plantio e colheita, no nascer e pôr do sol, nos ciclos da lua, nos movimentos das marés, na observação de estrelas. O homem não tinha, àquela época, quase nenhuma tecnologia precisa para medir o tempo e suas flutuações – um exemplo é a questão do ano bissexto e o que fazer com um período de 24 horas que sobrava a cada quatro anos.

O pensamento de Platão, de que o começo do mundo tivesse ocorrido junto com o tempo, remete a uma inquirição sobre o que ele denomina a “questão da formação temporal ou não-temporal do cosmo”. Isso está relacionado aos problemas com a tradução do grego em determinadas passagens específicas do *Timeu*. Contudo, o estudo mais detalhado, feito por Robinson, leva a crer que Platão estava realmente falando de uma formação temporal do cosmo⁷ (ROBINSON, 2007, p. 100). Isso fica confirmado em *Timeu*: “Assim, o tempo foi, pois, gerado ao mesmo tempo que o céu, para que, engendrados simultaneamente, também simultaneamente sejam dissolvidos” (*Timeu*, 38 b).

O homem, na época grega antiga, compreendia o tempo como algo que permanece e que sempre se mantém em um constante retorno. O tempo estaria presente em tudo, em todos os lugares, existindo estritamente ligado ao movimento. Isso implicaria que, da mesma maneira como medimos o movimento pelo tempo, medimos o tempo pelo movimento, de acordo com (*Timeu* , 10, 220 b).

O repouso era igualmente considerado uma forma de tempo, sendo o número que possibilita a medição da ausência dessa grandeza, a partir do último instante em que houve alguma mudança. Aristóteles afirmou: “É evidente, então, que o tempo é o número do movimento segundo o antes e o depois, e é contínuo, porque é número de algo contínuo” (*Física IV*, 11, 220 a)⁸. Assim, quando percebemos um antes e um depois, estamos falando de tempo.

Contudo, Aristóteles prosseguiu em um estudo mais aprofundado sobre o tempo físico, percebendo particularidades nas ocorrências temporais. Ele afirmou que o tempo é o mesmo simultaneamente em todas as partes, mas há diferenças entre o tempo que se passou e aquele

⁷ Um estudo mais aprofundado sobre a questão da formação temporal ou não temporal do cosmo se encontra no mesmo livro citado, p. 100-150.

⁸ Tradução do espanhol desta autora, referindo-se igualmente, à todas as citações posteriores desta mesma obra.

que virá posteriormente, e, “além disso, como um movimento pode ser um e o mesmo uma e outra vez, assim também pode ser o tempo, como um ano ou uma primavera ou outono” (*Física IV*, 220 b). Esse exemplo explicaria perfeitamente o porquê das estações do ano, o porquê da primavera e do outono acontecerem sempre em um determinado ciclo temporal, sem, contudo, apresentarem as mesmas características a cada ano.

Já, quanto ao instante, este seria a continuidade do tempo; ele uniria o futuro e o passado, sendo, pois, fim e início. Dessa forma, o fim do passado e o início do futuro ocorreriam em um mesmo ponto, tal como em um círculo. Esse seria um atributo do tempo, visto que “o tempo está sempre em um começo e um fim, e por isso parece sempre distinto, pois o agora não é o começo e o fim do mesmo (...). E o tempo não se extinguirá, pois está sempre começando” (*Física IV*, 11, 222 b).

Aristóteles explica, muito apropriadamente, as considerações acima apresentadas:

O movimento circular uniforme é a medida por excelência, porque seu número é o mais conhecido. Nem a alteração nem o aumento nem a geração são uniformes, só o é o deslocamento. Por isso se pensa que o tempo é o movimento da esfera, porque por este são medidos os outros movimentos, e o tempo por este movimento (*Física IV*, 11, 223 b).

Esse conceito circular se modificou com a experiência cristã do tempo. De acordo com Agamben, “enquanto a representação clássica do tempo é um círculo, a imagem do tempo cristão é a de uma linha reta. O mundo, para o cristão, é criado no tempo e deve acabar no tempo” (AGAMBEN, 2008, p. 114-115). Nosso universo foi criado em um determinado momento, tem uma certa duração, não é infinito e acabará em um determinado tempo. Este é um universo finito e limitado onde os eventos que acontecem nele não se repetem nunca.

Nesse conceito, diferentemente do conceito clássico circular, o tempo tem uma direção e um sentido e iniciou-se de acordo com a perspectiva narrada no livro *Gênesis*, da Bíblia. Este se estende em uma direção e um sentido que tem como referência central a encarnação de Cristo, e é caracterizado por um desenvolvimento e progresso que vai da queda inicial pelo pecado original do homem à sua redenção final. Com essa nova concepção, a história se tornou, por consequência, uma realização progressiva da redenção, que tem como ponto fundamental e central o encontro com Deus. E cada evento e momento desta linha do tempo são únicos e insubstituíveis (AGAMBEN, 2008, p. 114-115).

O que aconteceu depois disto foi algo muito importante: o cristianismo foi o responsável por estabelecer as bases para uma nova experiência da história, pois separou definitivamente o tempo do movimento natural das estrelas e dos planetas, e fez dele um fenômeno essencialmente

humano e interior. Santo Agostinho, em sua obra *Confissões*, já questionava sobre este aspecto humano do tempo:

Ouvi dizer de um homem instruído que o tempo não é mais que o movimento do sol, da lua e dos astros. Não concordei. Por que não seria antes o movimento de todos os corpos? Se os astros parassem e continuasse a mover-se a roda do oleiro, deixaria de haver tempo para medirmos as suas voltas? Não poderíamos dizer que estas se realizavam em espaços iguais, ou se a roda umas vezes se movesse mais devagar, outras mais depressa, não poderíamos afirmar que umas voltas demoravam mais, outras menos? Ou, ao dizermos isto, não falamos nós no tempo e não há nas nossas palavras sílabas longas e sílabas breves, assim chamadas porque umas ressoam durante mais tempo e outras durante menos tempo? Fazei, meu Deus, que os homens conheçam, por meio deste simples exemplo, as razões comuns das coisas grandes e pequenas (XI, 23).

O cristianismo, de fato, teria separado o tempo dos movimentos naturais dos astros no céu para defini-lo essencialmente humano, o que não significa que tal conhecimento era exclusivo dos cristãos, visto que o judaísmo também o conhecia. Para Le Goff, “o Cristianismo teria substituído as concepções antigas de um tempo circular pela noção de um tempo linear e teria orientado a história, dando-lhe *um sentido*” (LE GOFF, 1994, p. 64), acrescentando que havia também outras concepções do tempo conhecidas, além desta apresentada.

Estamos agora com um conceito de tempo retilíneo e irreversível, separado completamente de uma ideia de tempo circular e que não possui qualquer sentido que não seja o de um processo estruturado de acordo com o antes e o depois. Privilegia-se, dessa forma, o passado como sendo um tempo glorioso, onde a história dos acontecimentos é destacada. Contudo, como já afirmado, o Cristianismo não se reduz totalmente à ideia de um tempo retilíneo, pois nele está contida a expressão do tempo litúrgico, que tem sentido circular recorrente e se caracteriza quanto à sua temática das celebrações da Igreja Católica, em especial à Missa, com papel preponderante. Os tempos litúrgicos dividem-se em Tempo do Advento (que é a preparação para o Natal), Tempo do Natal, Tempo da Quaresma (que é a preparação para a Páscoa) e Tempo Pascal, sendo que o ano litúrgico se inicia no Tempo do Advento. Tem-se, então, no Cristianismo, a ideia de um tempo cíclico, correspondendo ao tempo litúrgico, conjuntamente com a ideia de um tempo retilíneo, linear e finito, correspondendo ao tempo humano.

Interessante notar que o sentimento de tempo passado, na cultura grega, era norteado pelo mito da Idade de Ouro e pelas recordações da época heroica, coletivamente compartilhada, enquanto a Igreja se ligava ao passado em uma concepção que determinava o futuro à decrepitude e à velhice. Contudo, a leitura histórica de um mundo em decadência já era

conhecida, dentro da Antiguidade clássica, nas obras de Lucrecio (*De rerum natura*, Livro II). Ele expôs o declínio de todas as coisas e da agricultura como uma forma de esgotamento, algo igualmente feito por Sêneca, o Velho, que no início do século I enunciou a história de Roma caminhando ao envelhecimento, em termos biológicos, a partir de Rômulo. Mas teriam sido os cristãos que melhor explicitaram e difundiram a ideia de um mundo em decadência (LE GOFF, 1994, p. 388).

Reforçada pela teoria das Idades do Mundo, esboçada inicialmente por Santo Agostinho e aperfeiçoada por Isidoro de Sevilha no século VII, a visão histórica do mundo em decadência logo se espalhou como uma ideia obsessiva (LE GOFF, 1994, p. 388).

A divisão das Idades do Mundo é a seguinte: a primeira inicia-se em Adão e termina em Noé; a segunda começa em Noé e vai até Abraão; a terceira começa em Abraão e segue até David; a quarta inicia-se em David e vai até o cativo da Babilônia; a quinta começa no cativo da Babilônia e vai até a encarnação do Salvador; a sexta – a época atual – inicia-se no nascimento de Cristo e irá durar até o fim do mundo (LE GOFF, 1994, p. 388).

Os desdobramentos que surgiram a partir dessa divisão foram muitos, como, por exemplo, os seis dias da Criação e os seis dias da semana. Mas um, em especial, é destacado: aquele feito por Santo Agostinho⁹ que remetia diretamente às idades da vida do homem. Estas seriam: a primeira infância, a infância, a adolescência, a juventude, a maturidade e a velhice (“*infantia, pueritia, adolescentia, iuventus, gravitas, senectus*” (LE GOFF, 1994, p. 388).

Essa ênfase do número 6 (seis) foi retirada da Bíblia, no livro *Gênese*, e também da concepção judaica apocalíptica que preconizava uma idade sabática no fim dos tempos. O Cristianismo apropriou-se dessas proposições e as usou como uma referência essencial do tempo: a semana; enquanto Santo Agostinho conferiu autoridade de teoria às seis idades da história em vários textos: *De divinis quaestionibus, quaestio LVIII, 2*; *De catechizandis rudibus, XXII, 39*; *De civitate Dei, XXII, 30,5* (p. 308).

A partir da divisão das Idades do Mundo e da aceitação de que se estaria vivendo a última idade – a velhice –, a consequência imediata é que o mundo e os homens caminhavam para a morte; a morte definitiva e o Juízo Final.

Durante muito tempo perdurou, para o homem da Idade Média, a contínua ideia de decadência e de desprezo pelo mundo. Contudo, outras ideias foram acrescentadas ao conceito das seis Idades do Mundo ao longo do tempo. Há referências, por exemplo, a uma sétima idade, apoiada na herança bíblica do Apocalipse, quando um reino de Mil Anos se seguiria na Terra

⁹ *De diversis quaestionibus, LVIII.*

antes do fim dos fins, e Boécio, no século VI, agregou a esse conjunto, o papel da Fortuna. Esta última logo entrou no imaginário da roda da Fortuna, que explicaria os infortúnios e os sucessos imprevisíveis e desconcertantes dos homens. E uma observação: apesar da palavra “*decadentia*” ter sido formulada na Idade Média, foi nos séculos seguintes que ela foi mais utilizada (LE GOFF, 1994, p. 308).

Nesse contexto, o homem estava vivendo uma multiplicidade de tempos: havia um tempo litúrgico (tempo cíclico que se repete, caracterizando-se a ritual dos dias, no qual se celebram os mistérios de Cristo, a Missa e os Santos), um tempo destinado aos trabalhos e às tarefas campestres (que estava estritamente ligado aos ritmos da natureza) e também um tempo advindo dos calendários, que era controlado pela Igreja e indicado pelos badalos de sinos. Esses eram tempos que se repetiam na história e que trouxeram importantes contribuições à formação de uma mentalidade histórica no Ocidente.

De fato, o Cristianismo amparou favoravelmente o raciocínio em termos históricos, mas a familiaridade entre Cristianismo e História precisa estar bem esclarecida. A mentalidade antiga, particularmente a grega, não se reduzia à ideia de um tempo circular; e o Cristianismo não se restringia à ideia do tempo linear. Como já mencionado, ao tempo linear cristão soma-se o tempo litúrgico em primeiro plano, de caráter efetivamente circular. E tanto o tempo religioso (aquele que contém o ciclo das celebrações litúrgicas que são comemoradas ao longo de um ano) quanto o tempo escatológico (o tempo da doutrina dos fins últimos do indivíduo e da humanidade) não valorizavam a mentalidade histórica, e ambos coexistem ainda hoje no Cristianismo. “Se o Ocidente prestou especial atenção à história, desenvolvendo especialmente a mentalidade histórica e atribuindo um lugar importante à ciência histórica, o fez em função da evolução social e política” (LE GOFF, 1994, p. 65).

Ressalte-se que o Cristianismo da época medieval exerceu uma grande influência e poder sobre o controle temporal na Terra e para além do tempo da vida. Na Terra, o principal exemplo está no calendário. Um exemplo dessa influência da Igreja nas datações do calendário é a determinação, ocorrida no Concílio de Nicéia, em 325 d.C., que fez do domingo de Páscoa um feriado e fixou a Páscoa para o primeiro domingo sucessivo ao primeiro plenilúnio¹³ da primavera (LE GOFF, 1994, p. 488).

A necessidade de um controle temporal além da vida encontra-se no Purgatório. Esse é uma crença e não se localiza nenhuma referência direta dele na Bíblia, algo que foi causa de discussões acirradas entre católicos e protestantes (que o recusavam) no século XVI e que Lutero denominou de “o terceiro lugar”. Não cabe, neste trabalho, discorrer sobre o nascimento, as penas e as imposições determinadas no Purgatório; compete-nos apenas apresentar como foi

importante, para a Igreja, ter o controle do tempo das almas que lá estavam e como tal ideia influenciou o pensamento e a mentalidade medieval (LE GOFF, 1995, p. 15).

Essencialmente, o Purgatório é um além-intermediário entre o Céu e o Inferno, um local onde certos mortos ficam durante um período de tempo determinado, cumprindo provações para remir-se de seus pecados veniais (perdoáveis), e onde podem receber, por meio de sufrágios – a ajuda espiritual dos vivos –, uma abreviação das suas penas. Mas, para se chegar à organização desse pensamento, supõe-se estarem bem esclarecidas as relações entre o corpo e a alma e também engendrar um pensamento de justiça e de um sistema penal bastante sofisticado (LE GOFF, 1995, p. 19).

Nesse sentido, a Igreja preconiza a existência de três lugares no além – Céu, Inferno e Purgatório –, e há muito estuda o lugar das almas das pessoas que cometiam pequenos delitos. Mas o Purgatório, dentro da doutrina cristã, foi aquele que mais exigiu tempo e discussões para ser concebido, pois, para bem determiná-lo, foi necessário fazer um escrutínio dos outros dois lugares. Como afirma Le Goff,

(...) esta construção secular da crença no Purgatório supõe e provoca uma modificação substancial das perspectivas do espaço-tempo do imaginário cristão. (...) mudar a geografia do além, do universo, portanto, modificar o tempo do após vida, portanto a ligação entre o tempo terrestre, histórico e o tempo escatológico, o tempo de existência e o tempo da espera, significa operar uma revolução mental lenta, mas essencial. À letra, é mudar a vida (LE GOFF, 1995, p. 15-16).

Essas seriam algumas das razões para a Igreja ter um rígido controle sobre o Purgatório. Le Goff afirma ser a Igreja inflexível, “(...) chegando mesmo a uma partilha do poder sobre o além entre ela e Deus, prova [de] que o que estava em jogo era importante” (1995, p. 16).

Contudo, o substantivo *purgatório* – *purgatorium* – não existiu até o final do século XII. O Purgatório não existe antes disso. Essa palavra surgiu entre os anos de 1150 e 1200 como uma mudança para uma geografia ternária do pensamento da sociedade. Na Bíblia, encontramos apenas um texto do Antigo Testamento que causa discussões entre os protestantes, por não o considerarem canônico, que seria uma prova da existência de uma crença no Purgatório. Tal texto foi aproveitado pela teologia cristã ao abordar os estudos de Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino referentes a tal crença. Trata-se de II Macabeus, XII, 41-46, onde se narra uma história de guerra, quando Judas Macabeus ordenou que fosse feito um sacrifício expiatório para que as almas dos combatentes judeus mortos ficassem livres dos seus pecados (LE GOFF, 1995, p. 17).

Oscilando entre o tempo terrestre e o tempo escatológico, situado em uma geografia intermediária, sendo um reino transitório e criado no tempo, o Purgatório respondeu literalmente à visão de Dante n’A *divina comédia*. Este contém uma estrutura lógica, até matemática, e introduziu um parâmetro novo na organização do pensamento da sociedade medieval, que começou a perceber o mundo para além de uma dualidade simples, encontrada entre luz e escuridão: Céu e Inferno.

Segundo Dante, o Purgatório tem a concepção de uma montanha com nove áreas ou círculos de purgação. Duas dessas áreas são chamadas de Ante-purgatório (onde expiam as almas dos excomungados e daqueles que se arrependem tardiamente). As outras sete correspondem, cada uma, a um lugar de purgação dos sete pecados capitais (ou veniais) – orgulho, inveja, ira e rancor, preguiça, avareza e ganância ostensiva, gula e luxúria.

O tempo no Purgatório é variável, mensurável, não usurpa o tempo cronológico e pode sofrer alterações durante o período de sua duração, que vai da morte até à ressurreição final, tanto pelas faltas cometidas pelos defuntos individualmente, quanto pela quantidade dos sufrágios oferecidos às almas do Purgatório ¹⁰. E, por causa da dureza das penas sofridas pelas almas dos condenados, este tempo é maior se comparado proporcionalmente ao tempo dos vivos. Essa seria uma forma de destacar a diferença entre o tempo terrestre e o tempo no além, que é o tempo de Deus (LE GOFF, 1995, p. 346-348).

Todavia, há no Purgatório uma lógica: à medida que o condenado purga seus pecados, ele se torna mais puro e leve e, a cada passo, sua alma progride. Essa é a lei do progresso, interpretada tanto no sentido físico quanto espiritual, que modifica e conduz o tempo neste terceiro caminho das almas.

Nesta temporalidade sinfónica, o tempo é feito da ligação do tempo da viagem de Dante com o tempo vivido das almas do Purgatório entre as quais ele passa, é feito sobretudo dos diferentes tempos misturados dessas almas postas à prova entre a terra e o céu, entre a vida terrena e a eternidade. Tempo acelerado e tempo retardado, tempo em vaivém entre a memória dos vivos e a

¹⁰ Esse tema da contabilidade de sufrágios, pecados cometidos e tempo passado no Purgatório, segundo Le Goff (1994, p. 346), foi o que acarretou o surgimento de um sistema de indulgências que estimulou todo tipo de excessos em relação à contagem desse tempo.

inquietação dos mortos, tempo ainda ligado à história e já absorvido pela escatologia.

No Purgatório, até a duração é regulada pelo progresso das almas (LE GOFF, 1995, p. 419).

Importante notar que somente no *Purgatório* há menção ao tempo e à temporalidade. A montanha do Purgatório é o local onde a alma dos condenados caminha do escuro para a claridade, ascendendo para a luz:

No *Inferno* as únicas indicações sobre o tempo eram as que demarcavam a viagem de Virgílio e Dante. No *Paraíso* o tempo será abolido [...]. O Purgatório é, pelo contrário, um reino no tempo. Dante integra a situação do tempo do Purgatório no conjunto do tempo da história, o tempo máximo de permanência no Purgatório é o que se estende da morte ao Julgamento Final (LE GOFF, 1995, p. 418).

Contudo, a história do Purgatório, que teve seu auge no século XIII, só se vinculou como dogma na doutrina na Igreja no Concílio de Ferrara-Florença, em 1438-1439, e no Concílio de Trento, em 1563 (LE GOFF, 1995, p. 332).

Quanto ao conceito de “decadência”, perdurou por muito tempo e, quando a noção de “progresso” surgiu no Iluminismo, este não representou um contraponto verdadeiro à noção de decadência, visto que o progresso se manifesta em uma leitura horizontal, voltada para frente, enquanto a decadência é um conceito vertical, orientado de cima para baixo (LE GOFF, 1995, p. 377). No entanto, “o sucesso do conceito de decadência parece só ficar completo, da Renascença à Revolução Francesa, à custa da exaustão do próprio conceito” (LE GOFF, 1995, p. 392-393).

A concepção de um tempo de decadência trouxe também consigo outros critérios além da caminhada do mundo para o Juízo Final. Assinalam-se cinco desses: 1) decadência cósmica: seria a própria velhice do mundo contida na ideia da marcha mundial para o fim dos tempos. O universo, a natureza, a terra, o mar estavam se corrompendo e envelhecendo para o fim; 2) decadência moral ou decadência dos costumes: esta se mostrou gradual e muitas vezes caracterizada pelo luxo e riqueza, chegando até a uma tipologia anedótica ao criticar o uso de tabaco; 3) declínio religioso: referia-se às condutas da Igreja, que se afastava cada vez mais do seu modelo primitivo de piedade, disciplina, caridade e humildade, para abraçar a avareza, a riqueza, o orgulho, a hipocrisia; 4) decadência política: esse critério, em alguns momentos, se mescla com a perda da moralidade e da justiça quando se fala do envelhecimento e queda dos impérios, ao qual se sucederam períodos de dominações entregues ao luxo, mas aponta, concomitantemente, para a corrupção interna dos governos; e 5) decadência cultural: esse

aspecto, principalmente após o Renascimento, diz respeito ao declínio das artes, das letras, da língua e das ciências, sendo às vezes associado conjuntamente com a decadência política (LE GOFF, 1995, p. 405-407).

Não obstante, a concepção de um tempo de decadência foi historicamente sendo dissolvida ou corrigida por uma crença contínua em um progresso ou renovação, além das várias críticas que aquela trouxe consigo. Claramente, nenhum historiador moderno estaria disposto a manter o conceito “qualitativo” de decadência, que encontrou seu lugar em um determinado conjunto histórico, cujas teorias relataram ruína e morte, muito frequentemente relacionadas ao pensamento histórico cíclico ou linear, à história política ou catastrófica. Um termo mais adaptado a se usar seria “crise”, deixando a palavra “decadência” somente para indicar índices econômicos, curvas populacionais e produção (LE GOFF, 1994, p. 415). Esclarece-se ainda que a própria palavra “decadência” surgiu, inicialmente, no ambiente da filosofia tradicional da História, o que causou desconfiança de muitos historiadores (*id.*, p. 318).

A ideia de progresso somente foi inserida após Petrarca, no século XIV, lançar mão de uma nova periodização histórica, denominando *Media Aetas* o decurso temporal entre a Antiguidade e o Renascimento que se anunciava. Mas, esse período (o Renascimento) só foi nomeado, como tal, em 1840 por Michelet, em sua primeira aula no Collège de France, mesmo que anteriormente já se projetassem historiadores que apresentavam tal nomenclatura (LE GOFF, 2015, p. 122).

É claro que vários fatores foram levados em conta para a periodização histórica que se inicia na Antiguidade Clássica e termina em meados do século XVIII. Estes foram: os progressos da economia rural, a invenção da máquina a vapor, o nascimento da indústria moderna na Inglaterra, a criação da *Enciclopédia* na qual se destacam a ciência e a tecnologia modernas, bem como nomes como Voltaire e Diderot, e o movimento antimonarquista, que atingiu seu auge na Revolução Francesa. Ressalte-se ainda que “talvez ainda seja preciso apontar que um ‘verdadeiro’ período histórico é habitualmente longo: ele evolui, pois a História jamais é imóvel” (LE GOFF, 2015, p. 124-127).

Para Agamben, a concepção de tempo da modernidade foi herdada da cultura que já é conhecida desde a Idade Média, que seria uma concepção de tempo retilíneo, infinito, em decadência e com sentido ligado à salvação humana e ao Juízo Final. A única mudança ocorrida foi o que se denominou “laicização do tempo cristão”, que retirou da experiência temporal qualquer sentido religioso que o cristianismo lhe havia imputado, inclusive o sentido que conduzia o homem à sua salvação. O tempo contínuo e retilíneo cristão, agora vazio de sentido, foi então submetido ao domínio da mecânica moderna, que prioriza um tempo igualmente

contínuo e uniforme que acabou se estendendo à vida das pessoas que moravam nas grandes cidades modernas e nas fábricas: uma vida repetitiva em suas tarefas, onde o que se valorizava não era mais o agora, mas o processo (AGAMBEN, 2008, p. 117).

É especialmente importante sublinhar essa perspectiva moderna do tempo, afirmada por Agamben e o que ele disse a seguir, pois foi a tentativa de salvar a ideia de dar ao tempo algum sentido que levou à introdução de que, inerente ao processo temporal, se agregaria um progresso contínuo e infinito, ideia essa “em si desprovida de qualquer fundamento racional” (p. 118). O avanço das ciências da natureza, que acompanhou o tempo moderno, trouxe consigo uma nova concepção sobre o tempo que fez do “desenvolvimento” e do “progresso”, que antes significava apenas a ideia de um processo orientado cronologicamente, um paradigma do conhecimento histórico. Contudo, vale destacar que a noção de progresso não inclui a ideia de decadência, e a primeira não está incluída no fundamento da modernidade.

Uma consequência direta desse novo norteamento temporal histórico foi a exclusão do homem de sua própria dimensão e o impedimento de seu acesso a uma historicidade autêntica. Tal concepção negaria a própria história em nome de um ideal de conhecimento moldado nas ciências da natureza, que, contudo, ultrapassa seus limites de autenticidade. Essa afirmação subtrai do tempo qualquer experiência vivida pelo homem e, assim, grandes nomes e pessoas passam a não ser mais instrumentos de uma marcha progressiva, pois o que importa passou a ser um processo global da história para o desenvolvimento (AGAMBEN, 2008, p. 120).

Não é por acaso que, quando surgiram críticas ao pensamento contemporâneo do mundo, essas partiram necessariamente de uma crítica ao tempo contínuo quantificado. A experiência ocidental condenou ao fracasso toda e qualquer tentativa do homem de dominar o tempo. O tempo homogêneo, vazio, infinito, que permite ser medido e quantificado, retirou do homem qualquer possibilidade de agir sobre ele ou de controlá-lo. O homem passou, então, a não ter mais a experiência do tempo que possuía no passado, pois o tempo agora o arrastava e fugia de seu controle (AGAMBEN, 2008, p. 118-124).

Contudo, Agamben afirma que é possível se criar uma nova e revolucionária experiência de tempo fazendo uso da forma como os gregos antigos designavam tal conceito, com base em duas indicações distintas: *Chronos* e *Kairós*. Dessa maneira, esclarecer adequadamente esta distinção é essencial para a compreensão que Agamben toma emprestado neste estudo. É o que será feito a seguir.

1.4 CONCEPÇÃO GREGA DO TEMPO

O tempo, entre os gregos, era designado por dois termos distintos: αἰών e χρόνος¹¹. O primeiro termo, comumente, dizia respeito à época da vida, duração da vida, que acabou levando à vida ou ao destino. Por sua vez, χρόνος estava ligado à duração do tempo e, por consequência, ao tempo como um todo e também ao tempo infinito. Assim: “αἰών e χρόνος designavam, respectivamente, uma época ou parte do tempo e o tempo em geral. Entretanto, αἰών evoluiu para significar ‘eternidade’, de tal sorte que chegou um momento em que o significado de αἰών foi mais amplo do que o de χρόνος” (MORA, 2001, p. 671).

Tanto Platão quanto Aristóteles usaram tais termos, mas foi Aristóteles quem muito se debruçou sobre o que seria o tempo, observando que este e o movimento estariam unidos de algum modo. É o que Aristóteles afirma:

Pois bem, no conceito de tempo, ou, se se quiser, de sucessão temporal, estão incluídos conceitos como os de “agora”, “antes” e “depois”. Estes dois últimos conceitos são fundamentais, pois não haveria tempo algum sem um “antes” e um “depois”. Donde o tempo pode ser definido do seguinte modo: (...) “o tempo é o número [medida] do movimento segundo o antes e o depois [o anterior e o posterior]” (*Física IV*, , 2, 220 a).

A mitologia grega também representava o tempo por meio de dois deuses distintos: χρόνος (*Chronos*) e Κάιρος (*Kairós*). *Chronos* representava o tempo físico, cronológico, ordenado, sequencial, linear, e designava os intervalos de tempo que podem ser medidos dentro de um limite. Assim, as horas, minutos, segundos, os dias, eram determinados por esse deus. *Chronos* era considerado o senhor do tempo, da pressão das horas do relógio, tido como um carrasco, limitador e escravizante (ARANTES, 2015, p. 2).

Na mitologia grega, *Chronos* é o rei dos Titãs e deus do tempo. Conta-se que ele castrou seu pai, Urano, tomando assim o reino do Céu. Depois, casou-se com sua irmã, *Reia*, e tiveram seis filhos: *Hades*, *Poseidon*, *Hera*, *Deméter*, *Héstia* e *Zeus*. Mas *Chronos* engoliu todos eles, logo após o nascimento, por receio de se concretizar a profecia que dizia que perderia seu poder por intermédio de um de seus filhos. Contudo, ele não sabia que *Reia* havia lhe enganado e salvado *Zeus*, que, adulto, deu a seu pai uma poção mágica que o fez vomitar e libertar todos os seus outros filhos. Dessa forma, por ter derrotado *Chronos*, *Zeus* e seus irmãos tornaram-se imortais (COMMELIN, 2011, p. 9-11).

¹¹ αἰών e χρόνος: em tradução livre: idade e tempo.

Kairós era o filho divino mais novo de *Zeus* e *Tique*, deusa da sorte e da fortuna. Ele é representado como um jovem destemido, que andava sempre nu, sendo belo, muito ágil e difícil de ser perseguido ou agarrado. A sua descrição física afirma que seu cabelo não cresceu da maneira habitual, possuindo somente uma mecha entre as sobrancelhas, que caía até as suas bochechas. *Kairós* representa o tempo eterno e não linear; aquele tempo que não pode ser controlado pelo relógio e que se refere à qualidade do tempo vivido, em oposição ao tempo de *Chronos*. A pessoa que conseguisse acompanhar e agarrar o cabelo de *Kairós* teria todo o tempo de sua vida feliz, produtiva e com boas oportunidades (ARANTES, 2015, p. 2-3).

Tem-se, então, a concepção de tempo grego dividida entre duas e distintas designações que se opõem: *Chronos*, como o tempo quantitativo, limitante e cronológico; e *Kairós* como o tempo qualitativo, eterno, não linear e que não pode ser medido. Essas duas conceituações de tempo foram bem conhecidas por Agamben, que, a partir desse conhecimento, propôs uma nova visão deste para a história e para a vida humana. Ele afirma que é possível se opor o tempo kairológico ao cronológico e a partir daí recuperar a experiência original do tempo humano e seu fundamento.

Existe, porém, uma experiência imediata e disponível a todos em que uma nova concepção do tempo poderia encontrar o seu fundamento. Esta experiência é algo tão essencial ao humano que um antigo mito do Ocidente faz dela a pátria original do homem. Trata-se do prazer. Aristóteles já havia percebido que ele não é homogêneo à experiência do tempo quantificado e contínuo. “A forma (*eidos*) do prazer – ele escreve na *Ética a Nicômaco* – é perfeita (*téleion*) em qualquer momento”; e acrescenta que o prazer, diversamente do movimento, não se desenrola em um espaço de tempo, mas é “a cada instante um quê de inteiro e de completo” (AGAMBEN, 2008, p. 127).

Tal experiência humana, que liga Agamben a Aristóteles, é um tipo de prazer que seria um bem e “(...) que todo animal possui o seu próprio prazer específico, tal como possui sua própria função específica, a saber, *o prazer de exercer essa função*” (*Ética a Nicômaco*¹², X, 1176 a 1-5). Tal prazer existe quando se realiza o seu próprio bem, que mesmo variando conforme a natureza de cada ser é essencialmente o mesmo: é um prazer natural que acompanha toda atividade desimpedida que visa ao bem próprio. Atividade desimpedida, aqui, significa que os bens do corpo e da alma não estão em falta, impedidos (a ausência, por exemplo, da saúde ou do dinheiro impediriam a atividade prazerosa do homem). Nas palavras do próprio Aristóteles:

¹² Para simplificação, a partir desta nota, *Ética a Nicômaco* será referida apenas por *EN*.

Poder-se-ia asseverar que todos os homens buscam obter prazer porque todos os homens almejam a vida. A vida é uma forma de atividade e cada homem exerce sua atividade sobre aqueles objetos e com aquelas faculdades que ele mais aprecia; por exemplo, o músico exerce seu sentido da audição sobre as melodias musicais, o estudante, seu intelecto sobre seus objetos de estudo, e assim por diante. E o prazer dessas atividades aperfeiçoa as atividades e, portanto, aperfeiçoa a vida, que é o que todos os seres humanos buscam (*EN*, X, 4, 1175 a 10-20).

É importante salientar que, entre os bens externos de um lado e os bens da alma e do corpo de outro, Aristóteles considerava como bons, no sentido mais pleno e no mais elevado grau, os bens da alma, sendo que o exercício ativo destes proporciona a felicidade. “E que se acresça que a vida da virtude ativa é essencialmente prazerosa, visto que a sensação de prazer é uma experiência da alma (...). Disso se conclui, portanto, que a felicidade é de imediato a melhor, a mais nobre e a mais prazerosa das coisas” (*EN*, I, 8, 1099 a 5-25).

Ressalte-se ainda que, para Aristóteles, o prazer é um bem vinculado de tal forma à atividade que surge a dúvida se ambos não são a mesma coisa (*EN*, X, 5, 1175 b 30-36). E também que há gradações entre os prazeres diversos do corpo e da alma, sendo que “a visão supera o tato em pureza e a audição e o olfato superam o paladar; e analogamente, os prazeres do intelecto superam em pureza os prazeres dos sentidos, enquanto os prazeres de uma classe e outra diferem entre si em pureza” (*EN*, X, 5, 1176 a 1).

As afirmações mais importantes para este trabalho referem-se ao conceito de tempo no prazer. Agamben explicita, neste contexto, a incomensurabilidade do prazer em relação ao tempo e ressalta a concepção de tempo nas atividades prazerosas em comparação à experiência ocidental do tempo: “A esta concepção, que condena ao fracasso toda tentativa de dominar o tempo, deve-se opor aquela outra segundo a qual o lugar próprio do prazer, como dimensão original do homem, não é nem o tempo pontual contínuo nem a eternidade, mas a história” (AGAMBEN, 2008, p. 127). E, continuando, justifica seu pensamento:

Contrariamente ao que afirmava Hegel, somente como lugar original da felicidade a história pode ter um sentido para o homem. As sete horas de Adão no Paraíso são, neste sentido, o núcleo originário de toda autêntica experiência histórica. A história, na realidade, não é como desejaria a ideologia dominante, a sujeição do homem ao tempo linear contínuo, mas a sua liberação deste: o tempo da história é o *cairós*¹³ em que a iniciativa do homem colhe a oportunidade favorável e decide no átimo a própria liberdade. Assim como ao

¹³ *Kairós* é designado por Agamben (2008, p. 123-124) também como a experiência temporal libertadora dos estoicos: “o *cairos* concentra em si os vários tempos (*“omnium temporum in unum collatio”*) e, nele, o sábio é senhor de si e imperturbável como um deus na eternidade. Ele é a “última demão” dada, a cada instante, na própria vida, que livra radicalmente o homem da sujeição ao tempo quantificado (*“qui cotidie vitae suae summam manum imposuit, non indiget tempore”*)”.

tempo vazio, contínuo e infinito do historicismo vulgar deve-se opor o tempo pleno, descontínuo, finito e completo do prazer, ao tempo cronológico da pseudo-história deve-se opor o tempo kairológico da história autêntica (AGAMBEN, 2008, p. 127-128).

Aristóteles afirmou ser perfeito o tempo do prazer a qualquer momento e igualmente inteiro e completo, pois, quando há sensação de prazer, esta dura o tempo que durar a atividade prazerosa finita. Assim encontramos: “E o prazer igualmente parece ser algo dessa natureza porque ele é um todo e em instante algum pode alguém descobrir um prazer cuja forma será tornada perfeita se o prazer durar mais tempo” (EN, X, 4,1174 a 15-18). E Aristóteles ainda completa tal afirmação:

A qualidade específica do prazer, ao contrário, é perfeita a qualquer momento. Fica claro, portanto, que o prazer não é idêntico ao movimento e que ele é um todo e algo perfeito [e completo]. [...] Isso pode também ser inferido do fato de um movimento necessariamente ocupar um espaço de tempo, ao passo que uma sensação de prazer não ocupar, pois todo momento de consciência prazerosa é um todo perfeito (EN, X, 4,1174 b1-10).

Essa concepção prioriza não mais o tempo em seu aspecto cronológico e quantitativo (*chronos*), mas sim em seu caráter oportuno e qualitativo (*kairós*) que libera o homem da sua sujeição ao tempo e o insere na história autêntica, pois cabe a ele, agora, colher o tempo oportuno, interromper a cronologia e criar uma nova mudança qualitativa no tempo. Segundo Agamben, este, o tempo experimentado nas revoluções autênticas e

aquele que, na *epoché*¹⁴ do prazer, recordou-se da história como a própria pátria original, levará verdadeiramente em cada coisa esta lembrança, exigirá a cada instante essa promessa: ele é o verdadeiro revolucionário e o verdadeiro vidente, livre do tempo, não no milênio, mas *agora* (AGAMBEN, 2008, p. 128).

Tal perspectiva, que corresponde ao tempo kairológico, privilegia os aspectos qualitativos do tempo: é o tempo oportuno, pleno e repleto de felicidade a cada instante. É o tempo em que o homem, livre das amarras do tempo cronológico, cria o seu destino e se insere na história permitindo a abertura às revoluções e no qual o poeta de Agamben se insere. Tempo que permeia o tempo presente e que costura toda a tessitura temporal do passado e que permite ao homem ser autor de sua vida.

¹⁴ *Epoché*: é um conceito oriundo do ceticismo grego que remete a um estado de repouso mental quando se permanece sem perturbações ou julgamentos frente à realidade. É também relacionado a um estado de suspensão do tempo. Fonte: E-Dicionários de Termos Literários de Caio Ceia. Disponível em: <https://edtl.fsh.unl.pt/encyclopedia/epoche> . Acesso em 13 agosto 2020.

Acrescenta-se ainda, como crítica, que mesmo sendo bastante convidativo e estimulante tal pensamento de Agamben, a verdade é que, ao longo da história o homem não procurou formas ou maneiras de dominar o tempo, ou sequer ainda de julgá-lo com a finalidade de construir uma nova versão temporal diferenciada e mais edificante do que a cronológica que é atualmente aceita.

CAPÍTULO 2 A NARRATIVA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Uma primeira e difícil tarefa é definir o gênero literário de *GSV*. É realmente muito simplório e inapropriado denominá-lo regionalista ou modernista, ou ambas as coisas juntas. Guimarães Rosa, em *GSV*, com certeza, inaugurou uma narrativa polissêmica de palavras em um contar regionalista capaz de englobar temas universais e existenciais; linguagem mítica, temas folclóricos e situações realistas em uma narrativa memorialística que envolve o leitor e o convida a participar de suas tramas através de um linguajar da oralidade sertaneja que somente se torna plena na escrita. Por isso, sigo Alfredo Bosi, que bem traduziu a genialidade de Rosa nesta obra monumental que é *GSV*.

GSV não se encaixa, certamente, em uma designação simples de modernismo regionalista. Como já afirmado, é claro que Rosa muito se empenhou nas pesquisas de folclore e na linguagem do povo do interior mineiro, buscando inclusive “efeitos estéticos notáveis, que a cultura mais moderna e consciente de um Mário de Andrade e de um Guimarães Rosa não desdenharia” (BOSI, 2015, p. 232). Mas, no Brasil, o Modernismo de 1922 infundiu nos artistas uma experiência diferente que colocou o nacionalismo como centro da prática modernista. Desta forma, os artistas intelectuais da época criaram, ao seu modo uma nova arte plástica, uma nova música, uma nova crítica a qual, até hoje, deve ser respeitada.

Assim, é dentro deste interesse particular e dinâmico que a literatura brasileira, e em particular aquela de Guimarães Rosa, deve ser compreendida, especialmente quando em favor da nossa realidade como um todo, e não somente da urbana, como é o caso de *GSV*. É por isso que Bosi (2015, p. 233), afirma que temos nesta monumental obra uma experiência estética universal do regionalismo, em pesquisa de uma possível poética da oralidade. Concordo plenamente com esta explanação e a partir dela, desenvolve-se os estudos que se seguem.

2.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao iniciar a leitura de *Grande sertão: veredas*, o primeiro sinal que temos é de um travessão seguido da palavra “Nonada” (que significa “não”, “nada”, “algo sem importância”). Esse é um sinal de discurso direto que anuncia ser um diálogo que, na verdade é um monólogo que, ao longo do livro, se esclarece estar acontecendo entre o narrador Riobaldo e um senhor doutor da cidade. Todos os laços e entremeios de *GSV* sucedem deste longo monólogo:

monólogo que que é conversa, e a conversa, no tom de oralidade, sem jamais ser decalque do falar sertanejo, rememora, num idioma novo, as passadas peripécias, como antigo cangaceiro, do protagonista-narrador, Riobaldo, diante de um interlocutor que não se manifesta senão indiretamente, através das provocações e das respostas dele (NUNES, 1999, p. 182).

Riobaldo, logo no início, estabelece também um indicativo que as suas histórias são de sua vida no sertão de Minas Gerais, afirmando que “esses sertões são sem tamanho (...). O sertão está em toda parte” (p. 8). Dessa forma, *GSV* não se limita ao sertão das Minas Gerais, pois se trata “de um regionalismo literário e, como tal, o que interessa não são os limites geográficos com seus condicionantes históricos e culturais, mas o homem com seus dramas individuais e sociais em luta contra as forças que o subjagam e despersonalizam” (CARDOSO, 2008, p. 162). O sertão rosiano vai, assim, muito além dos limites mineiros sendo o espaço da travessia da história de Riobaldo e , por extensão, da travessia da vida de cada pessoa.

Ao contar, Riobaldo privilegia a língua do sertanejo, as palavras próprias desse contexto e a oralidade, na qual superstições, mitos e a presença do diabo têm seus próprios valores e estão sempre presentes. Riobaldo faz um questionamento nesse sentido:

Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar – é todos contra os acasos (...)
O senhor não vê? O que não é Deus, é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo (p. 60).

Sobre esse contexto metafísico, Hansen afirma que Rosa dizia para seus intérpretes que o sertão é, antes de tudo, da alma, e que a travessia do *GSV* é a travessia da alma ao seu sentido superior, que ele supõe existir; enquanto as veredas são os caminhos em direção a esse sentido superior. Dessa forma, há veredas que as pessoas seguem para suas almas encontrarem o bem, ou Deus, mas o diabo também aí se encontra, mesmo não sabendo se ele, de fato, existe (HANSEN, 2019, Podcast Estado da Arte),

De fato, Rosa é “o clássico da literatura brasileira, porque os seus escritos são tecidos e fazem a trama complexa das intermináveis vivências do narrador-personagem-autor” (CUNHA, 2016, p. 56). A leitura de Rosa, então, jamais esgota o seu sentido profundo que é encoberto pela escrita, e não se torna possível dizer que já o tenha lido, pois sempre se estará lendo. “Rosa-devir-arte, quando se metamorfoseia em Riobaldo, ele deixa de ser escritor, sua criação deixa de ser obra, isto é, deixa de estar separada dele, porque tudo – escritor- personagem-obra literária – torna-se arte” (CUNHA, 2016, p. 57).

Há quatro tempos na obra:

1 - O tempo da narrativa: este se desenvolve em três unidades temporais diferentes que correspondem ao relato oral que está sendo feito (presente), a integralidade dos acontecimentos épicos decorridos (passado) e a unicidade que corresponde às lembranças evocadas (presente-passado);

2- O tempo do relato oral cuja duração é limitada: este teria sido, provavelmente, três dias e duas noites nas quais se situa o narrador e o dialogante dentro do mesmo espaço, conduzindo o fluxo da narrativa para o presente em que se encontram;

3- O tempo correspondente aos acontecimentos já concluídos e que se situa no pretérito perfeito das coisas transcorridas. Ressalta-se aqui a presença, em vários momentos da narrativa, de certas expressões determinadas;

4- O tempo da evocação, da lembrança, “que leva o narrador a reatualizar o presente do passado, e, portanto a colocar-se como que diante dos episódios de sua aventura finda, leva-o (...), a projetar o futuro que neles se presentificou, gerando o passado” (*ibid*).

O tempo passado, o tempo presente e o tempo futuro formam um só processo de temporalização que coincide com o próprio processo da narrativa. A necessidade de narrar unida às dificuldades de contar de um Riobaldo ansioso, mostra segundo Nunes:

[um] narrador em busca de si mesmo, que é contudo a única maneira que lhe permite ver e saber, alcançar a matéria vertente na retaguarda dos fatos, dar formato à vida, reunir e coligar o possível e o impossível, retraçar a ação e compreendê-la; toda essa penúria e toda essa força do narrar depende do tempo como movimento da existência finita em seu cuidado e em sua inquietude (NUNES, 2013, p. 166).

Rosenbaum (2016) afirma que o sertão rosiano abrange não só o campo físico, mas também o linguístico e o metafísico, sendo Riobaldo um jagunço poeta que traz, no sertão das palavras, a sua própria linguagem, que usa para trilhar o caminho de sua travessia. Semelhante perspectiva se aplica ao realismo rosiano, que é construído por meio do monólogo do personagem-narrador Riobaldo. E, assim como o regionalismo literário de Rosa parte do ambiente regional e o alça ao universal, o realismo poético rosiano se assenta no regionalismo. No entanto,

a perspectiva de *Grande sertão: veredas* está longe de ser puramente realista, a menos que se queira admitir que se trata de um realismo poético, isto é, de

um realismo em que a trama das coisas e dos seres nasce, a cada momento, da trama originária da linguagem (NUNES, 2013, p. 133).

Quanto a Riobaldo, é importante coordená-lo com a metalinguagem, ou seja, “como o narrador *diz* que vê sua história” (CORTEZ, 1973, p. 63), que é contada em primeira pessoa, ao mesmo tempo em que o mesmo Riobaldo dela participa. Nesse contexto, “há no livro uma curiosa divisão do trabalho linguístico proposta pelo narrador (...): Riobaldo fala, o doutor escreve, Riobaldo conta, o doutor põe enredo” (SCHIAVO, 2008, p. 207-208). Riobaldo também insere pequenos relatos, casos, histórias, em sua narrativa maior:

Guimarães não só retrata explicitamente a construção do seu texto em um discurso metalinguístico que se mostra diante do leitor, mas também, muitas vezes, trabalha com a produção textual de forma ficcional, inserindo micronarrativas que reverberam a narrativa maior. Esta outra forma de especular também se destaca em **G.S.V.** (Netto, 2000, p. 742).

Um desses exemplos citado por Netto (2000, p. 743), ressalta a história de Maria Mutema. Ela mata o marido despejando chumbo derretido em seu ouvido, e depois mata o Padre Ponte despejando palavras de amor falsas em seu ouvido para, posteriormente, afirmar que matou o marido por causa do Padre.

2.3 O NARRADOR-PERSONAGEM RIOBALDO

Uma primeira e importante consideração a ser feita é sobre a caracterização do narrador Riobaldo, também personagem da obra *GSV*; qualificando-o e diferenciando-o do autor por meio de três premissas: 1. Quem relata não é uma pessoa, “no sentido psicológico do termo”, e ela não se confunde com o autor; 2. Narrador e personagens são seres de papel; e 3. O narrador é uma pessoa linguística e o que importa é a sua performance, o ato de locução, a léxis (qualquer enunciado possível, independentemente de ser falso ou verdadeiro) (CORTEZ, 1973, p. 63).

Nesse contexto, “por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais” (BENJAMIN, 2008, p. 197). É essa capacidade de distanciamento que lhe permite saber contar uma história como poucos, pois possui “a faculdade de intercambiar experiências” (*id.*, p. 198), de comunicar ensinamentos. O narrador possui sabedoria, com a qual concebe e forma sua narrativa a partir de suas experiências, imprimindo na obra a sua marca “como a mão do oleiro na argila do vaso” (*id.*, p. 205). Assim, o personagem Riobaldo, que ganha vida pelas mãos de

Guimarães Rosa, pode se expressar pelo seu autor, mas “não será capaz de manifestar o que se esconde em seu criador, ambos têm autonomia, por isso, haverá também algo de escondido do personagem a escapar do autor, se o personagem for o seu alter ego, maior será autonomia de ambos na escrita” (GUIDO, 2016, p. 53).

Em *GSV*, Rosa procura interagir com o leitor, encaminhando-o a participar dos relatos através de Riobaldo que, em vários momentos, faz uso de expressões como “Mire veja”, ou como “O senhor...”, enquanto meio para aproximar o escritor de quem lê: “O senhor vá lá, verá. Os lugares sempre estão aí, para confirmar” (p. 27), “Já conto, já venho – falar no assunto que o senhor está de mim esperando. E escute” (p. 490).

A adesão do interlocutor é preocupação constante do narrador de *Grande sertão: veredas*. Muito mais que resolver suas dúvidas, ele deseja persuadir o seu ouvinte de que são essas mesmas dúvidas que alimentam seu narrar. Ele está pedindo um crédito de legitimidade para seu discurso. Ou um crédito que supere a legitimidade e acolha os labirintos do dizer, uma vez que as incertezas são constitutivas, estruturantes do próprio discurso (...). Se elas promovem o avanço da narrativa, é porque nelas está contido o segredo da palavra literária, que só diz disfarçadamente, nas metáforas construtoras do mundo da ficção. Promovem o avanço da narrativa e sustentam a narração, que tem em seu bojo esse desassossego medular: como narrar adequadamente (MOURÃO, 2008, p. 126).

As memórias do narrador também não são aleatórias, visto que estão alinhadas perfeitamente a eventos importantes da vida de Riobaldo e/ou a momentos em que ele se encontra em reflexão, procurando uma resposta para seus questionamentos pessoais ou para tomar alguma decisão: “Fiquei lá em cima, um tempo. Quando descí, umas coisas eu resolvia (...). O que foi o que eu pensei, mas que não disse: - Assim não...” (p. 440). Ou ainda: “O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando” (p. 23).

Dessa forma, Riobaldo, ao reconstituir o seu passado, organiza e dá fluência ao discurso narrativo por meio da linha de sua memória. Nunes confirma esse posicionamento e acrescenta: “E tanto isso é verdade que a linguagem de Riobaldo segue a mesma gradação a que obedece ao desdobramento da realidade regional por ele transvivida e narrada” (NUNES, 2013, p. 134). E muito apropriadamente tais afirmações se completam:

Qualquer abordagem da obra de Rosa tem que considerar a grande dificuldade de penetração nesse universo tecido por muitas histórias, muitas delas acompanhadas pelo autor durante a expedição de 1952 pelo sertão mineiro, muitas outras devem ter-lhe chegado por derivação no esforço de intuir a

condição humana em um ambiente primitivo. Assim, a escrita é uma releitura do vivido e não está limitada pelo fatual (...) (GUIDO, 2016, p. 53).

Machado de Assis utilizou essa forma literária memorialística para escrever algumas de suas obras, que foram *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Memorial de Aires*. Tornando o sujeito da obra o próprio narrador-personagem, a narrativa memorialística de Machado de Assis introduziu características da Modernidade no romance literário, características essas que são a diluição do sujeito no fluir dos acontecimentos e o diálogo do narrador com o leitor (BRANDÃO, 2017, p. 135). A diluição do sujeito ocorre com o reconhecimento da alteridade que vai contra o mito do sujeito uno, característico dos romances tradicionais, que não retrata a diversidade de sujeitos literários e, quanto ao diálogo com o leitor, este implica o desnudamento da ficcionalidade e o conseqüente rompimento da distância estética própria do discurso ficcional moderno, visto que, anteriormente, o romance priorizava formas narrativas tradicionais que procuravam ocultar essa ficcionalidade. Nas palavras de Brandão,

o reconhecimento de que é através do exercício de construção de suas memórias que o próprio narrador-personagem se autoconstitui transforma a volubilidade, a alteração constante de pensamentos e ações, o constante “dizer” e “desdizer” em elementos reveladores da consciência adquirida pelo “sujeito que lembra” de que se modificou ao longo de sua existência, de, sendo “o mesmo”, foi sempre também “o outro” (BRANDÃO, 2017, p. 135).

Ressalte-se ainda que Rosa também faz uso do recurso ao detalhe, tornando a memória de Riobaldo prodigiosa com a finalidade de dar autenticidade e veracidade aos seus relatos. Com isso, o narrador-personagem é capaz de lembrar e de descrever, em detalhes, um acontecimento, as suas circunstâncias, os acessórios que foram utilizados em determinada situação, as reações que ele e seus companheiros tiveram diante de cada ação e toda a cena envolvida na questão (CORTEZ, 1973, p. 76). Destacam-se algumas narrativas:

- O julgamento de Zé Bebelo:

Um tribunal é erguido no meio de um sertão a pedido do vencido, Zé Bebelo. Joca Ramiro, o vencedor, pelas leis próprias do jagunço, tem o direito de matar o vencido sumariamente, mas demonstra ter qualidades excepcionais de chefe político, senso de justiça e carisma, acatando o pedido do perdedor de ter um julgamento e permitindo que os outros jagunços também tenham fala. Ao final, a sentença permite a Zé Bebelo continuar vivo, apenas longe do bando. Segundo Roncari (2019, Podcast Estado da Arte), Joca Ramiro demonstrou ter a grandeza e realeza de um deus, e o compara a Zeus. Nas palavras de Riobaldo: “O julgamento? Digo: aquilo para mim foi coisa séria de

importante. Por isso mesmo é que fiz questão de relatar tudo ao senhor, com tanta despesa de tempo e miúcias de palavras” (p. 285).

- O relato da continuidade da guerra atrás dos “judas”, Ricardão e Hermógenes:

Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não narrei nada à-tôa: só apontação principal, ao que crer posso. Não desperdiço palavras (p. 309).

- Sobre seus homens, Riobaldo afirma:

Aos dez e dézes, digo, afirmo que me lembro de todos. Esses passam e transpassam na minha recordação, vou destacando a contagem. Nem é por me gabar de retentiva cabedora, nome por nome, mas para alimpar o seguimento de tudo o mais que vou narrar ao senhor, nesta minha conversa nossa de relato (p. 450).

- O mesmo ocorre no contar inesquecível, emocionante e doloroso de Riobaldo ao presenciar a luta entre Diadorim e Hermógenes, que acabou levando Diadorim à morte:

E eu estando vendo! Trecheio, aquilo rodou, encarniçados, roldão de tal, dobraram para fora e para dentro, com braços e pernas rodejando, como quem corre, nas entortações... *O diabo na rua, no meio do redemunho...* Sangue. Cortavam toucinho debaixo de couro humano [...], no caminho para o chão, como corpo de porco sapecado e rapado... Sofri rezar, e não podia, num cambaleio. Ao ferreiro, as facas, vermelhas, no embrulhável. A faca a faca, eles se cortaram até os suspensórios...*O diabo na rua, no meio do redemunho...* Assim, ah – mirei e vi – o claro claramente: aí Diadorim cravar e sangrar o Hermógenes... Ah, cravou – no vão – e ressurtiu o alto esguicho de sangue: porfiou para bem matar! Solução que não pude, mar que eu queria um socorro de rezar uma palavra que fosse, bradada ou em muda; e secou: e só orvalhou em mim, por prestígios do arrebatado no momento, foi poder imaginar a minha Nossa-Senhora assentada no meio da igreja... Gole de consolo... Como lá em baixo era fel de morte, sem perdão nenhum. Que enguli vivo. Gemidos de todo ódio. Os urros... Como, de repente, não vi mais Diadorim! No céu, um pano de nuvens... Diadorim! Naquilo, eu então pude, no corte da dôr: me mexi, mordi minha mão, de redoer, com ira de tudo... Subi os abismos... De mais longe, agora davam uns tiros, esses tiros vinham de profundas profundezas. Trespassei (p. 595).

Esse é um relato extremamente significativo tanto para Riobaldo quanto para todo o romance. Diante da impotência de agir para impedir a luta e a morte de Diadorim, Riobaldo admite que tudo o que presencia está revirado, de cabeça para baixo, no fel da morte e sem perdão, pois quem domina a ação é “o diabo na rua, no meio do redemunho”. A cena descrita parece ocorrer em um momento de suspensão temporal, quando tudo se vê e se ouve – os gritos

da luta, os corpos avançando e desviando um do outro ao mesmo tempo, as facas cobertas de sangue, o esguicho de sangue no momento em que Diadorim crava a faca em Hermógenes, o detalhe do momento em que os suspensórios das calças são cortados, a visão do corpo caindo no chão – mas não se crê no que ocorre, e Riobaldo não consegue nem soluçar, nem rezar, nem bradar palavra alguma, pois se encontra “arrebatado” e trespassa. E quando retorna, afirma que ainda está à procura do tempo de sua vida que se desajustou. “Como retornei, tarde depois, mal sabendo de mim, e querendo emendar nó no tempo, tateando com meus olhos, que ainda restavam fechados” (p. 596).

A maneira que Riobaldo conta, relata ou narra é, às vezes, também “difícil”. Riobaldo mesmo questiona o seu contar: “Ou conto mal? Reconto” (p. 61). Ele afirma, com clareza, que contar é difícil, que essa arte de contar não é fácil, porque o que busca não é o simples passado: “Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrelaçado (...). Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente” (p. 199).

As dificuldades de contar deste Riobaldo-narrador ansioso confirma, segundo Nunes, que Riobaldo quer “alcançar a matéria vertente na retaguarda dos fatos, dar formato à vida, reunir e coligir o possível e o impossível, retraçar a ação e compreendê-la” (NUNES, 2013, p. 166). Cortez corrobora e amplia esse cenário:

O seu aprendizado de “contador” muito deve a Quelemém, o compadre, um dos que já ouviram a história e “orientou” Riobaldo sobre a ordenação da matéria. Sua grande contribuição neste sentido foi designar o verdadeiro objeto dos relatos de Riobaldo (...). Por isso o narrador não vai em busca do passado, como um mero antecedente do presente. Vernant, ao analisar os problemas da criação poética na Grécia antiga, observa que o poeta, possuidor da ciência de Mnemosyne¹⁵ quer conhecer os “começos”, as “origens” e o passado é uma “fonte” do presente. Este conceito de “poesis” se aplica a Riobaldo, pois ele busca o passado e, tal qual o poeta primitivo, sua “recordação procura não situar os acontecimentos num quadro temporal, mas atingir o fundo do ser, descobrir o original, a realidade primordial de que provém o cosmos e que permite compreender o acontecer em seu conjunto” (CORTEZ, 1973, p. 74).

No sertão metafórico de Rosa, de escritura desmedida e inacabável, repleto de caminhos labirínticos cheios de trilhas em todas as direções e onde andam jagunços sobre solos ressecados e encrespados, afirma-se que *GSV* “ainda que elabore uma narrativa de características

¹⁵ *Mnemosyne*, de acordo com Benjamin (2008, p. 211), deusa da reminiscência, era considerada a musa da poesia épica para os gregos. Nela estão contidas as formas narrativas e o romance, sendo a reminiscência a “musa épica no sentido mais amplo”, visto que ela “funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração”.

tradicionais, em linhas mais gerais, desenvolvendo-se em direção a um desenlace, apresenta uma narração sinuosa, transbordante, partindo em todas as direções” (MOURÃO, 2008, p. 125-126).

Essa escritura inacabável conduz um eixo narrativo que constitui a intriga do romance propriamente dita, que “perfaz um caminho circular até se encontrar novamente com o ponto inicial e aí se fecha. O que fica, no entanto, no interior desse círculo é a narração como potência de proliferação” (NUNES, 2013, p. 138). E quanto a Riobaldo, afirma-se que se fundem “em Riobaldo o homem arcaico, o homem religioso, o místico e o poeta, mistura frequente no sertão real, do Nordeste e dos Gerais” (NUNES, 2013, p. 138).

Desta forma, é pelo longo monólogo de Riobaldo, que possui características de uma oralidade de fala, que flui toda a narrativa da conversa memorialística que ele teve com o doutor da cidade. E, mesmo que o olhar ao qual se prende tal narrativa ser único – o de Riobaldo – ele engloba um leque de possibilidades distintas, abarcando a moral, a ética as guerras, o drama da vida dos jagunços, questões épicas de justiça (basta lembrar o julgamento de Zé Bebelo), as aventuras pelo sertão, a questão do pacto com o diabo e o amor indecifrável de Riobaldo por um de seus companheiros, cujo desfecho termina em uma tragédia.

2.4 ENTREMEIOS E ENTRELAÇAMENTOS: LINGUAGEM E NARRATIVA

A linguagem do discurso narrativo em *GSV* é aquela da simulação de uma oralidade, “(...) conquanto se expressa, de imediato, no primeiro signo tipográfico do romance, abrindo a representação da fala, vai muito além dele e conta de toda a metalinguagem de Riobaldo. Assim, o seu ato de narrar é sempre referido como uma *fala*” (CORTEZ, 1973, p. 71-72). Fala do cotidiano de sertanejos e jagunços, pessoas simples do sertão que moram longe das cidades e que possuem seus próprios caminhos e vivências ainda abertas ao místico e ao desconhecido. Rónai comenta sobre esses personagens rosianos, afirmando que eles são

(...) broncas almas de sertanejos, inseparavelmente ligadas à natureza ambiente, fechadas ao raciocínio, mas acessíveis a todas espécie e impulsos vagos, sonhos, premonições, credices, vivendo a séculos de distância da nossa civilização urbana e niveladora. São almas ainda não estereotipadas pela rotina, com receptividade para o extraordinário e o milagre. O escritor enfrenta-as em geral num momento de crise, quando, acuadas pelo amor, pela

doença ou pela morte, procuram desesperadamente tomar consciência de si mesmas e buscam o sentido de sua vida (ROSA, 2013, p. 18).

Em *GSV*, o contar de Riobaldo se encontra plenamente incluído na assertiva acima, pois o narrador-personagem conduz a narrativa a partir de suas memórias que perpassam o espaço da realidade ficcional regionalista de sertanejos, jagunços e pessoas simples do sertão, em seu cotidiano, contando as histórias que impactaram a sua vida e na qual o mito também se faz presente. Riobaldo questiona, assim, a travessia de sua vida em sua “matéria vertente”, alítem uma dualidade temporal entre presente e passado, que, contudo, não se polarizam.

Mas há outras dualidades presentes em *GSV*: a narrativa é um monólogo que é um diálogo, um homem sertanejo conta suas histórias a um senhor doutor da cidade. Riobaldo ama Diadorim, que é um bravo guerreiro que é uma mulher – o que levaria a considerar a obra um prenúncio de um grande romance de guerra e amor (ROSENBAUM, 2016).

Cortez corrobora esse cenário, afirmando que não há distâncias entre os polos da comunicação narrativa, pois todos – narrador, interlocutor e leitor – estão inseridos nessa “conversa de relato”. Isso é o que proporciona uma peculiar fruição da leitura para o leitor, que, assim, atualiza suas experiências de narração. As características de dualidade tradicionais inerentes ao *GSV* – oralidade-escritura, realidade-imaginação, linguagem- metalinguagem, presente-passado, eu-ele, monólogo-diálogo – “resultam numa forma nova que aproveita as conquistas ficcionais de todos os tempos” (CORTEZ, 1973, p. 91).

Contudo, destaca-se em *GSV*, tanto um discurso narrativo memorialístico, com base na oralidade de fala, quanto um discurso de linguagem mítica possuidor de um caráter poético confuso e arrebatador. O primeiro é o fio condutor do tempo no romance, o meio por onde passa a memória de Riobaldo e que permite a fluidez do romance, e o segundo é o tempo do encantamento, o tempo de vivência onde, verdadeiramente, Riobaldo experiencia tempos capazes de vencer as barreiras ordinárias do tempo cronológico e de transformar toda a sua percepção temporal. Ambos se entrelaçam e se entremeiam ao longo de todo o romance e cada um deles é estudado separadamente, como se segue.

2.4.1 A linguagem memorialística

Riobaldo, ex-jagunço que chegou a ser o grande chefe Urutu-Branco, agora fazendeiro e velho, é quem faz uso da linguagem memorialística em *GSV*. Riobaldo está “especulando idéia” e “seu relato é uma forma de fazê-lo, pois lhe permite perquirir a vida pelos caminhos da

lembança. (...) Riobaldo faz de seu relato uma busca de sentido da experiência individual (...)” (SOARES, 2000, p. 137).

Riobaldo aí insere uma situação interlocutiva dirigida ao senhor doutor, como já citado, um homem da cidade instruído que, viajando pelo sertão, pousa estadia na casa do sertanejo. Mas, esse doutor não tem fala alguma no romance, deixando apenas várias marcas de sua presença quando Riobaldo a ele se refere como “senhor”, ao longo de todo o livro. E, ainda sobre o senhor, Riobaldo afirma que, embora ele mesmo não sendo letrado, “inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração. Não é que eu esteja analfabeto. Soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória e palmatória” (p. 14).

Esse é o contexto dos relatos de Riobaldo, que correspondem ao tempo de seu relato oral, cuja duração é limitada e que teria sido, provavelmente, de três dias e duas noites nas quais se situam o narrador e o dialogante (o senhor doutor) dentro do mesmo espaço físico, conduzindo o fluxo da narrativa para o presente em que se encontram. E, mesmo estando presentes nesse espaço somente Riobaldo e o senhor e toda a história já ter ocorrido há vários anos, a prodigiosa memória rosiana de Riobaldo é capaz de lembrar-se de tudo, em detalhes (NUNES, 2013, p. 165).

Nesse sentido, Halbwachs afirma que o primeiro testemunho ao qual recorreremos para lembrar, enfraquecer ou reforçar e também completar o que sabemos sobre algo que já aconteceu é sempre o nosso. Contudo, quando nos recordamos de um determinado acontecimento, o fazemos recordando também das pessoas que lá estiveram conosco e de seus pontos de vista, pois essas pessoas tiveram tais lembranças em comum comigo; e nossas lembranças, assim, permanecem coletivas. E continua:

Mais do que isso, elas [as pessoas que estiveram comigo] me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas das idéias e maneiras de pensar a que não teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Esse é propriamente o relato das lembranças de Riobaldo, em que sempre está presente Diadorim em primeiro plano: “Eu estava todo o tempo quase com Diadorim” (p. 28), e, seguidamente, seus amigos: “depois de janta, quando estávamos outra vez reunidos” (p. 87); Zé Bebelo: “Mas Zé Bebelo rodeou todos, num mando de mão, e declarou forte o seguinte (...)” (p. 89); Otacília: “O Jesualdo, Fafafa e João Vaqueiro não esbarravam de falar, mais o Alaripe também, repesavam as vantagens da Santa Catarina. No que eu pensava? Em Otacília” (p. 195).

As memórias de Riobaldo são todas, também, ricas em detalhes, repletas de emoção, impulsos, amor, silêncio. Elas aproximam o leitor da escrita, envolvem-no em diferentes miríades de sentimentos, o que as caracterizam realmente como lembranças que podem ser acessadas pela memória. Halbwachs confirma tal posicionamento, afirmando que

quando uma cena parece não ter deixado nenhum traço em nossa memória, se na ausência dessas testemunhas nos sentimos completamente incapazes de reconstruir qualquer parte dela, os que um dia a descreveram poderão até nos apresentar um quadro muito vivo da cena – mas este jamais será uma lembrança (HALBWACHS, 2003, p. 33).

Bergson denomina esse tipo de memória de “memória de leitura”. Por meio dela somos capazes de reconhecer intelectualmente uma percepção que já foi experimentada e nela nos refugiamos todas as vezes que formos montar uma imagem de nossa vida passada. E as memórias que possuímos, até mesmo todas as nossas percepções, são memórias. Tal memória é conhecida como a memória por excelência e permite a construção de uma imagem a partir de uma lembrança que é imaginada, sendo a lembrança considerada a representação de um objeto ausente, e

registraria, sob a forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam; ela não negligenciaria nenhum detalhe; atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data e armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural (BERGSON, 1999, p. 88).

As lembranças de Riobaldo estão, além disso, inseridas dentro do grupo de jagunços do qual ele se tornou Tatarana e depois, o grande chefe Urutu-Branco. Todos, nesse contexto, compartilhavam o mesmo objetivo de vingar e matar os “judas” Hermógenes e Ricardão, que traíram e mataram Joca Ramiro, pai de Diadorim, um grande e honrado homem, chefe admirado por Riobaldo e todos de seu bando, por Diadorim particularmente. Essas lembranças correspondem à memória coletiva desse grupo, e são significativas para todos, estando presentes “no giro da memória” de Riobaldo de uma “madrugada dobrada inteira” (p. 122), “na cantiga de se viajar e cantar, guerrear e cantar, nosso bando, toda a vida” (p. 176), na afirmação do bando por Riobaldo “Todos. E, todos, tinha vez eu achava que queria-bem o meu pessoal, feito fossem irmãos meus, da semente dum pai e na madre de uma mãe gerados num tempo. Meus filhos” (p. 543).

Uma particular situação, em *GSV*, evidencia um entrançado imenso de emoções e sentimentos compartilhados pelo grupo, um momento que ainda mais uniu Riobaldo e seu

bando de jagunços a buscarem a vingança contra Hermógenes e seu grupo. Algo que causou grande comoção, choro e compaixão entre todos: o ataque dos “Hermógenes” contra os cavalos, que acabou por se estender aos bois e vacas mansos durante uma das lutas entre os jagunços de Riobaldo e os do Hermógenes (p. 339-342). Esse é um relato tocante, carregado de rinchos de dor, sangue que se une à poeira do ar, imagens de corpos retorcidos de animais em agonia que parecem ser vivenciados através de uma câmera lenta que estende e agudiza ainda mais o padecimento sofrido pelos animais. Tais visões, unidas ao desespero e às preces de Riobaldo e de seus amigos, inclusive de Zé Bebelo, que nada podiam fazer, pois estavam no meio de fogo cruzado dos inimigos, despertou, ao final, a piedade até destes últimos.

Outra perspectiva, quando se trata de imagens percebidas que se fixam e se alinham na nossa memória, junto a movimentos que as continuam, criando no corpo algum tipo de disposição para o agir, são denominadas “memória de ação” (BERGSON, 1999, p. 88). Esse tipo de memória se exemplifica neste relato da matança dos cavalos, particularizando-se em Fafafa que, frente ao caos e à tragédia do assassinato dos cavalos, reflete, em seu próprio corpo, a necessidade de ação:

– “A que estão matando os cavalos!...”

Arre e era. Aí lá cheio o curralão, com a boa animalada nossa, os pobres dos cavalos ali presos, tão sadios todos, que não tinham culpa de nada; e eles, cães aqueles, sem temor de Deus nem justiça de coração, se viravam para judiar e estragar, o rasgável da alma da gente – no vivo dos cavalos, a tôrto e direito, fazendo fogo! Ânias, ver aquilo. Alt’-e-baixos - entendendo, sem saber, que era o destapar do demônio – os cavalos desesperaram em roda, sacolejados esgalopeando, uns saltavam erguidos em chaça, as mãos cascantes, se deitando uns nos outros, retombados no enrolar dum rolo, que reboldeou, batendo com uma porção de cabeças no ar, os pescoços, e as crinas sacudidas esticadas, espinhosas: eles eram só umas curvas retorcidas! (...)

O Fafafa chorava. João Vaqueiro chorava. Como a gente toda tirava lágrimas (...) Atiravam até no gado, alheio, nos bois e vacas, tão mansos, que, desde o começo, tinham querido vir por se proteger mais perto da casa (...).

Aquilo pedia que Deus mesmo viesse, carnal, em seus avessos, os olhos formados. Nós rogávamos as pragas (...).

E quando a gente ouve uma porção de animais, se ser, em grande martírio, a menção na idéia é a de que o mundo pode se acabar. Ah, que é que o bicho fez, que é que o bicho paga? Ficamos naquelas solidões.

(...) Mas, mais de repente, o Marruaz disse: - “A bom, vigia: olha lá...” O que agora estavam atirando por misericórdia nos cavalos sobreferidos, para a eles dar a paz. Ao que estavam. – “As graças a Deus!...” – exclamou Zé Bebelo, alumiado, com um alívio de homem bom. – “ah, é marmo!” – o Alaripe exclamou também. Mas o Fafafa nem nada não disse, não conseguia: o quanto pôde, se assentou no chão, com as duas mãos apertando os lados da cara, e

cheio chorou, feito criança – com todo o nosso respeito, com a valentia ele agora se chorava (p. 339-342).

Tal relato vai muito além de uma mera narrativa trágica, como em todo texto rosiano. Em sua totalidade ele evoca uma memória social que foi vivida em um grupo social e que permaneceu na vida deste grupo como traços do passado experienciado por todos do grupo, e não uma simples sucessão cronológica de eventos dramáticos que ocorreram em um determinado período de tempo. Está presente, neste destaque, a memória social de um grupo de pessoas que compartilha e sente laços estreitamente ligados entre si, no caso, a compaixão pelos animais inocentes sendo mortos sem qualquer sentido.

Inerente a grupo pode estar presente também o que se denomina ser essencial para constituir um grupo que se recorda: um interesse, uma ordem de ideias e de preocupações que se particularizam e em certa medida refletem as personalidades de seus membros. “É isso que representa o elemento estável e permanente do grupo e, longe de encontrá-lo a partir de seus membros, é a partir desse elemento que reconstruo suas imagens”, pois

às vezes, se a lembrança subsiste apesar do afastamento, apesar da morte, é porque além da ligação pessoal havia um pensamento comum, o sentimento da fuga do tempo, a visão dos objetos em torno, a natureza, qualquer tema de meditação: é o elemento estável que transformava a união de dois seres na base simplesmente afetiva em uma sociedade, e é o pensamento subsistente do grupo que evoca a aproximação passada, e resgata do esquecimento a imagem da pessoa. (...) Dois amigos não se esquecem, porque a amizade pressupõe um acordo dos pensamentos e algumas preocupações comuns (HALBWACHS, 2003, p. 147-148).

Em relação a essas lembranças coletivas, elas só podem ser evocadas na vida de um grupo do qual se faz parte e no qual foram presenciadas e vividas (como o grupo de jagunços), pois, dessa forma, quando alguém do grupo (como Riobaldo) faz uso da memória, tais lembranças são vistas como no momento em que a recordamos e do ponto vista que o narrador reconhece ser desse grupo. Assim, não há como reaparecer uma lembrança a não ser por meio do seu relacionamento com o grupo, pois “na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual que chamamos de *intuição sensível* – para distingui-lo das percepções em que entram alguns elementos do pensamento social” (HALBWACHS, 2003, p. 41-42). É pela intuição sensível, que está sempre no presente, que ligamos, inteiramente a nós mesmos, estados individuais que não estão ligados a outros ambientes no qual estamos inseridos.

Em outras palavras, existe uma lógica da percepção que se impõe ao grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior: lógica geográfica, topográfica, física, que não é outra senão a ordem introduzida por nosso grupo em sua representação das coisas do espaço (é isso: É esta lógica social e as relações que ela determina) (HALBWACHS, 2003, p. 61).

Tais considerações justificam o porquê das representações de Riobaldo serem tão vívidas, principalmente em se tratando de Diadorim, pois, desde o primeiro momento em que o viu, ainda criança, como o menino desconhecido que o convidou a atravessar de canoa o rio São Francisco, até quando o reconhece, já jovem, entre tropeiros, Riobaldo narra o quanto a presença do menino lhe produz sentimentos que ele não sabe explicar, e que só consegue expressar de formas tortuosas e utilizando recursos da linguagem poética.

Nessa mesma linha de reconhecimento, Bergson afirma que quando a lembrança que se tem é uma lembrança de leitura, esta é uma representação, e diz respeito a uma “intuição do espírito” que se pode alongar, abreviar e lhe atribuir um período de duração arbitrário (BERGSON, 1999, p. 87). É o que ocorre com as lembranças de Riobaldo ao conhecer e depois reconhecer o menino, de nome Reinaldo, que, mais tarde, lhe revela seu nome verdadeiro – Diadorim – pedindo para assim ser chamado quando estivessem sozinhos (p. 156). E este nome

Diadorim – permanece nas lembranças de Riobaldo por toda sua vida.

Assim, ao se considerar as memórias de Riobaldo acerca de Diadorim, também se deve destacar que elas eram alimentadas por um sentimento de amor incompreensível por Riobaldo, que as mantinha, como o próprio nome Diadorim, em segredo de seu bando. E tudo que se relacionava a Diadorim despertava em Riobaldo profundas emoções, sentimentos contraditórios e reflexões várias. Riobaldo, em vários momentos, assim expressa seus momentos de amor pelo amigo, em palavras pejadas de poesia, seja quando conheceu Diadorim: “Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas, e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem brincadeira” (p. 103); uma ocasião em que Diadorim pôs sua mão na de Riobaldo: “Amanheci minha aurora” (p. 107); e sobre Diadorim: “Ah, naquela hora eu gostava dele na alma dos olhos, gostava – da banda de fora de mim” (p. 181); “Teve um instante, bambeeí bem. Foi mesmo aquela vez? Foi outra? Alguma, foi; me alembro. Meu corpo gostava de Diadorim” (p. 182).

Halbwachs argumenta que, quando nos encontramos em conflito diante de uma viva preocupação ou sentimento que o grupo ao qual pertencemos desconhece, ficamos absortos por este sentimento, e tudo o que atinge nossos olhos ou nossos ouvidos a isto se relaciona: alimentamos

o pensamento secreto com tudo o que possa estar relacionado àquilo, no campo de nossa percepção e, mais tarde, só nos lembramos daqueles que estavam conosco durante o período de tempo que perdurou nossas relações, somente na medida em que essas outras pessoas estavam compreendidas no contexto de nossas preocupações e sentimentos (HALBWACHS, 2003, p. 40).

É exatamente o que o discurso rosiano faz emanar das memórias, do corpo e das introspecções pessoais de Riobaldo, frente às lembranças e à presença do amigo amado. Nesses momentos, o jagunço e grande chefe guerreiro Urutu-Branco torna-se um poeta que aprende a apreciar os pássaros e as belezas da natureza através deste amor que ele não compreende: “Quem me ensinou a apreciar essas belezas sem dono foi Diadorim...” (p. 26); “Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza. Sei como sei” (p. 29); “Mas, essa ocasião, ele estava ali, mais vindo, a meia-mão de mim. (...) – eu me esquecia de tudo, num espaiar de contentamento, deixava de pensar (p. 29)”; “E, aí, a saudade de Diadorim voltou em mim, depois de tanto tempo, me custando seiscentos já andava, acoroçado, de afogo de chegar, chegar, e perto estar (...)” (p. 73); “Gostava de Diadorim, dum jeito condenado; nem pensava mais que gostava, mas aí sabia que já gostava em sempre” (p. 94); “Dele nunca esqueci, depois, tantos anos todos” (p. 109).

O amor de Riobaldo pelo amigo Diadorim supera todas as barreiras do jagunço sertanejo e os limites temporais da obra. Riobaldo, por amor a Diadorim, passa a amar também a natureza, ou seja, a natureza se torna parte desse amor e os pássaros passam a ser conhecidos pelos seus nomes e hábitos, as plantas pelo tempo de florada ou plantio, o céu, o sol, a lua são associados a cores, luzes, resplendores. E até as borboletas, os vagalumes e a grama são reconhecidos por outras notas de som e outras paletas de cores, mesmo à noite, em um momento de tocaia para matar um inimigo, quando Riobaldo ainda estava a mando de Hermógenes e se sentia desconfortável com a sua situação: “Aí quando é tempo de vagalume, esses são mil demais, sobre toda a parte: a gente mal chega, eles vão se esparramando de acender, na grama em redor é uma esteira de luz de fogo verde que tudo alastra” (p. 206).

E, após a morte de Diadorim, quando Riobaldo descobre que ele era uma mulher, estarrece: “A dôr não pode mais do que a surpresa. A coice d’arma, de coronha... (...) E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo: - “Meu amor!...” Foi assim. Eu tinha me debruçado na janela, para poder não presenciar o mundo” (p. 599). Contudo, a dor de Riobaldo é ampliada para a história da sua vida, tanto na transformação imediata que provoca o fim do mando do chefe jagunço quanto na mudança estrutural da palavra “história”, que usada durante toda a obra, aqui se transforma em “estória”, vinculada ao uso do arcadismo, como também na

relação temporal evidenciada nos tempos verbais que passam do pretérito perfeito para o presente do indicativo; o que define, contundentemente, que uma parte da vida significativa de Riobaldo se concluiu, acabou:

Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade. Fim que foi.
Aqui a estória se acabou. Aqui, a estória acabada. Aqui a estória acaba (p. 600).

2.4.2 A linguagem mítica

O espaço físico de *GSV*, como já dito, é o grande sertão “indefinível e limitado, sempre imagem e quase conceito de máxima extensão, que tudo abrange, entidade e não entidade, compreendendo o físico e o moral, e superando-os como palavra e sentido fugidio” (NUNES, 2013, p. 219). O mito, no contexto deste sertão, não compreende apenas uma fábula, uma ilusão, uma ficção ou uma história falsa, como assim compreende Eliade :

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje — um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. Se o Mundo existe, se o homem existe, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no "princípio" (ELIADE, 1972, p. 13).

Os sertanejos e jagunços do sertão rosiano são personagens simples, que moram distantes dos centros urbanos e que ainda estão receptivos ao extraordinário e ao milagre, ao qual recorrem em seus momentos de crise, doenças, amor, morte, e onde o mito está presente em seus cotidianos. Suas narrativas, aos mitos de relatos e crenças sobrenaturais se aderem e se unem naturalmente na trama de uma vida onde o próprio sertão é visto como um mito e não somente um espaço físico geográfico com características definidas e conhecidas de dimensão, clima, relevo. Um acontecimento dessa qualidade mítica logo se faz presente no início de *GSV*, quando Riobaldo conta sobre um caso que o povo julga estar associado à presença do demônio: “Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser – se viu-; e com máscara de cachorro (...). Cara de gente, cara de cão: determinaram – era o demo. Povo prascóvio. Mataram” (p. 7).

Nesse contexto, o mito de Lúcifer, Satanás ou Demônio, é um dos mitos conhecidos na história do espírito humano (HAZIN, 2008, p. 140), mito esse entrelaçado às histórias de

Riobaldo, cuja existência (ou não existência), que se mantém em suspenso até o final, é ponto central em suas narrativas. Riobaldo busca a certeza do pacto “para eliminar a incerteza e garantir a vitória do bando, podendo com isso libertar Diadorim da vingança e a si mesmo da possessão da própria paixão” (ROSENBAUM, 2020, p. 105). Riobaldo chega a chamar o demônio: “– Lúcifer! Lúcifer!...” – aí eu bramei, desengulindo. Não. Nada”. E chama novamente: “Lúcifer! Satanaz!...”. Só outro silêncio”. E chama uma terceira vez: “– “Ei, Lúcifer! Satanaz, dos meus Infernos!” (...). Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha ouvido” (p. 422).

Quando o pacto com o diabo é narrado por Riobaldo, fica claro que esse se associa ao mito do Demônio, ao pacto de Fausto com Mefistófeles, às lutas entre Deus e o Demônio. E que *GSV* também nos remete a outros mitos, como Orfeu e Eurídice, o mito da Donzela Guerreira, ao périplo da Odisseia, no *Ulisses*. Mas, neste caso, o mito ultrapassa as barreiras destes marcos referenciais, e como afirma Nunes (2013, p. 219): “A poesia e o mito dão-se as mãos em *Grande sertão: veredas*, que é um romance mitomórfico escrito na perspectiva do mito, sem coincidir, porém, quanto à implantação deste naquele (...)”.

Assim, a partir dessa citação de Benedito Nunes, muito pode ser esclarecido: a narrativa rosiana é quem cria o Sertão; que possui seu próprio espaço, seu próprio tempo, e de onde também nasce o mito ou a sua perspectiva mitomórfica, no mesmo plano da narrativa. Há entre espaço, tempo e mito uma engenhosa urdidura que, pela linguagem poética alcança voos inigualáveis em *GSV*. Cassirer (1992, p. 19) bem expressa essa qualidade da linguagem de criar e transformar o espaço e o tempo ao afirmar que: “Mitologia, no mais elevado sentido da palavra, significa o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento, e isto em todas as esferas possíveis da atividade espiritual”.

Por isso, que é pela linguagem de um amor desnorteante de Riobaldo por Diadorim que nasce o mito, que se expressa em uma forma extraordinariamente poética através da natureza. Tudo se transmuta ao leve toque de qualquer pensamento que envolve Diadorim, e na sua presença, Riobaldo se esqueça de tudo, deixa de pensar, sente encantamento (p. 29). Até a própria natureza, conforme afirma Nunes (2013, p. 220), não é vista por Riobaldo senão como recordação de Diadorim, ocorrendo um peculiar engendramento aqui, pois como complementa Nunes (2013, 221): “As mudanças da natureza acompanham as metamorfoses da narrativa” em uma sincronicidade magistral, como no exemplo do tempo em que o grupo ficou em espera, na casa do preto Pedro Segundo de Rezende, e Riobaldo e Diadorim andavam juntos: “Os dias que passamos ali foram diferentes do resto de minha vida (...)Tinha a quantidade de pássaros

felizes, pousados nas crôas e nas ilhas. E até peixe do rio se pescou. Nunca mais, até o derradeiro final, nunca mais eu vi o Reinaldo tão sereno, tão alegre” (p. 148).

No universo de Riobaldo, só há o encantamento e a força intensa, sempre presença de sons, cores, luzes, vida e morte do sertão e da natureza, porque há, aí, a presença ou memória de Diadorim. A linguagem poética de Riobaldo, que nasce do encantamento por Diadorim, cria o mito: “No mito, a poesia já tomou palavra, e a palavra poética traz o mito em botão. Em *Grande sertão: veredas*, o mito, pela palavra poética arrebatado, responderia, em sua capacidade de abrir o longe no perto e o distante no próximo, pelo abalo estético do leitor” (NUNES, 2013, p. 227). É esta profusão de formas de olhar e sentir, que brota das descrições da natureza, que envolve o leitor desta obra, que permite a complementação e condicionamento entre linguagem e mito (CASSIRER, 1992, p. 22-23). Não há como fugir de ser transportado para o liame que a linguagem mítica traduz o sentir e as formas de representações de Riobaldo: “Revi madrugada, quando esbarramos, na beira duma vereda pagã, por repouso. Aurora: é o sol assurgente – e os passarinhos arroteiros. Cá o céu tomou as tintas. Aí retoquei muita lembrança em mim, de sereno a orvalho” (p. 569).

Dessa forma, o sertão criado pela narrativa rosiana é também mítico, pois só é percebido pelas lentes de um olhar apaixonado e descrito por uma forma simbólica e peculiar de linguagem, bem diferente de qualquer descrição empírica, teórica ou científica o fariam, como afirma Cassirer ser característico da arte ou do mito (1992, p. 24-25). “O sertão que não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acessa” (p. 522); “Sertão velho de idades” (p. 542); “Sertão que se alteia e se abaixa. Mas que as curvas dos campos estendem sempre para mais longe. Ali envelhece vento. E os brabos bichos, do fundo dele...” (p. 542), é o sertão que está em toda parte e que é o ponto axial das reflexões de Riobaldo.

O mito nos conta muito, ele é vivo, como afirma Eliade (1972, p. 9): “É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente”. É esta a maneira de Riobaldo contar o que ocorria quando estava junto de Diadorim: “Lembro que naquela manhã também o calor era menos, e o ar bondoso. Aí eu à paz – com vontade de alegria – como se estimasse recebendo um aviso (...). De repente, dei fé, e avistei: era Diadorim que chegando, ele já parava perto de mim” (p. 237).

O mito relata acontecimentos ocorridos em um tempo fabuloso e especial, acontecimentos significativos que se deram fora das experiências comuns das vidas diárias das pessoas. Neste sentido, procurar reviver estes tempos pessoais, mergulhados em um tempo fabuloso, seria como afirma Eliade (1972, p. 134): “um desejo de atingir outros ritmos

temporais além daquele em que somos obrigados a viver e a trabalhar”, o que pode-se afirmar ser um comportamento mitológico, ou ainda uma tentativa de se retornar as origens de um tempo que foi inicialmente significativo para:

reencontrar a intensidade com que se viveu, ou conheceu, uma coisa *pela primeira vez*; [no desejo] de recuperar o passado longínquo, a época beatífica do “princípio”. Como era de se esperar, é sempre a mesma luta contra o Tempo, a mesma esperança de se libertar do peso do “Tempo morto”, do Tempo que destrói e que mata (ELIADE, 1972 , p. 134-135).

Interessante e notável conclusão aqui chegamos, pela presença da linguagem mítica em *GSV* , no sertão por ela criado. Encontramos de forma inesperada a proposta manifesta por Agamben, no primeiro capítulo desta tese, de revolucionar a percepção temporal dos homens através da introdução do tempo kairológico, igualmente levantada na proposta de retorno ao comportamento mítico que restaura o tempo vivo e liberta os homens do “Tempo morto”.

Ambas buscam livrar os seres humanos do tempo cronológico, tornando-os livres das amarras temporais que os prendem à cronologia de somente viver e trabalhar, para lançá-los a um tempo de prazer. A primeira privilegia *Kairós*, o tempo forte, descontínuo e pleno a cada instante, e a segunda o retorno aos tempos vividos no passado distante de forma extraordinária e significativamente, tal como um retorno às origens sagradas e criadoras do mundo e da vida. E, nas duas proposições, a Literatura é capaz de proporcionar tempos kairológicos e livres das medições temporais, pois ela domina o tempo: o dilata, suprime, coloca em suspensão, manipula o presente e o passado, como bem deseja.

CAPÍTULO 3 O TEMPO NA NARRATIVA DE GSV: O POETA NO SERTÃO ROSIANO

A obra *GSV*, apesar de ser escrita a partir de um único ponto de vista, aquele do narrador-personagem Riobaldo, contempla outros tempos e os transforma, os transmuta de tal forma que o tempo de Riobaldo acaba por se entrelaçar ao tempo de vida de todos, ao próprio sertão e ao tempo da travessia da existência humana.

Guimarães Rosa, intuitivamente, sabe que viver é tomar consciência de si e do mundo circundante; viver é sobreviver ou viver além e apesar das circunstâncias, buscando em cada letra, em cada momento, uma estrada que impulse à vida e não à morte; um caminho transformador e iluminado que produza sentidos novos, ricos, originais; um atalho imaginativo e desafiante que reduza as crises da existência dolorosa e coercitiva a um impulso de vida e agregação, de desejos e buscas fecundas (CUNHA, 2016, p. 36).

Por isso, o tempo em que Riobaldo narra suas memórias e histórias não foge daquele da realidade de seus sertanejos e jagunços, pessoas simples do sertão, afeitas ao sofrimento humano, à guerra, à morte, à presença do demônio misturado em tudo, e que, apesar das situações adversas do sertão de sombras e de luzes, procuram equilíbrio e harmonia na natureza. Se “viver é muito perigoso” (p. 49), é também porque, no sertão, a dor e as misérias estão sempre presentes, pois “só quando se jornadaia de jagunço, no teso das marchas, praxe de ir em movimento, não se nota tanto: o estatuto de misérias e enfermidades. Guerra diverte – o demo acha” (p. 59).

Essa perspectiva, de acordo com Melo, possibilita uma aproximação entre o tempo do século XXI e o contemporâneo e o poeta de Agamben:

Por essa razão, o que o século XXI nos apresenta como novo, talvez seja uma configuração mais precisa, não de um mundo em crise, mas de uma percepção aguda que atualmente temos de que todas essas crises, juntas, nos colocam na condição de experimentar um presente fraturado, exatamente por ser ele – tal qual a imagens de Bisilliat e o sertão de Rosa – constituído de luz e de sombras (Melo, 2020, p. 148).

No ensaio *O que é o contemporâneo*, Agamben (2009) levanta questões exatamente sobre as luzes e as sombras do tempo no qual se vive e sobre a percepção do tempo presenteraturado, afirmando que ao poeta é dado conhecer as luzes do seu tempo e não se deixar ofuscar por elas, enquanto igualmente lhe é dada a plena compreensão das sombras de seu tempo e não se permitir nela se fixar. Nas palavras de Agamben (2009, p. 58-59)

pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo (AGAMBEN, 2009, p. 58-59).

Por meio da poesia “O século”, escrita em 1923 pelo poeta modernista russo Osip Mandelstam, Agamben (2009, p. 60-61) expande suas preocupações sobre o tempo, e delega ao poeta a função de suturar as “vértebras quebradas do tempo”.

Meu século, minha fera, quem
 poderá Olhar-te dentro dos olhos
 e soldar com o seu sangue
 as vértebras de dois
 séculos?

Enquanto vive a criatura
 deve levar as próprias
 vértebras, os vagalhões
 brincam
 com a invisível coluna vertebral.
 Como delicada, infantil cartilagem

Para liberar o século em
 cadeias para dar início ao
 novo mundo é preciso com a
 flauta reunir
 os joelhos nodosos dos dias.

A primeira questão a ser levantada aqui se inicia no próprio título da poesia, pois a palavra século, em latim *saeculum*, e os dois tempos sugeridos, os séculos XIX e XX, significam mais que suas mensurações, correspondendo ao tempo da vida de uma pessoa, bem como ao tempo coletivo e, no caso, o século XX seria aquele que estaria quebrado (AGAMBEN, 2009, p. 60). Um segundo questionamento corresponde ao olhar para o próprio século e ter coragem de admitir que o que se vê são somente fachos de escuridão, são cadeias de tempos a aprisionar as pessoas que se arrastam, presas que estão a ele.

Essa prisão temporal seria regida pelo *chronos*, que não permite ao homem e à humanidade a liberdade de regerem suas próprias vidas. O tempo cronológico é inflexível e faz o homem se dobrar a seu comando, por isso, para romper as cadeias da cronologia, é necessária

a introdução de um novo pensamento que é lançado pela flauta, ou seja, pelo contemporâneo, o poeta, que é aquele que permite ao homem pensar sobre o tempo, e não apenas ser por ele dominado. Agamben afirma ser *kairós* esse tempo oportuno, e o contemporâneo, aquele capaz de, mesmo imerso na escuridão de seu tempo, introduzir *kairós* (AGAMBEN, 2009, p. 70-71).

Mas está fraturado o teu
dorso meu estupendo e
pobre século.
Com um sorriso insensato
como uma fera um tempo
graciosa tu te voltas para trás,
fraca e cruel, para contemplar as
tuas pegadas.

O tempo cronológico do passado, do tempo cotidiano aprisionado, olha para trás e apenas vê as suas pegadas. Ali não há luz e nem esperanças, pois o tempo oportuno não se apresenta e o presente atual é roubado de todos, por isto, ele possui seu dorso fraturado.

Contudo, Agamben afirma que o contemporâneo, o poeta

não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma de seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder (AGAMBEN, 2009, p. 72).

A partir dessas considerações, a proposta é agora analisar o tempo que envolve os personagens Riobaldo, Diadorim e os jagunços na obra *GSV*, procurando esclarecer como neles podemos encontrar ou não a presença da poesia, do tempo cronológico que tudo arrasta e/ou do tempo kairológico, oportuno e pleno, bem como verificar como se organizam as relações entre eles.

3.2 O TEMPO DE RIOBALDO

Em relação ao tempo de Riobaldo, tem-se o passado contado através dos relatos da memória desse personagem-narrador, estruturado no presente com o signo pessoal (eu) predominante, mas não exclusivo (basta lembrar o julgamento de Zé Bebelo), apresentando uma situação de relato, com inter-relacionamento de personagens.

Uma profícua análise ressalta um ponto deste estudo: o que se denomina o início do sistema de marcação temporal daquela narrativa “ao grau zero do sistema temporal representado nela” (CORTEZ, 1973, p. 68), que vem a ser o primeiro encontro de Riobaldo com o menino desconhecido (Riobaldo ainda não sabia seu nome): “Aí, de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia de regularminha idade. Ali estava, com um chapéu-de-couro, de sujigola baixada, e se ria para mim” (p. 102).

“Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido [...]. Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas, e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem brincadeira – só meu companheiro amigo desconhecido” (p. 103).

Esses primeiros momentos de encontro de Riobaldo com Diadorim ficam gravados para sempre na vida de Riobaldo, de tal maneira que ele nem consegue explicar.

O segundo encontro entre o Menino e Riobaldo ocorre anos depois, quando Riobaldo já havia conhecido Zé Bebelo, mas “que dos zé-bebelos não tinha querido fazer parte; o que era a valente verdade” (p. 136), e Joca Ramiro “que já tinha servido Joca Ramiro, e com ele conversado. Que, mesmo por isso, é que eu não podia ficar com Zé Bebelo, porque meu seguimento era Joca Ramiro, em coração e devoção” (p. 137). Riobaldo viajava vagaroso em seu cavalo. “Meu rumo mesmo era o do mais incerto” (p. 136). Havia dormido com uma mulher que lhe indicou um local para pousar, nos pastos de seu pai Manoel Inácio, “Malinácio dito”, e só foi acordado mais tarde por este chamando-o para jantar. Na sala da casa, Riobaldo encontra tropeiros e, enquanto conversavam, entra outro companheiro. Riobaldo conta o que sentiu: “Agüentei aquele nos meus olhos, e recebi um estremecer, em susto desfechado. Mas era um susto de coração alto, parecia a maior alegria” (p. 138). É o Menino que ali se encontra, que o reconhece e lhe sorri. O Menino lhe diz chamar-se Reinaldo e que é um jagunço do bando de Joca Ramiro.

Riobaldo, devido ao encontro e aceno de Reinaldo, afirma sentir-se validado por todos, descobre que eles são jagunços e que fazem parte de um bando armado de Joca Ramiro, ao comando de Titão Passos. E, mesmo não se sentindo totalmente confortável de se tornar um jagunço e de ser comandado por outra pessoa, decide com eles seguir, pois junto vai Reinaldo. Nesse período temporal, que se inicia com a partida de Riobaldo junto aos jagunços e Reinaldo, até a guerra final, quando se dá a morte de Diadorim e Hermógenes, Riobaldo passa seu tempo entre os jagunços.

A partir dessa decisão, a forma de percepção temporal de Riobaldo se modifica, visto que relata compreensões diferentes do transcorrer dos dias e dos tempos: uma quando está junto aos jagunços e outra quando se encontra junto a Reinaldo-Diadorim. Contudo, há outros momentos distintos de Riobaldo, que são aqueles ligados aos seus amores.

O jagunço Riobaldo, de *Grande sertão: veredas*, conhece três espécies diferentes de amor: o enlevo por Otacília, moça encontrada na Fazenda Santa Catarina, a flamejante e dúbia paixão pelo amigo Diadorim, e a recordação voluptuosa de Nhorinhá, prostituta, filha daquela Ana Dazusa, versada em artes mágicas. São três amores, três paixões, qualitativamente diversas, que chegam por vezes a interpenetrar-se (NUNES, 1976, p. 144).

As lembranças que Riobaldo conta ao doutor são da época em que ele está casado com Otacília, com quem se une após deixar a vida de jagunço e herdar as terras deixadas pelo seu pai. Ele conta: “Naquele primeiro dia, eu pude conversar outras vezes com Otacília, que, para mim, hora em mais hora embelezava. Minha alma, que eu tive; e minha idéia esbarrada. Conheci que Otacília era moça direita e opiniosa, sensata, mas de muita ação”. Para conquistá-la, Riobaldo conta: “Revisei meu fraseado. Quis falar em coração fiel e sentidas coisas. Poetagem” (p. 193). E ele afirma que era realmente o sincero que queria, como nas falas de livros; e muitas das sentidas coisas que Riobaldo fala a Otacília dizem respeito àquelas que Diadorim lhe ensinou, aquelas quando Riobaldo viveu tempos kairológicos.

3.3 O TEMPO DOS SERTANEJOS E DOS JAGUNÇOS

O tempo dos sertanejos e jagunços em *GSV* é aquele descrito nos relatos memorialísticos de Riobaldo, quando, em seu fluxo oral do discurso narrativo, usa a linguagem da consciência para dar sentido à sequência dos segmentos de sua memória. Esse período temporal faz parte dos tempos coletivos, são mais ou menos vastos e permitem que a memória retroceda mais ou menos longe, dentro do que se convencionou chamar passado; lembrando que os acontecimentos trazidos pela memória coletiva e/ou social, se sucedem no tempo, e,

essencialmente virtual, o passado não pode ser apreendido por nós como passado a menos que sigamos e adotemos o movimento pelo qual ele se

manifesta em imagem presente, emergindo das trevas para a luz do dia (HALBWACHS, 2003, p. 153-161).

Aqui, Riobaldo conta ao doutor da cidade sobre a dúvida que percorre toda a sua narrativa: “Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco” (p. 10). Essa é uma dúvida constante que é vivenciada e não resolvida por Riobaldo em todo o *GSV*.

Contudo, para os sertanejos e jagunços, a presença do diabo está em tudo misturada (p. 11) e presente em todo o tempo e em toda a história. E *GSV* inicia-se com o contar de uma delas, onde “o *Que-Diga*”¹⁶ (p. 8) estaria presente num bezerro branco, nascido com cara de cão, que os moradores próximos à fazenda de Riobaldo julgaram ver o demo. E há vários relatos como este que emolduram as narrativas de Riobaldo: o demo está na mandioca doce que vira azangada, na feiura do ódio franzido na face duma cascavel, em alguns gaviões e corvos com desejos ruins de rasgar e estraçalhar carnes, nas pedras horrorosas e venenosas que estragam mortalmente a água se estão no fundo do poço (p. 11), no menino Valtêi (dez anos) que gosta de matar e no cavalo com soluço (p. 14).

A existência ou não do demo, do seu poder e da possibilidade de se fazer um pacto com ele é algo de grande importância para o grupo de Riobaldo. E, a crença comungada por todos, que o Hermógenes teria feito esse pacto, ajuda-os a se manterem unidos, enquanto presentificados em uma memória coletiva compartilhada. Sua veracidade vem de um João Bugre: “...O Hermógenes tem pauta... Ele se quis com o Capiroto...” (p. 48), e também, como esclarece João Goanhá: “– O Hermógenes fez o pauto. É o demônio rabudo quem pune por ele.” (p. 66).

Todos mantinham ódio pelo Hermógenes, que “era ruim, ruim” (p. 170) e também “era matador – o de judiar de criaturas filhos-de-deus – felão de mau” (p. 188), de tal forma que se vingar dos “hermógenes” era parte constitutiva da vida dos jagunços que iam com Riobaldo, principalmente após “os judas” terem matado Joca Ramiro – o tempo da presença do demo é um tempo sem paz e violento, que causa horror.

Nesse contexto, afirma-se:

¹⁶ Rosa, na voz de Riobaldo, atribui cerca de 70 nomes diferentes ao demônio. Apresento aqui 27 exemplos: Demo, Lúcifer, o Que-Diga, o Capiroto, o Tal, o Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Côxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos.

Antes de prosseguirmos, gostaríamos de fazer algumas observações sobre a captação temporal do fenômeno violento. Este, como sabemos, pode ser considerado lento ou rápido a partir de uma perspectiva objetiva. Todavia, no “Grande sertão: veredas”, predomina a percepção subjetiva do tempo por Riobaldo. Assim, algumas vezes, o ato violento é apreendido como vagaroso, tal como se dá quando Hermógenes se prepara para executar um inimigo capturado. (ROSA, 1988, p. 147). Frequentemente, porém, ele é sentido como extremamente veloz, sobretudo, nas cenas guerreiras. De qualquer maneira, independentemente do modo pelo qual a duração dos fatos é vivenciada, o tempo mostra-se, algumas vezes, insuficiente para a absorção da experiência; constituído de estímulos desmedidos, inassimiláveis, numa palavra, traumatizantes (BUENO, 2008, p. 5).

Por isso, nessas dimensões temporais de violência, os jagunços juntos a Riobaldo não têm um tempo de vida fácil e “tudo, naquele tempo, e de cada banda que eu fosse, eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firme, numa certeza, e eu não pertencia a razão nenhuma, não guardava fé e nem fazia parte” (p. 141-142). O tempo dos jagunços não era submetido ao relógio ou à correria da vida das grandes cidades; era tempo de lutas, guerras e do sofrer as consequências advindas destas; eram tempos loucos: tempos de tiros das jagunçadas (p. 20), tempos submetidos ao *chronos* das guerras e das lutas dos jagunços pelo sertão, que, contudo, para alguns personagens, eram tempos felizes, pois estes se alegravam em matar, roubar, fazer uso da violência por meio de comportamentos perversos, pois tais ações lhes proporcionavam tempos prazerosos. Este é, inclusive, um valor importante que deve ser deixado bem esclarecido: *chronos* e *kairós* são ambos tempos fortes e relevantes. Não são excludentes, não se antagonizam ou se opõem, fazendo parte integrante da vida de todos em *GSV*, sejam sertanejos, jagunços, Riobaldo ou Diadorim.

Na travessia das Veredas-Mortas, por exemplo, Riobaldo narra: “Agora, a maior parte dos companheiros tremiam em prazos com a intermitente. Remédio que valesse, de todo faltava. Aquilo afracava, no diário; os homens perdiam a natureza” (p. 402). Naqueles momentos difíceis, Riobaldo conta sobre a vida de alguns companheiros jagunços: Zé Vital “tornava a dar ataque, dos entortar boca escumante e se esbracejar e espernear com madeira de braços – e – pernas que de quem eram” (p. 404); Gregoriano, uma cobra jararaca o picou “e o Gregoriano morreu, em pobres horas” (p. 405), e Felisberto tinha uma bala na cabeça que o fazia até mudar de cor. E quanto a Zé Bebelo, “não desistia de palavrear, a realeza de projetos, como faz-de-conta” (p. 405).

Riobaldo, contudo, em vários momentos, junto a seu grupo, questiona seu tempo de jagunço: “A verdade que diga, eu achava que não tinha nascido para aquilo, de ser sempre jagunço não gostava” (p. 66), “Então, eu era diferente de todos ali? Era” (p. 172), “O jagunço

Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser. Deus esteja!” (p. 216). E, em um momento, ajuntado com os companheiros, em usual estima, Riobaldo conta o que Sidurino disse, algo que lhe causou susto e medo: “A gente carecia agora de um vero tiroteio, para exercício de não minguar... A alguma vila sertaneja dessas, e, se pandegar, depois, vadiando...” (p. 406). Riobaldo, “ao assaz” o confirma, mas logo se assusta perante o fato de seus companheiros e amigos bondosos acharem natural irem até um arraial desamparado, com “gente como nós, com madrinhas e mães”, para matarem todos; terminando seu pensar com a frase “O horror que me deu – o senhor me entende? Eu tinha medo de homem humano” (p. 406).

A travessia de Riobaldo, então, em vários momentos, não se entrelaça ao *chronos* das matanças dos jagunços: Riobaldo se lembra do seu tempo de estudos, antes de ser jagunço, e tem saudades (p. 14), e espera que venha um tempo em que não se mataria mais gente (p. 22). No julgamento de Zé Bebelo, levanta sua voz para interceder por este junto a Joca Ramiro, para não matá-lo por punição pela derrota. Riobaldo “abriu ouvidos” a Titão Passos que afirma: “(...) que este homem não tem crime constável (...) Ele quis vir guerrear, veio – achou guerreiros! Nós não somos gente de guerra? Agora, ele escopou e perdeu, está aqui, debaixo de julgamento” (p. 269). Riobaldo não considera matar Zé Bebelo, e novamente questiona se ele próprio é um jagunço de algum dos dois bandos, de Zé Bebelo ou de Joca Ramiro, concluindo que não era de nenhum (p. 270).

Apesar de Rosa diluir “magicamente” a selvageria, à primeira vista, guerrear e matar ainda parecem ser as únicas ações que impulsionam a sociedade sertaneja, sejam os homens políticos, fazendeiros, ou simples jagunços. Com exceção de Riobaldo, que no decorrer da narrativa demonstra, em vários momentos, choque e aversão pela selvageria entre os bandos, aos demais tudo se passa como meio “natural” e imprescindível para a sobrevivência (ALVES, 2013, p. 125).

O próprio Riobaldo tem consciência desse tempo de violência que se segue até a vingança final, quando Diadorim mata, em luta de faca, o Hermógenes, ao mesmo tempo em que por ele é morto: “A ser que aqueles dias e noites se entupiram emendados, num ataranto, servindo para a terrível coisa, só. Aí era um tempo no tempo” (p. 344). Alves confirma a percepção desses tempos de fúria, que talvez pudessem não levar a uma boa recepção literária de *GSV*:

haja nesta a brutalidade, a crueza e sanguinolência de muitas passagens que, não fosse o efeito encantatório urdido pelo autor, seriam indigestas (...) ainda

que saibamos, por inúmeros episódios da “vida real”, o quão bruto e sanguinário o ser “humano” é capaz de se demonstrar (ALVES, 2013, p. 123).

Mas, o tempo de todos concentra-se em ir atrás de Hermógenes e Ricardão, após estes matarem, por traição, Joca Ramiro (p. 295). Como Medeiro Vaz, que sucede Joca Ramiro, também morre e a liderança de Zé Bebelo não é aceita, Riobaldo assume a liderança. Serra assim descreve esses tempos:

A partir desse momento, para o herói não há mais volta possível, (...) já que Diadorim é filha de Joca Ramiro e, jurando vingança de morte contra os “Judas”, vai exigir a participação de Riobaldo na guerra final que vai começar. Nesse contexto, o Tatarana torna a mudar nome e agora é o Urutu-Branco, grande chefe e (...), futuro Rei dos Gerais (SERRA, 2006, p. 70-72).

Riobaldo continua a contar como foram esses tempos: “O senhor sabe o mais que é, de se navegar sertão num rumo sem termo, amanhecendo cada manhã num pouso diferente, sem juízo de raiz? Não se tem onde se acostumar os olhos, toda firmeza se dissolve. Isto é assim. Desde o raiar da aurora, o sertão tonteia” (p. 315). Foram tempos de lutas contra os soldados do Governo e contra os “hermógenes”. De reencontro com Zé Bebelo e ainda de dúvidas sobre quem ele próprio, Riobaldo era: “Disso eu fiz um pensamento: que eu era muito diverso deles todos, que sim. Então, eu não era jagunço completo, estava ali no meio executando um erro. Tudo receei. Eles não pensavam” (p. 257-358).

E Riobaldo decide, por Diadorim, fazer o pacto com o Demo para acabar com a vida de Hermógenes. Ele assim narra (p. 409): “Este menino [Reinaldo, o Diadorim] e eu, é que éramos destinados para dar cabo do Filho do Demo, do Pactário. O que era o direito, que se tinha. O que eu pensei, deu de ser assim”. Esses foram momentos conturbados para Riobaldo: ele sentia que o tempo parava, que a noite o rodeava, depois que as horas reviraram e sempre a certeza do bem que queria a Diadorim lhe dando coragem para seguir até a encruzilhada das Veredas-Mortas. E Riobaldo assim o faz quando, à meia-noite que ia correndo, sai gritando por Lúcifer, Satanás “– Ei, Lúcifer! Satanaz, dos meus Infernos!”. (...) Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido” (p. 422). Riobaldo espera e ao final afirma: “Despresencieei. Aquilo foi um buracão de tempo” (p. 423).

Mas, quando se inicia a luta que leva à morte de Diadorim, o tempo de Riobaldo se desfaz, ele não consegue impedir nada e geme “alma que perdeu o corpo” (p. 594), e até para contar a luta e morte de Diadorim, anos depois, pede um tempo de silêncio. Assistindo à luta entre Hermógenes e Diadorim, Riobaldo percebe “o diabo na rua, no meio do redemunho...” (p. 595), o tempo que deu nó. Ele trespassa e afirma: “Eu estou depois das tempestades” (p. 595).

Muitos dos jagunços morrem também e os homens, após o final da luta, preparam os enterros. Riobaldo sufocava.

A Mulher, esposa de Hermógenes, tem piedade de Diadorim e, preparando esse corpo, suspira ao ver que se tratava de uma mulher. Riobaldo estarrece, perde a voz e põe fim ao seu tempo de jagunço, em espantoso encontro de tempos: “Fim que foi. Aqui a estória se acabou. Aqui, a estória acabada. Aqui a estória acaba” (p. 600).

Riobaldo, ao final, questiona, ele próprio, o sentido do tempo. O poeta, com a fratura de seu tempo exposta – a morte de seu amor encerrada no tempo – pergunta: “Porque eu, em tanto viver de tempo, tinha negado em mim aquele amor, e a amizade desde agora estava amarga falseada; e o amor, e a pessoa dela, mesma, ela tinha me negado. Para quê eu ia conseguir viver?” (p. 605). Mas a vida é uma travessia que continua, e Riobaldo encontra no amor de Otacília o seu apoio, que se esboça e cresce devagar. “A travessia é a existência que se temporaliza e revela, a cada volta do tempo, maiores questões e maiores problemas, sempre que pensada através das veredas poéticas da narrativa” (NUNES, 2013, p. 166). Mas, as questões e os problemas das veredas de Rosa não são respondidos: “A conclusão é incerta, a linguagem permanece aberta, correspondendo a um mundo inexplicável e enigmático” (ROSENTHAL, 1975, p. 174).

3.4 O TEMPO DE RIOBALDO E DIADORIM

A presença de Reinaldo – Diadorim na vida de Riobaldo, desde a primeira vez em que se olharam, possui uma significativa importância. Nessa situação, Riobaldo é chamado a prestar atenção nas coisas da natureza, o tempo “pareceu depressa demais” (p. 109); ouvir Reinaldo era “mel de melhor” e ele sente que estavam envolvidos em “alguma espécie de encantamento” (p. 84). Encantamento que segue o olhar de Diadorim para a natureza que Riobaldo sequer pensava ser possível de apreciar.

E, de Riobaldo, acostumado ao linguajar e à dureza do sertão, começam a romper desejos, emoções, sentimentos que são expressos pela mais pura poesia. Olhando o menino que não sabia o nome, Riobaldo diz por ele sentir “um prazer de companhia, como nunca eu tinha sentido”, desejando ficar próximo dele. Os sentimentos de Riobaldo afloram no reparar a idade, a voz, a pele, a cor, a tez, os olhos “aos-grandes, verdes”, a desenvoltura de comprar comida com dinheiro seu, de sair para passear de canoa, a simplicidade de convencê-lo a ir junto ao

passaio, a mão bonita que é macia e quente, e olha novamente “aqueles esmerados esmartes olhos, botados verdes, de folhudas pestanas” (p. 103-104).

Riobaldo, que tinha ido, três ou quatro vezes, com a mãe ao local para esmolar dinheiro a fim de cumprir uma promessa feita por ela após ter ficado curado de uma doença, dela se esquece, e “estava indo a meu esmo” (p. 104) com o Menino, atravessar o rio de águas claras de-Janeiro. Riobaldo, que diz “eu devia de estar com uns quatorze anos, se” (p. 100), já conhecia o local e assim o descreve: “é uma beira de barranco, com uma venda, uma casa, um curral e um paiol de depósitos. Cereais. Tinha até um pé de roseira. Rosmes!...” (p. 101). Mas, nessa travessia, o Menino mostra a natureza em volta a Riobaldo: cágados em cima de pedras ou nadando e, de repente, somente pela atenção que recebe do Menino que chama atenção “para o mato da beira, em pé, paredão, feito à régua regulado” e diz “As flores...” (p. 104), o mato da beira do rio, se tornam “muitas flores, subitamente vermelhas, de olho-de-boi e de outras trepadeiras, e as roxas, do mucunã, que é um feijão bravo; porque se estava no mês de maio”. E Riobaldo percebe e procura reconhecer um pássaro que cantou; também um bando de periquitos que passavam voando por cima deles; um papagaio vermelho ou uma arara, o canto do araçari. E afirma: “Não me esqueci de nada, o senhor vê”.

Os sentimentos de Riobaldo pelo Menino também tem cheiros, cores, texturas:

Ele, o menino, era dessemelhante, já disse, não dava minúcia de pessoa outra nenhuma. Comparável um suave de ser, mas asseado e forte – assim se fosse um cheiro bom sem cheiro nenhum sensível – o senhor represente. As roupas mesmas não tinham nódoa nem amarrotado nenhum, não fuxicavam (p. 104).

Há muito do que não se sabe, de um grande sertão que ninguém e nem Riobaldo sabe, nesse primeiro encontro entre ele e o Menino, conforme este próprio afirma: “Foi um fato que se deu, um dia, se abriu. O primeiro. Depois o senhor verá por quê, me devolvendo minha razão” (p. 100). Um lugar, uma beira de barranco que servia de porto do Rio-de-Janeiro, que meia-légua abaixo entra no rio São Francisco, lugar que na chuva era só lama e que causava receio sua descida, se torna, pela presença de um menino desconhecido que sorria para Riobaldo, o local que marca o início da travessia desse sertanejo, onde a matéria vertente de um contar dificultoso e muito entrançado é narrada.

No segundo encontro com o Menino, a narrativa de Riobaldo continua com seu linguajar poético descrevendo o “arvoamento” de Riobaldo ao reconhecer o Menino:

Soflagrante, conheci. O moço, tão variado e vistoso, era, pois sabe o senhor quem, mas quem, mesmo? Era o menino! O Menino, senhor sim, aquele do

porto do de-Janeiro, daquilo que lhe contei, o que atravessou o rio comigo, numa bamba canoa, toda a vida. E ele se chegou, eu do banco me levantei. Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho. Arvoamento desses, a gente estatela e não entende; que dirá o senhor, eu contando só assim? Eu queria ir para ele, para abraço, mas minhas coragens não deram. Porque ele faltou com o passo, num rejeito, de acanhamento. Mas me reconheceu, visual. Os olhos nossos donos de nós dois. Ei que deve de ter sido um estabelecimento forte, porque as outras pessoas o novo notaram – isso no estado de tudo percebi. O Menino me deu a mão: e o que mão a mão diz é o curto; às vezes pode ser o mais adivinhado e conteúdo; isto também. E ele como sorriu. Digo ao senhor: até hoje para mim está sorrindo. Digo. Ele se chamava o Reinaldo (p. 138).

Nesse segundo encontro, Riobaldo sente-se aturdido, pois viajava sem rumo certo, sem esperar esbarrar com ninguém conhecido, e muito menos com o Menino, e este “se deu sem o razoável comum, sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê” (p. 138). E reafirma como se sente impactado na presença de Reinaldo: “E desde que ele apareceu, moço e igual, no portal da porta, eu não podia mais, por meu próprio querer, ir me separar da companhia dele, por lei nenhuma; podia?” (p. 139). E, seguidamente, começa a questionar sobre a origem deste sentimento de amor:

destino dado, maior que o miúdo, a gente ama inteiriço fatal, carecendo de querer, e é um só facear com as surpresas. Amor desse, cresce primeiro; brota é depois. (...) Então, o senhor me responda: o amor assim pode vir do demo? Poderá?! (p. 139).

E o questionamento segue, deixando a vida de Riobaldo um tormento, pois, então, ele pergunta de onde vem o outro amor, aquele que sente por Otacília. E, conjuntamente, o amor que tem pela mocinha Nhorinhá que “deamei no passado, com um retardo custoso” (p. 140).

Diadorim, que muito apreciava a natureza, gostava de reparar os pássaros e seus cantos e chama atenção de Riobaldo para isso. Riobaldo narra:

Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos vôos e pouso. Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar. Mas o Reinaldo gostava: - “É formoso próprio...” – ele me ensinou (p. 143).

O pássaro que Reinaldo mais gostava era o manuelzinho-da-crôa, e dele Riobaldo sempre se lembra, como sempre lhe “alembra”, por causa da saudade que sentia do amigo, das coisas da natureza: “Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza. Sei como sei” (p. 29). Se Diadorim estivesse por perto, Riobaldo se esquecia de tudo “...num espairecer de contentamento, deixava de pensar [...]. Só que coração meu podia

mais” (p. 29). É esse encantamento que Riobaldo sente por Diadorim, que, em vários momentos se relaciona à natureza, que faz Mourão levantar a questão se “a nomeação copiosa de flores, pássaros, capins não seria um prolongamento da fruição do nome de Diadorim?” (MOURÃO, 2008, p. 128) e, analogamente, fazer um prolongamento e fruição do nome Reinaldo, que, como jagunço, se estenderia para a nomeação de rios, chapadas, vilas, lugarejos, fazendas e nomes dos companheiros. Talvez, por essa razão, é que em um momento de conversa, Riobaldo percebe e conta: “E, aí desde aquela hora, conheci que, o Reinaldo, qualquer coisa que ele falasse, para mim virava sete vezes” (p. 144).

Durante todo o tempo que estiveram juntos, nas jagunçadas, Riobaldo confessa ao doutor da cidade que gostava de Diadorim: “Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava” (p. 146), e que Reinaldo fazia Riobaldo ver as cores do mundo (p. 148). Com Diadorim por perto, Riobaldo diz que é “ouro e prata” (p. 288) e quando longe, Riobaldo empurrava dias, “mudando em raiva falsa a falta que Diadorim me fazia” (p. 230). E até para conquistar a atenção de Otacília, Riobaldo molha mão em mel e regra sua língua para com ela falar de pássaros, assunto que Diadorim lhe havia ensinado (p. 189).

Um momento em especial, que ocorreu entre Riobaldo e Reinaldo, revela a afeição que existia entre eles e como Riobaldo, junto a Reinaldo, mostra o poder expressivo da linguagem poética, que emerge dessa afeição-amizade-amor. Este se deu quando Reinaldo se aproxima de Riobaldo para lhe dizer um particular, que não podia mais esconder: seu verdadeiro nome é Diadorim. “Guarda este meu segredo. Sempre, quando sozinhos a gente estiver, é de Diadorim que você deve me chamar, digo e peço, Riobaldo...”, fala Diadorim. Esse particular momento foi colhido em tempo oportuno, de alegria e felicidade completa para Riobaldo, mas se este foi especial, outros também o antecederam, como nos dois primeiros encontros de Riobaldo com o Menino, e outros o sucederam no sertão rosiano: “Diadorim e eu, a gente parava em som de voz e alcance dos olhos, constante um não muito longe do outro. De manhã à noite, a afeição nossa era duma cor e duma peça” (p. 186): tempos de afeição completa, tempos *kairológicos*.

Riobaldo, idoso, reflete sobre aqueles tempos: “Agora, que mais idoso me vejo, e quanto mais remoto aquilo reside, a lembrança demuda de valor – se transforma, se compõe, em uma espécie de decorrido formoso” (p. 343). Um “decorrido formoso”, uma presença de *kairós* tal como foi definido: um tempo oportuno, completo, fragmentário e descontínuo. Contudo, logo depois Diadorim diz à Riobaldo:

“Não posso ter alegria nenhuma, nem minha mera vida mesma enquanto aqueles dois monstros não forem bem acabados...” E ele suspirava de ódio, como se fosse por amor; mas, no mais, não se alterava. De tão grande, o dele não podia mais ter aumento: parava sendo um ódio sossegado. Ódio com paciência; o senhor sabe? (29-30).

Nesses momentos, Riobaldo sentia que nada mudaria o rumo de Diadorim, o que, afinal, era exatamente o propósito que o bando, a comando agora de Medeiro Vaz, estava cumprindo. Para tanto, Riobaldo afirma que “Diadorim tanto não vivia. Até que viesse a poder vingar o histórico de seu pai, ele tresvariava [...] Diadorim só falava nos extremos do assunto. Matar, matar, sangue manda sangue [...] E eu tinha medo. Medo em alma” (p. 30).

Mas, Diadorim tinha seus próprios caminhos e suas próprias dúvidas sobre a vida e sobre a morte. Ele diz: “- Riobaldo, hoje em dia eu nem sei o que sei, e, o que soubesse, deixei de saber o que sabia...”. E complementa: “Só, e Deus que me passe por esta, que indo vou não com meu coração que bate agora presente, mas com o coração de tempo passado...” (p. 533). Porém, aquele não era o tempo oportuno para se ouvir com o coração e Riobaldo logo se distrai com “desvôo de tanajuras”, levando Diadorim a desviar seus olhos. Olhos que antes limpos, agora pareciam ter lágrimas e, apesar de Riobaldo contar que, naquele momento, não havia percebido as finuras de Diadorim, continua a contar que “mas, também, afiguro, que responder mais não pude, por motivos de divertência” (p. 534). A força da presença de Diadorim é que faz Riobaldo ser um poeta, que o permite destacar em um bando de pássaros um pássaro em especial, que faz flores num barranco terem cores bonitas para se reparar.

Assim, é a partir do primeiro encontro de Riobaldo com o Menino que se estabelece o primeiro marco temporal da história narrada, contada, lembrada e relembada pelo ex-jagunço, agora fazendeiro, Riobaldo. Seus relatos memorialísticos, em um sentido mais amplo, iniciam-se e tomam forma na estrutura de uma narrativa-moldura, no tempo em que Diadorim moldou, na natureza, a sua vida. Foram muitos momentos plenos e felizes ocorridos entre Riobaldo e Diadorim, tempos esses kairológicos. Mas, não há como negar que a vida de Diadorim, a travessia de Diadorim, tinha o objetivo certo de morte, algo que ele próprio reconhecia.

CAPÍTULO 4 O TEMPO DA LINGUAGEM POÉTICA: O *KAIRÓS* ROSIANO NO SERTÃO DE *CHRONOS*

O sertão rosiano de *GSV* não é pintado com a paleta das cores idílicas. Ele é local de lutas, guerras, misérias e jagunços de almas brancas, que vivenciam o misticismo, que matam e morrem, e alguns até que se distraem em matar, causando horror ao personagem-narrador Riobaldo. E essa luta, que se propaga pelo sertão mineiro, se estende também ao íntimo desse singular narrador, que ao final de sua vida de jagunço começa a especular ideias sobre a vida e a morte, a existência do demônio e o amor.

Nesse sertão, o tempo é socializado e compartilhado entre os amigos, companheiros, mulheres e sertanejos que passam a ser conhecidos pelo leitor ao longo da narrativa memorialística de Riobaldo. É também um tempo cronológico que, contudo, não se subordina às mensurações precisas do tempo da Física, não sendo, dessa forma, quantitativo, regular e contínuo. O tempo que Rosa dispõe na fala de Riobaldo não se coaduna com o tempo dos relógios e das determinações horárias de acordar, comer, trabalhar e dormir, tão caras ao homem atual, vinculando-se mais à realidade da vida daqueles sertanejos e jagunços em estreita ligação com a natureza.

A narrativa do *Grande sertão: veredas* é dinâmica. O narrador muda permanentemente da primeira para a terceira pessoa, ora falando de si mesmo; ora, do sertão; mas, mesmo quando fala de si, o sertão está implícito, pois o eu está integrado ao lugar, faz parte do mundo onde se passam os fatos. Homem e natureza se integram no texto (...). Isto é, os personagens de *Grande sertão: veredas* não *brigam* com a natureza, não tentam transformá-la, antes se integram a ela ou permitem que ela se integre a eles na condição de espaço transformado em personagem ativo que o homem vai utilizando para o atingimento de seus propósitos (CARDOSO, 2008, p. 148).

De fato, o tempo do sertão é um tempo cronológico ligado, essencialmente, aos eventos regulares naturais, às estações do ano, aos ciclos naturais da Lua, do Sol e do movimento das estrelas. Riobaldo é um grande conhecedor desses registros naturais, bem como do comportamento da fauna e flora típicas da região do sertão mineiro, sabendo ler, pelas mudanças perceptíveis que nelas ocorrem, as vagas do dia: “Quando o dia quebrava as barras, eu escutava outros pássaros” (p. 32), “Aí mês de maio, falei, com a estrela-d’alva. O orvalho pippingando, baciadas. E os grilos no chirilim” (p. 117), “Com a entrada da noite, o passar da água canta friinho, permeio, engrossa, e a gente aprecia o cheiro do musgúz das árvores” (p. 283), “Decidi o tempo – espiano para cima, para esse céu: nem o setestrêlo, nem as três-

maria, - já tinham afundado; mas o cruzeiro ainda rebrilhava a dois palmos, até que descendo” (p. 420). É daí que fluem os tempos das lembranças e das memórias de Riobaldo ligadas a Diadorim.

4.2 O *KAIRÓS* DA LINGUAGEM POÉTICA

Desde que conheceu Diadorim, Riobaldo começou a apreciar a natureza. Através do olhar e da fala do amigo, que se torna amor, a natureza, que antes sequer era vista, torna-se percebida e cheia de cores, luzes, texturas, beleza de sons e cheiros apreciáveis, a ponto de Guido assim afirmar:

Não fosse Diadorim, não haveria encanto em Riobaldo e em seu sertão, a força terrificante de Diadorim faz como que o narrador ultrapasse o senso comum e, anelando em suas ideias, adentre uma nova realidade transfigurada pelo encantamento que repovoa os tempos e os lugares do vivido, a força plástica de Riobaldo desencadeia o devir arte do cotidiano (...). A perspectiva do enquadramento dos personagens e do ambiente natural em simbiose faz da narrativa a arte sublime, distinta de qualquer outra descrição literária do sertanejo (...) (GUIDO, 2016, p. 62).

Mourão também faz um questionamento análogo, só que associado ao nome Diadorim, que é impreciso, indeterminado, e leva Riobaldo ao limite de sua macheza de jagunço, ao mesmo tempo em que lhe causa vertigem, pois questiona “o que estaria por trás desse nome oferecido como dádiva amorosa?”. Basta lembrar que Riobaldo conhecia seu amigo pelo nome de Reinaldo, e que “Diadorim é nome oferecido a Riobaldo para uso deste apenas; é dádiva de amor, pertence ao código amoroso, e por isso mesmo, secreto” (MOURÃO, 2008, p. 128-129).

Assim, é a partir de Diadorim e das lembranças a ele ligadas que Riobaldo vê a natureza e transfigura a realidade, algo que é percebido pelas transformações da natureza (NUNES, 2013, p. 221). O olhar de Riobaldo que incide sobre Diadorim reflete e é reflexo dessa metamorfose que se expressa na linguagem poética em tempos de puro arrebatamento. Tempos de várias histórias, e histórias de muitos tempos ressoam nesse contar poético de Riobaldo. Cito dois exemplos:

Contando sobre a Serra do Cafundó, com Diadorim ao seu lado, Riobaldo narra em uma explosão descritiva, a natureza do local. Há flores, capins de diferentes tipos e borboletas típicas do local e da estação do ano que exigem do narrador o conhecimento da natureza do local e no tempo.

Muito deleitável. Claráguas, fontes, sombreado e sol. Fazenda Boi-Preto, dum Eleutério Lopes – mais antes do Campo Azulado, rumo a rumo com o Queimadão. Aí foi em fevereiro ou em janeiro, no tempo do pendão do milho. Trêsmente: que com o capitão-do-campo de prateadas pontas, viçoso no cerrado; o aniz enfeitando suas môitas; e com florzinhas as dejaniras. Aquele capim-marmelada é muito restível, redobra logo na brotação, tão verde-mar, filho do menor chuvisco. De qualquer pano de mato, de de-entre quase cada encostar de duas folhas, saíam em giro as todas as cores de borboletas. Como não se viu, aqui se vê (p. 27-28).

Contando sobre os caminhos de seus amores com Otacília, mas com o pensamento em Diadorim, as mudanças nas divagações de Riobaldo são percebidas na descrição que ele faz das variações que ocorrem na natureza: o vento muda e, não por coincidência, o momento se dá ao entardecer, quando a cor do céu se modifica:

Já era para entardecendo. Vindo na vertente, tinha o quintal, e o mato, com o garrulho de grandes maracanãs pousadas numa embaúba, enorme, e nas mangueiras, que o sol dourejava. Da banda do serro, se pegava no céu azul, com aquelas peças nuvens sem movimento. Mas, da parte do poente, algum vento suspendia e levava rabos-de-galo, como que com eles fossem fazer um seu branco ninho, muito longe, ermo dos Gerais, nas beiras matas escuras e águas todas do Urucúia, e nesse céu sertanejo azul-verde, que mais daí a pouco principiava a tomar rajas feito de ferro quente e sangues. Digo, porque até hoje tenho isso tudo do momento riscado em mim, como a mente vigia atrás dos olhos. Por que, meu, senhor? Lhe ensino: porque eu tinha negado, renegado Diadorim, e por isso mesmo logo depois era de Diadorim que eu mais gostava. A espécie do que senti. O sol entrado (p. 194).

Um momento em especial também se ressalta: o primeiro instante em que Riobaldo percebe que realmente ama Diadorim. Este ocorre após o julgamento de Zé Bebelo, quando Riobaldo decide não seguir mais o bando de jagunços e, um dia, pega o seu cavalo e resolve sair a esmo. Mas Diadorim o segue e o vigia até que ele dorme. E quando Riobaldo acorda, encontra Diadorim ao seu lado, sério, sem nada falar. No silêncio, ele sente como gostava dele e decide voltar. “Travessia de minha vida. Guararavacã – o senhor veja, o senhor escreva. As grandes coisas, antes de acontecerem. Agora, o mundo quer ficar sem sertão”.

Aquele lugar, o ar. Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei – na hora. Melhor alembro. Eu estava sozinho, num repartimento dum riacho, rancho velho de tropeiro, eu estava deitado numa esteira de taquara. Ao perto de mim, minhas armas. Com aquelas, reluzentes nos canos,

de cuidadas tão bem, eu mandava a morte em outros, com a distância de tantas braças. Como é que, dum mesmo jeito, se podia mandar o amor? (p. 288-289).

Contudo, para descrever o que Riobaldo sente, Rosa bem sabe que somente o discurso expositivo não é capaz de fazê-lo e que, portanto, para ultrapassar tais limites, Riobaldo faz uso especialmente do gênero lírico, por onde “busca captar e transmitir o indizível” (MARTINS, 2020, p. 62). Esse discurso lírico é, contudo, cambaleante, feito por palavras tortas, com emendos e desmembrados, verborrágico, “embalado pela prosa poética da descrição da paisagem”, pois o amor que nasce em Riobaldo por Diadorim também o é. E, ao final, Riobaldo diz: “O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – “Diadorim, meu amor...” Como era que eu podia dizer aquilo? (...) Tudo tem seus mistérios” (p. 291).

Nessa narrativa sinuosa, labiríntica, que parte de um Riobaldo já ancião e que se inicia já escapando da linearidade temporal, há uma profusão de imagens e de sentidos que vertem “imprimindo poesia à narrativa, escapando-a de perder-se na torrente da razão”

Além do devaneio lírico que perpassa a narrativa, esta deixa-se invadir, por vezes, pela marca dramática como podemos observar na passagem em que o herói se vê obrigado a cumprir a ordem do seu coração: voltar ao passado, e de lá retornar, guiando-se pelo mapa traçado pelas possíveis pegadas deixadas por Diadorim, como se, ao refazer esse percurso, àquele pudesse revificar, pelo recurso da rememoração (SANTANA, 2000, p. 226).

É a vida e suas travessias que mesclam as realidades objetivas da vida de um jagunço – que inclui matar – às subjetividades e entremeios de um Riobaldo que especula ideias sobre Deus e demônio, sobre vida e morte, em um sertão que se abre à linguagem poética na tentativa de contar sobre um amor que brota do inexplicável.

Um paralelo semelhante também se estabelece no narrar de Riobaldo quando se trata dos seus afetos:

O puro afeto atravessa a epopeia do homem comum, de Rosa sob a capa do anonimato de Riobaldo, somente ali o afeto escapa à interpretação, foge a toda tentativa de estratificação e subjetivação; sobrevive, portanto, o amor em seu habitat (GUIDO, 2016, p. 62).

É, pois, Rosa, nas palavras de Riobaldo, tentando ultrapassar os limites da narração, fazendo uso da linguagem da oralidade, da escrita memorialística em desordem cronológica temporal, da combinação de gêneros literários para descrever o que é indizível, intraduzível e incompreensível – o amor de um chefe de jagunços por um dos seus companheiros – em pura

poesia. Freitas e Souza nos fornece pistas de como se estabelece a linguagem poética rosiana em *GSV*, citando caminhos apontados pelo próprio Guimarães Rosa, afirmando que “para compreender o homem é preciso uma literatura do irracional, do inconsciente e do desconhecido, porque ele crê na ressurreição do homem e no infinito”, complementando ainda, “pois ele acredita que no mundo já habita uma alma transcendente, lírica, a qual somente a palavra poética – reveladora –, é capaz de libertar” (FREITAS E SOUZA, 2008, p. 20).

Essa visão é também aquela compartilhada por Agamben sobre o poeta, ao estruturá-lo como aquele capaz de libertar o homem de suas amarras temporais e de curar a sua vida sem sentido. Este poeta, mesmo imerso nas trevas de seu tempo, é capaz de propor um repensar revolucionário, pois percebe que há muito mais além do tempo cronológico que ora se impõe. É nesse contexto que Riobaldo se insere, imerso que está nas lutas dos jagunços e, particularmente, naquela que objetiva matar os “judas” Ricardão e Hermógenes, vivenciando em seu cotidiano as trevas das realidades de matar, roubar, aproveitar-se de mulheres; atitudes comuns aos homens de seu bando de jagunços.

De fato, Riobaldo questiona-se várias vezes ao longo de *GSV*, se ele quer ser, ou se é, um jagunço; se realmente lhe é permitido matar e roubar, e demonstra visualizar para si mesmo outra vida, como um homem casado, fazendeiro e longe de guerras. Em Riobaldo, é a palavra poética que o liberta dos tempos que possuem o dorso quebrado e dos pontos de fraturas temporais, visto que nessa linguagem transformadora repousa o imaginário rosiano, no qual habita o irracional, a inspiração e a magia intuitiva, provindos da memória prodigiosa de Riobaldo acerca de tudo que envolve Diadorim.

Assim, se há tempos de lutas, fome e misérias em *GSV*; tempos cronológicos impostos pelas realidades da vida dura dos jagunços do sertão mineiro, há também momentos libertadores que fogem de qualquer lógica temporal e que surgem do imaginário de Rosa no relato memorialístico de Riobaldo. Estes são expressos em linguagem poética que surpreende pela sua força que cativa e emociona: são tempos kairológicos, em que a poesia se faz em voltas, em idas e vindas, desconsertos e labirintos que unem Riobaldo e Diadorim.

Em um momento em que Riobaldo e Diadorim se encontram juntos:

Mas, essa ocasião, ele estava ali, mais vindo, a meia-mão de mim. E eu – mal de não consentir em nenhum afirmar dos docemente coisas que são feias – eu

me esquecia de tudo, num espaiar de contentamento, deixava de pensar (p. 29).

- Sobre as dúvidas tão presentes em Riobaldo quanto a seu amor por Diadorim: Diadorim é, ao mesmo tempo, divino e diabólico. É ele quem, ainda menino, ensina Riobaldo a ver a beleza que vai pelo mundo. Mas, mesmo dando vida à alma do companheiro, marca-lhe sombriamente o destino. No entanto, no contentamento da presença do ser amado, Riobaldo não conseguia pensar. Ele só consegue se levantar e especular ideias após a morte de Diadorim.
- Diadorim põe sua mão na de Riobaldo e o esclarece sobre os combates que se seguirão, após Riobaldo gritar raivoso:

Mas nunca eu senti que ele estivesse melhor e perto, pelo quanto da voz, duma voz mesmo repassada. Coração – isto é, estes pormenores todos. Foi um esclero. O amor, já de si, é algum arrependimento. Abracei Diadorim, como as asas de todos os pássaros (p. 41).

- Em um momento, durante um acampamento:

“Natureza bonita, o capim macio. Me revejo, de tudo, daquele dia a dia. Diadorim restava um tempo com uma cabaça nas duas mãos, eu olhava para ela” (p. 61).

Essa citação é motivo de vários questionamentos, pois Riobaldo diz que “olhava para ¹⁷ela”. A problematização aqui se refere a “ela”, que seria a cabaça ou a indicação do gênero de Diadorim. Essa ocorrência pode ter sido um ato falho do autor ou uma estratégia narrativa para criar a dúvida, ambiguidade no ouvinte/leitor.

- - Riobaldo narra sobre caminhos que não se acabam quando Diadorim não está por perto. A saudade e a lembrança de seu amigo lhe apertam o peito, o tempo parece decorrer devagar; e somente no falar poético, ele consegue expressar seus pensamentos que surgem através das lembranças do ser amado.

“E, aí, a saudade de Diadorim voltou em mim, depois de tanto tempo, me custando seiscentos já andava, acoroçoado, de afogo de chegar, chegar, e perto estar” (p. 72-73).

- Sobre Diadorim, Riobaldo conta:

¹⁷ Esclarecimento do próprio professor orientador, Dr. Rogério da Silva Lima.

“A bem dizer, ele pouco falasse. Se via apreciando o ar do tempo, calado e sabido, e tudo nele era segurança em si. Eu queria que ele gostasse de mim” (p. 104).

- Sobre Diadorim gostar de apreciar a natureza:

“Era. Mas o dito, assim, botava surpresa. E a macieza da voz, o bem-querer sem propósito, o caprichado ser – e tudo num homem-d’armas, brabo bem jagunço – eu não entendia!” (p. 143).

- Riobaldo não percebia o belo que há na natureza, a beleza que aí se revela:

“(…) admiramos a glória do acaso, sentimos prazer com o murmúrio da floresta. Aceitamos uma espontaneidade e exuberância no sensível natural...” (DUFRENNE, 1981, p. 62).

- Riobaldo narra sobre o tempo que passou com Diadorim:

Os dias que passamos ali foram diferentes do resto da minha vida. Em horas, andávamos pelos matos, vendo o fim do sol nas palmas dos tantos coqueiros macaúbas, e caçando, cortando palmito e tirando mel da abelha-de-poucas-flores, que arma sua cera cor-de-rosa. Tinha a quantidade de pássaros felizes, pousados nas crôas e nas ilhas. E até peixe do rio se pescou. Nunca mais, até o derradeiro final, nunca mais eu vi o Reinaldo tão sereno, tão alegre. E foi ele mesmo, no cabo de três dias, quem me perguntou: - “– Reinaldo, pois eu morro e vivo sendo amigo seu!” – eu respondi. Os afetos. Doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice da minha mãe. Então, eu vi as cores do mundo. Como no tempo em que tudo era falante, ai, sei. De manhã, o rio alto branco, de neblim; e o ouricurí retorce as palmas. Só um bom tocado de viola é que podia remir a vivez de tudo aquilo (p. 148).

- É na beleza da natureza que é sempre completa e que nos arrebatava no tempo que Riobaldo expressa seu amor por Diadorim. Na natureza,

o espaço da paisagem permanece um espaço real que solicita o corpo, uma promessa ou um desafio, um espaço que os ventos e os pássaros percorrem e onde as rotas são um convite à viagem” (DUFRENNE, 1981, p. 62).

- Um momento muito especial, de pura instância kairológica e repleto de poesia em palavras tortas, ocorre quando ainda Reinaldo, Diadorim conta seu nome a Riobaldo, estando estes juntos, separados do bando. Após ouvir pela primeira vez a palavra “Diadorim”, Riobaldo narra:

Assim eu ouvi, era tão singular. Muito fiquei repetindo em minha mente as palavras, modo de me acostumar com aquilo. E ele me deu a mão. Daquela mão, eu recebia certezas. Dos olhos. Os olhos que ele punha em mim, tão externos, quase tristes de grandeza. Deu alma em cara. Adivinhei o que nós dois queríamos – logo eu disse: – “*Diadorim... Diadorim!*” – com uma força de afeição. Ele sério sorriu. E eu gostava dele, gostava, gostava. Aí tive o fervor de que ele carecesse de minha proteção, toda a vida: eu terçando, garantindo, punindo por ele. Ao mais os olhos me perturbavam; mas sendo que não me enfraqueciam. Diadorim. Sol-se-pôr, saímos e tocamos dali, para o Canabrava e o Barra. Aquele dia fora meu, me pertencia. Íamos por um plâino de varjas; lua lá vinha. Alimpo de lua. Vizinhança do sertão – esse Alto-Norte brabo começava. – Estes rios têm de correr bem! Eu de mim dei. Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo. Dia da lua. O luar que põe a noite inchada (p. 156).

Diadorim é amor impossível, o silêncio do indizível, podendo Riobaldo somente dizer para si mesmo seu nome. Mas, “o silêncio não é o nada” (SENDRA, 2000, p. 90), pois no silêncio está a matéria fundante e significativa de muitas histórias, e é o local de onde se acrescentam as profundidades do mistério que cercam o amor de Riobaldo por Diadorim. E como tudo se torna certo e incerto ao mesmo tempo, o dia da lua, o plâino das varjas, a alma em cara, Riobaldo só encontra Diadorim no olhar poético da poesia, e a mulher Deodorina na morte.

- A poesia de Riobaldo contando como amava Diadorim:

“Ah, naquela hora eu gostava dele na alma dos olhos, gostava – da banda de fora de mim” (p. 181).

- Riobaldo amava e pensava em Otacília também, mas seu sentimento por Diadorim era diferente:

“Pensava nela. Às vezes menos, às vezes mais, consoante é da vida. Às vezes me esquecia, às vezes me lembrava. Foram meses, foram anos. Mas Diadorim, por onde queria me levava” (p. 198).

Riobaldo conhece amores de diferentes formas em sua travessia, mas o seu amor por Diadorim o levava sempre para seu amigo: seus olhos, sua alma, seu coração e o seu corpo buscam por Diadorim em toda obra, mas nunca o encontra:

Lembro que naquela manhã também o calor era menos, e o ar era bondoso. Aí eu à paz – com vontade de alegria – como se estimasse um aviso. Demorei bom estado, sozinho, em beira d’água, escutei o fife dum pássaro: sabiá ou

sací. De repente, dei fé, e avistei: era Diadorim que chegando, ele já parava perto de mim (p. 237).

Riobaldo fala da natureza com paz e alegria e percebe que é porque Diadorim está próximo. Esse é um momento que mostra, muito claramente, como, estando Diadorim por perto, a maneira de Riobaldo ver a natureza é afetada, visto que “estar no objeto natural é como estar no mundo; dirigidos para o objeto e, também, investidos e comprometidos por ele” (DUFRENNE, 1981, p. 63).

- Na mesma ocasião anterior, após encontrar Diadorim, Riobaldo conta:

“E de repente eu estava gostando dele. Num descomum, gostando ainda mais do que antes, com meu coração nos pés, por pisável; e dele o tempo todo eu tinha gostado” (p. 238).

- os hermógenes se aproximam e Diadorim se alegra com a possibilidade de matá-los. Riobaldo ouve tiros e olha para seu amigo:

“Diadorim sacripante se riu, encolheu um ombro só. Para ele olhei, o tanto, até ele anoitecer em meus olhos. Eu não era eu” (p. 325).

- Nesse momento, Riobaldo e alguns de seus companheiros jagunços percebem que já estão “debaixo do cerco”, que a guerra realmente se iniciava e tiros são ouvidos. Mas Riobaldo não se preocupa consigo próprio; ele, Riobaldo, sua alma, vida e coração estão em Diadorim.
- Riobaldo tem uma visão de Diadorim como Nossa Senhora da Abadia, em um local onde havia um leproso:

Mas Diadorim, conforme diante de mim estava parado, reluzia no rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos – vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. E tudo meio se sombreava, mas só de boa doçura. Sobre o que juro ao senhor: Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa... Reforço o dizer: que era belezas e amor, com inteiro respeito, e mais o realce de alguma coisa que o entender da gente por si não alcança (p. 495).

O tempo kairológico em *GSV* muito se entrelaça com o tempo da descrição emocional do imenso e confuso amor de Riobaldo por Diadorim, espelhando na natureza repleta de plantas, matos, árvores, insetos, animais, lua, sol, estrelas, vãos e terras, o caminho tortuoso e indizível desse sentimento pela estrada da linguagem poética. Mas isso não quer dizer que a natureza do

sertão rosiano é idealizada ou que os sentimentos entre Riobaldo e Diadorim sejam sempre harmoniosos ou, ainda, que há sentimentos de amor de Riobaldo envoltos na natureza somente direcionados a Diadorim.

Animais e vegetais convergem nos momentos dramáticos do relato de Riobaldo. Hesitações, expectativas, conflitos marcam as relações dele com Diadorim e com as peripécias do bando de que ambos participam. Sempre os circunda a Natureza, que lhes é ora propícia, dadivosa, ora malévola e assustadora (NUNES, 2013, p. 291).

O que determina e constitui o tempo kairológico rosiano em *GSV* é o momento em que a linguagem poética de Riobaldo, em sua intensidade no falar de seu amor incomunicável por Diadorim, externa-se através de uma peculiar apreciação da natureza. Nesse momento, ocorre, como na Física, uma ressonância entre cores, sons, cheiros, texturas e palavras que reverberam no sertão na mais pura poesia.

4.3 O *CHRONOS* DO SERTÃO

O sertão que Riobaldo narra não permite uma vida tranquila para os sertanejos que nele moram nem travessias tranquilas para aqueles que por ele passam. O que é descrito entre os jagunços é: “Lei de jagunço é o momento, o menor luxos” (p. 268), comendo o que se tem a cada instante e quando isso é possível, dormindo cada um como pode, também quando isso é possível. Há chuvas sem fim, madrugadas frias junto a dias ensolarados, guerras entre vales e montes, momentos de emboscadas e sempre a presença do demo por perto. E há ainda o Hermógenes, que é, no contar de Riobaldo, “o Hermógenes, homem que tirava seu prazer do medo dos outros, do sofrimento dos outros. Ai. Arre, foi que de verdade eu acreditei que o inferno é mesmo possível” (p. 181).

E, quanto à vida dos sertanejos, esta é inundada de pobreza, miséria, fome, doenças e morte. Contudo, nesse sertão rosiano, muito se engana quem pensa que a simplicidade da vida rural, longe da civilização e afastada da cronologia dos relógios, implica uma vida em que as pessoas são naturalmente boas e simples. É fato que a vida sertaneja, natural e bravia, está condicionada às necessidades vitais, à luta diária pela sobrevivência e ao acesso imediato e direto às gratificações, mas

deve-se sublinhar, no entanto, que o mito que consiste em acreditar na bondade natural dos homens não corresponde à realidade sertaneja tal como

ela é apresentada e descrita neste romance. Muito pelo contrário, logo que entendemos que o que domina é a lei da guerra e da sobrevivência, tal como o proferiu o pensador setecentista Thomas Hobbes, entendemos que a maldade gera a vida dos jagunços no sertão: “Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinho de metal...” (p. 18). Longe de corresponder ao ideal do bom selvagem rousseauiano, a necessidade de matar venceu a inocência paradisíaca da vida selvagem. Matar é a lei do jagunço (BISHOP-SANCHEZ, 2000, p. 344).

Tal contextualização explicaria a maldade dos homens e das crianças, em *GSV*, pela simples maldade, como no caso do menino Valtêi, de 10 anos, que afirmava gostar de matar (p. 13), no caso de Aleixo, que matou “só por causa rústica” um velhinho que passou por um açude próximo à sua casa pedindo esmola (p. 12), também o companheiro jagunço Sidurino, que pede para ir a “alguma vila sertaneja dessas, e se pandegar, depois, vadiando...” exercitar um tiroteio (p. 406). E, claro, a própria maldade encarnada em um homem, que é o Hermógenes, traidor, assassino que matava a sangue gelado por ter feito pacto com o demo (p. 235).

Dessa forma, faz parte da lei dos jagunços o aprendizado de se acostumar e de se achar normal o mal, perfazendo das mortes e das guerras algo comum no sertão, de tal maneira que “o leitor pode ver que esta aprendizagem da guerra e a arte de matar friamente coincidem com a travessia do jagunço pelo sertão e, conseqüentemente, com a aprendizagem da vida (BISHOP-SANCHEZ, 2000, p. 345). Por essa perspectiva, a guerra é fator que dá sentido à vida dos jagunços, possuindo suas próprias leis, pois, “morrer em combate é coisa trivial nossa; para que que é que a gente é jagunço?! Quem vai em caça, perde o que não acha”, afirma Sô Candelário durante o julgamento de Zé Bebelo, logo após Titão Passos argumentar que Zé Bebelo não tinha feito crime maior, pois enquanto jagunço, matou e guerreou como todos (p. 276-277).

Esse universo do sertão dos jagunços, inclinado a ler nas escalas de matar friamente, por faca ou arma, o equilíbrio do fiel da balança da vida, é questionado pelo próprio narrador-personagem Riobaldo, que pergunta ser legítimo ao jagunço praticar tanta violência: Riobaldo tanto não achava que tinha nascido para ser jagunço (p. 66), quanto contava se não sabe se foi ou não jagunço (p. 216), e ainda indaga se jagunço – “criatura paga para crimes, impondo o sofrer no quieto arruado dos outros, matando e roupillando”, estava com Deus (p. 220). Mas, não conseguindo matar Hermógenes e nem salvar Diadorim, Riobaldo passa por um tempo significativo em reflexão, e desapodera. Ele narra: “Ao que eu ia, de repente, me vinha um assombramento de espírito, muita vez tonteei, de ter de me segurar, de cair; e, depois, durante muitos espaços, eu restava esquecido de tudo, de quem eu era, de meu nome” (p. 601). Esses tempos de desvarios de Riobaldo foram intensos, para ele e para os seus jagunços, e ainda que

transcorridos com tantas perdas e dores, indicam o desejo deles de permanecerem ligados ao sertão.

O que temos, então, no sertão de Rosa, é a presença naturalizada do *chronos* da guerra, do matar e do morrer. Não há tempo nem hora marcada em relógios para objetivar o tempo da morte, ou ainda disputas pré-agendadas em calendários para definir um duelo. A brutalidade do sertão rosiano é motivo de questionamentos literários e, se não fosse também a brutal genialidade rosiana para cobrir com a capa do encantamento linguístico as ferozes ações que seus personagens cometem contra os seus semelhantes, há dúvidas sobre como seria a recepção dessa obra.

É explorando o limiar dessa colocação que podemos, inclusive, questionar quão cego (ou não) estamos para o escuro do nosso tempo, quando Agamben se refere à capacidade de o poeta de estar imerso na escuridão do seu tempo, mas não cego em relação às luzes de sua época.

A ferocidade no *Grande sertão* também é o quanto ele nos convoca a estar diante do escuro quando o que vemos são as fraturas deste mundo-mutirão de todos. Ali se encontra o contraditório, os paradoxos, os dialogismos, o relacional, os protagonismos que extrapolam o humano, as camadas de poderes, os tempos disjuntivos e as histórias que tornam o conflito aquilo que ele é: desencontrado, desigual, incerto, digno, portanto, de uma luta constante. O sertão de Riobaldo, ou tudo isso e esse todo que nos evoca o monstro de Rosa, se mostra assim como o próprio presente fraturado (RESENDE, 2020, p. 149).

O tempo cronológico singular que domina o sertão rosiano é brutal e igualmente instigante, sugerindo que o ato de narrar e pensar o mundo esteja em fase de exaustão, e sendo assim, “não estaria o monstro de Rosa, torto e fora do lugar, a nos provocar a cumprir o que, na verdade, no contemporâneo, seria o nosso grande desafio: narrar e pensar *no* mundo?” (RESENDE, 2020, p. 149). O estatuto da naturalização de *chronos* seria só mais uma das tantas inquietações e perguntas sem respostas em travessias sem fim que Guimarães Rosa nos deixa.

CONCLUSÕES

A primeira e mais ampla conclusão a que chegamos é: como um estudo, cujo tema central é o tempo, envolve tantas variáveis e pode produzir tantos frutos! Apesar de diariamente convivemos com medições temporais que regulam as atividades de nossas vidas, desde o horário de acordar até o de deitar-se, quase nunca paramos para questionar o que é o tempo e por que damos tanta importância e nos submetemos, sem qualquer reflexão crítica, às medições regulares de um relógio. Igualmente, é interessante perceber de que modo aceitamos como verdadeira, única e correta a definição de tempo que a Física Clássica nos apresenta. Sobre o tempo físico, não há dúvidas de sua existência nem de sua precisão.

Contudo, toda essa certeza é perturbada quando se questiona o que realmente é o tempo: um padrão rígido de medidas, um período de vida, o movimento dos astros celestes, o que indica um relógio. Muita tinta e muitos *bites* já foram gastos na tentativa de defini-lo e, ainda assim, o tempo resiste a ser satisfatória e completamente definido por meio de uma única asserção. E isso ocorre porque o tempo necessita da abertura a outras áreas do conhecimento, além da física, para ser compreendido e explicado, como foi estudado e desenvolvido ao longo do primeiro capítulo dessa tese. Mostrou-se, então, que o próprio conceito de tempo que possuímos sofreu alterações ao longo da história e, uma outra concepção temporal, aquela associada aos gregos antigos, que dividiam o tempo em *chronos* e *kairós* foi analisada, segundo a orientação proposta por Agamben em seu ensaio *O que é o contemporâneo?*

Dentro desta abordagem, a Literatura se apresenta um local privilegiado para se estudar o tempo. A flexibilidade e a fluidez que ela oferece ao permitir o uso da língua normativa para além das formalidades rígidas dos arcabouços científicos possibilitam o acesso a outros campos do conhecimento, que, assim, podem se articular e trocar ideias sem a preocupação voltada para a comprovação de seus resultados no campo real. Desse modo, novas palavras podem ser construídas, contextos fantasiosos podem ser criados e a imaginação pode livremente se enveredar pelos campos nos quais a ciência nada pode afirmar.

Nesse contexto, a narrativa de *Grande sertão: veredas* surpreende em todos os sentidos quando se trata de estudar o tempo. Nessa obra, há poucas indicações das medições temporais cronológicas, o tempo narrado não segue a cronologia tradicional do avanço dos dias e das noites, tampouco o tempo de vida do narrador. A narrativa é cíclica, rememorativa e o passar do tempo, na quase totalidade da obra, é percebido pelas alterações sofridas na natureza; como explanado no decorrer do segundo capítulo apresentado. Isso exigiu algo muito especial de

Rosa, que foi o conhecimento das alterações naturais que ocorrem durante os dias, as noites e os ciclos das estações do ano, para, assim, inseri-las adequadamente em sua obra. Para tanto, a narrativa rosiana rompeu as barreiras da linguagem formal, fazendo uso de uma oralidade sertaneja muito próxima da escrita, da linguagem memorialística e da linguagem mítica que, por sua vez, encaminhou a narrativa para se abrir a um novo conceito de tempo guiado pelo comportamento mítico de retorno às origens.

É claro que as inserções temporais, em *GSV*, são vistas pelo olhar ficcional de um narrador-personagem que usa de uma linguagem própria para retomar os seus tempos vividos, em especial aqueles mais relevantes de sua vida, que foram vivenciados em um sertão sem delimitações definidas, mas Rosa, como profundo estudioso da natureza, as descreveu em vários momentos, em sintonia com o sertão mineiro da época. O que surpreende, de acordo com o que foi desenvolvido no segundo capítulo, é como no sertão ficcional rosiano, a natureza é representada em um alto grau de cores, texturas, luzes, cheiros e sons e como a linguagem mítica também é porta para a apresentação de um outro comportamento que permite também o retorno a um tempo original e importante, comparável ao tempo kairológico.

Outra particularidade de *GSV* é o seu narrador, pois ele, enquanto narra suas histórias no tempo presente, delas também participa com o uso do tempo no pretérito. Esse recurso linguístico – unido ao uso da oralidade típica dos sertanejos e jagunços mineiros, a uma história de um amor confuso e torto de um líder jagunço por outro homem, a uma travessia do sertão por veredas únicas que se expressam por uma linguagem poética deslumbrante – produz um efeito peculiar e intenso no leitor, que também é chamado a participar dos acontecimentos narrados, como foi exposto em todo o segundo capítulo.

Por isso, quando toda essa estrutura se reúne, o que se oferece é um mundo sem fronteiras, que se abre para um debruçar-se sem fim sobre a já ratificada genial obra *Grande sertão: veredas*. Assim, reunir a este leque de estudo a maneira como Giorgio Agamben visualiza o tempo, por meio da participação do poeta no ensaio *O que é o contemporâneo*, fez da procura a análise perquirida em todo o terceiro capítulo – qual leitura emerge da mobilização da percepção temporal de Agamben em *Grande sertão: veredas*, de Rosa – um trabalho extremamente gratificante.

Pesquisar sobre o que é o tempo ou como ele é compreendido historicamente leva a concluir que somente uma parte desse conceito é possível de ser plenamente conhecido, algo que implica admitir que este encerre uma maleabilidade conceitual que não se aplica à nossa realidade cotidiana, que associa o tempo a relógios, marcações temporais precisas, com cronometragens rígidas e inquestionáveis. Na nossa atualidade do mundo ocidental, é

praticamente inconcebível ter outra concepção sobre o tempo ou ainda não privilegiar a amálgama quantitativa que nele reside. Contudo, uma análise mais aprofundada mostra claramente a necessidade de se considerar tanto aspectos quantitativos quanto qualitativos do tempo, sendo exatamente esse questionamento a raiz do estudo apresentado.

Em *Grande sertão: veredas*, obra tão extensa quanto densa, a palavra *relógio* apresenta-se apenas pouquíssimas vezes (três) e, mesmo assim, em um contexto em que não se pretende associar a ação que se pratica às limitações impostas pelas horas, por exemplo, quando Zé Bebelo se recusa a olhar o relógio enquanto estudava com seu professor Riobaldo. Já a palavra *calendário* (a folhinha na parede) se apresenta uma única vez, quando Riobaldo, após a morte e reconhecimento de ser Diadorim uma mulher, perde os sentidos e ao acordar, conta sentir prazer em ver uma marcação temporal. Já as passagens com referências ao decorrer dos dias, com raras exceções, não são quantificadas, o mesmo acontecendo quando se trata das horas.

Nesse sentido, é igualmente surpreendente não haver indicações de tempos, rotinas, dias, anos ou qualquer outro período ou ciclo variável que apresente a ideia de serem iguais em *GSV*, ou seja, o recurso ao uso de medições temporais ligadas unicamente aos padrões do tempo físico praticamente inexistente no sertão de Rosa. Acrescentamos ainda que tempo físico é aquele que tem suas medidas padronizadas em dias, semanas, horas, minutos, segundos e outras subdivisões que foram criadas convencionalmente pelo homem como uma maneira artificial de se ter sob controle o tempo que decorre. Esse tempo físico é uma criação, uma invenção moldada para fazer o homem e a sociedade a ele se adaptarem. Várias épocas da humanidade, anteriores à nossa, viveram sem a pressão de a este tempo ter de se submeter durante suas vidas ou ainda, ter que a elas se submeter, necessariamente, após a morte, no além, caso a alma (se existir) for para o Purgatório. A crença neste terceiro lugar implica no controle temporal dess mobiliza a alma, em acordo com a Igreja, podendo-se, ainda, fazer uma analogia entre a travessia da alma no Purgatório com a travessia de Riobaldo através do sertão rosiano. Essas são as primeiras constatações críticas desta tese, visto que a ideia postulada de um tempo quantitativo, linear, contínuo e com fins de um progresso humano é uma concepção estruturalmente concebida e imposta socialmente, em detrimento de seus aspectos qualitativos, com foi concluído ao final do primeiro capítulo aqui exposto.

Uma próxima conclusão é imediata a essa primeira e diz respeito à atual concepção do tempo que possuímos. Pelos estudos feitos, nos dois primeiros capítulos, fica claro que essa visão do tempo sofreu alterações ao longo da história e, independentemente dos motivos que levaram a essas variações, é possível que haja a construção social de um novo olhar sobre o tempo que possa vir a valorizar, prioritariamente, seus aspectos mais qualitativos. Neste

momento, não questionamos se cabe ao poeta, como indica Agamben, a função de arquitetar as amarras temporais dessa nova forma de pensar o tempo; apenas formalizamos a possibilidade de fazê-lo, visto que alterações na concepção do tempo já ocorreram anteriormente.

A partir dessas afirmações, a aproximação deste estudo com a visão temporal grega antiga, que divide o tempo em duas formas de elaboração; uma quantitativa, denominada *chronos*, e uma qualitativa, denominada *kairós*, se torna bastante apropriada, estando em acordo com Agamben, no ensaio citado. E tal divisão, deslocada para o contexto atual, confirma que há prioridade do tempo cronológico sobre o tempo kairológico em nossas formas sociais de olhar para o tempo.

Assim, a leitura temporal que rege o cotidiano da maioria das pessoas que habitam os centros urbanos e as grandes cidades é aquela definida pelo *chronos* dos movimentos regulares de um relógio, em total oposição à leitura temporal em *GSV*. Nessa obra, a narrativa é avessa às marcações temporais ordenadas e se submetem às memórias e lembranças do narrador-personagem Riobaldo. Nesse contexto, esse singular narrador, que conta a um senhor doutor da cidade suas e várias outras histórias enquanto também delas participa, nos revela um tempo que não se submete às leis do padrão físico temporal; o tempo kairológico, por ele vivido durante suas jagunçadas no sertão mineiro ao lado de seu amigo-amor Diadorim. Uma atenção especial aqui foi levantada, ao final do segundo capítulo, como conclusão do estudo sobre a presença da linguagem mítica, nesta obra: o comportamento mítico, aquele que busca o retorno a um tempo passado, significativo e original também pode ser um meio para se vivenciar tempos kairológicos.

Por isso, o tempo ao qual os jagunços estão submetidos é aquele da natureza, onde se insere o *chronos* das guerras e lutas, com todas as consequências que dele advêm, estudo este efetivado no quarto e último capítulo desta tese. Isso significa que tais personagens vivem em situação constante de serem mortos e de prontidão para um combate; sem tempo definido para comerem, beberem, terem seus próprios cuidados pessoais com seus corpos e vestimentas. Também dormem, com frequência, abrigando-se como podem e sempre há um companheiro de vigia, trocando-se entre eles por turno. Não há luxos com a comida e são poucos os cuidados com os ferimentos e as doenças que possam lhes acometer. O tempo dedicado aos cuidados com os cavalos e seus apetrechos é o ponto de fuga desse contexto, com os quais os jagunços estabelecem uma relação de afeto e poder. O que predomina, em toda a narrativa, é esse cenário, à exceção de quando há a presença de Diadorim entre eles e Riobaldo, de acordo com os estudos efetuados no terceiro capítulo.

Mas isso não significa que não haja no sertão rosiano a presença de *kairós*, ou ainda que não haja alguma forma de se medir o tempo do sertão. O que não há, conclusivamente, como afirmado nos estudos apresentados no quarto capítulo, é o condicionamento do sertão e, particularmente dos jagunços, ao domínio das regras cronológicas do tempo padronizado e aceito nas cidades e personificado nos relógios. O decorrer do tempo no sertão não se mede pelos horários rígidos que determinam o amanhecer a partir das 6h, o entardecer a partir das 12h, o anoitecer a partir das 18h e o início de um novo dia às 24h ou 00h.

Já o tempo que compreende o contar de Riobaldo ao doutor da cidade é limitado em cerca de três dias, durante os quais o doutor ouvinte permanece hospedado em sua fazenda. Essa narrativa é cíclica e há, inclusive, ao seu final, a inclusão do símbolo do infinito, que pode ser traduzido pelo fato de esses relatos não terem um fim. Riobaldo, dotado por Rosa de uma extraordinária e prodigiosa memória, narra, através de um discurso memorialístico, lembranças vívidas, aquelas representações ligadas exclusivamente a Diadorim ou às que a ele, de alguma forma, estão ligadas, no decurso natural de seus acontecimentos. O contexto social do bando de jagunços ligados à Riobaldo, por partilharem as mesmas crenças, ideias e objetivos, permite e reforça a memória coletiva que Riobaldo narra e conta, dando voz à oralidade típica do povo do sertão mineiro, como identificado e concluído também ao longo do segundo capítulo.

Mas, nada em Rosa é linear, simples e direto. Assim, não é porque os sertanejos, Riobaldo e seu bando, vivem sob o domínio da natureza, que o tempo de suas vidas é de harmonia com ela, como se imagina ingenuamente estar envolvido o povo sertanejo. Os relatos de Riobaldo, muito contrariamente a essa imagem romantizada que envolve o sertão mineiro, mostram tempos de luta, morte, morte até por prazer, misérias, fome, doenças em um enfrentamento cotidiano pela sobrevivência frente a um ambiente rude e áspero que ainda conta com a presença sobrenatural do demo, que em tudo está misturado. O tempo de Riobaldo de especular ideias sobre o demônio é bastante intenso e significativo em *GSV*, chegando ele a fazer um pacto com Satanás, em um indicativo temporal bastante relevante, como retomado ao longo do terceiro capítulo.

Dessa forma, fraturas temporais, dorsos arqueados e joelhos nodosos são comuns ao tempo de vida dos jagunços e dos sertanejos. Esses correspondem às dores, mortes e tantas misérias pelas quais aqueles passam para sobreviver, em analogia ao apresentado na poesia *O século*, trazida por Agamben no ensaio já citado. Só que a guerra dos jagunços se faz contra outros jagunços, para se assegurar o poder das terras dos patrões, e também contra “os judas”, Hermógenes e Ricardão, que mataram por traição Joca Ramiro, pai de Diadorim e líder de grande prestígio. Contudo, Riobaldo questiona várias vezes esse direito de matar por dinheiro

pago, algo tornado normal entre os jagunços; e seu tempo de especular ideias segue continuamente em emendos e desmandos, como foi analisado no terceiro capítulo dessa tese.

Mas, certa e conclusivamente, as grandes fraturas temporais de toda a narrativa são a morte de Diadorim e sua posterior descoberta de ser, na verdade, uma mulher. A morte do amigo é uma fratura irremediável, sem dúvida, mas faz parte da vida de todos os homens, particularmente de todos os jagunços, que afinal iam ao encontro de uma guerra com certeza da presença da morte. E, unida ao fato de Riobaldo não ter conseguido evitá-la, isso causou profunda e sincera dor ao líder jagunço, que trespassou. No entanto, uma fratura mais forte e completamente impensável e estarrecedora se segue, quando Riobaldo descobre ser Diadorim uma mulher. Esse é o único momento temporal, em todo o *GSV*, em que Riobaldo perde a voz, uiva e chora. E para contar ao doutor ouvinte tal revelação, ele pede silêncio, pois nesse instante se dá uma suspensão temporal no mundo que Riobaldo não pode mais presenciar. Tais levantados estão presentes e incorporados ao longo do quarto capítulo.

A força de onde origina toda linguagem poética, conclusivamente, vem do amor de Riobaldo por Diadorim, conforme estudado mais destacadamente no quarto capítulo aqui estudado. Não fosse Diadorim, no sertão rosiano só haveria histórias de guerras e mortes, sem natureza expressiva ou cantos de pássaros que anunciam as horas dos dias e das noites. Não haveria o céu estrelado, nem a água fluindo friinha e, muito menos, as flores próximas aos barrancos ou o manuelzinho-da-crôa. Todo o tempo das histórias das vidas dos sertanejos e jagunços, sem a presença de Diadorim, estaria condicionado ao *chronos*. Foi o tempo vivido ao lado de Diadorim que transformou o sertão seco, quente e áspero em encantamento e que, assim, permitiu que *kairós* fosse encontrado dentro de *chronos*. E foi em *kairós* que Riobaldo percebeu como esse tempo lhe é significativo

O tempo kairológico, conseqüentemente, somente se apresenta em *GSV* nas narrativas ligadas a Diadorim, quando Riobaldo faz uso da linguagem poética para falar sobre seus confusos sentimentos pelo amigo. E tal linguagem é sempre intermediada pela apreciação da natureza, algo que Riobaldo aprendeu com Diadorim. A poesia de Riobaldo sempre se atrela a cores, sons, cheiros e texturas, estando vinculada às transformações dos sentimentos do próprio personagem e em sinergia com eles, sendo narrados embaralhados nas plantas, aves, cores, rios, céu, árvores e sertão, causando surpresa ao leitor o fato de Riobaldo ter tanto conhecimento sobre essa natureza. É que Rosa, durante muito tempo, fez listas das espécies vegetais e animais que habitam o sertão, sendo um profundo conhecedor tanto dos hábitos dos animais quanto das variedades da vegetação da região, empenhando-se, inclusive, em viagens de condução de boi para melhor aprender sobre a vida de seus futuros personagens.

O narrador-personagem Riobaldo, nesses momentos de *kairós*, torna-se o próprio poeta, inserido que está no sertão mítico, criado pelo toque de encantamento de Diadorim; estudo este exposto, principalmente, ao final do segundo e no início do quarto capítulos desta tese. E, se o poetar do jagunço Riobaldo é labiríntico e verborrágico, é porque seus sentimentos também o são, e igualmente intensos. Não há nada que não seja tocado pelo linguajar arrebatador e amoroso de Riobaldo nessas circunstâncias, pois ele é capaz de transformar simples flores em espécies de floridas cores, rios escuros em águas claras e modificar total e plenamente a percepção temporal desse narrador-personagem. Essa maneira de apreender o tempo se harmoniza inteiramente com aquela apresentada por Kant ao afirmar ser o tempo, e também o espaço, formas de sensibilidade interior. Sob tal perspectiva, entende-se o porquê de se sentir o tempo decorrendo de forma irregular, pois, enquanto sensação, o tempo se modifica segundo cada pessoa, decorrendo mais lentamente quando se vivencia momentos desagradáveis e mais rapidamente quando se experimenta momentos felizes. E é exatamente isso o que ocorre com a percepção temporal de Riobaldo ao longo de todo o *GSV*, quando suas narrativas dizem respeito a Diadorim.

Contudo, se *kairós* nasce de Diadorim, em um sertão mítico, nem sempre e nem continuamente ele se apresenta nas conversas e nos momentos narrados entre os dois. É claro que há *kairós* presente nas narrativas de Riobaldo junto a Diadorim, que também está sob a tutela de *chronos* da guerra. Mas não é unívoca a correspondência entre linguagem poética e *kairós* em *GSV*, pois nem toda linguagem poética carregada de emoção corresponde a *kairós*, o que se comprova na longa, expressiva e comovente narração da matança dos cavalos pelos Hermógenes; e, igualmente, nem toda narrativa cronológica é violenta, como nos momentos de cantoria, após a janta, quando o grupo se reunia.

Outra possível conclusão surpreendente sobrevém ao perguntar se os jagunços possuem, na qualidade de jagunços, exercendo as atividades próprias desse ofício, como matar, roubar e abusar de mulheres, o prazer próprio de *kairós* na atividade desses atos. Pela definição aristotélica de prazer, aquela apreendida por Agamben, este ocorre quando qualquer animal exerce as atividades que lhe são naturais e que aprecia, como o músico com seu instrumento musical, o estudante com seu objeto de estudo etc. Assim, se esses jagunços se sentem felizes praticando atos de violência e morte – o que se confirma em *GSV* pelo menos, duas vezes: ao contar dos males praticados por Hermógenes, que são ligados ao demônio e que o fazem sorrir, e no exemplo de Sidurino, jagunço companheiro do bando de Riobaldo, que sugere intentar tais atos, por diversão, causando horror a Riobaldo – a conclusão é afirmativa, pois *kairós* não necessariamente indica o tempo oportuno de transformação para o bem. Cabe aqui somente

assinalar um condicionante, visto que o tempo do prazer kairológico deve estar acompanhado de toda e qualquer atividade desimpedida que visa ao próprio bem, só ocorrendo quando não se está doente, com fome ou sem dinheiro, por exemplo. E, como Rosa não determina tais ressalvas, muito menos em relação a Hermógenes e Sidurino, fica em aberto esta conclusão, lembrando ainda que o próprio Riobaldo chegou a lamber ideia do poder, com todo o povo sertanejo obedecendo aos seus desejos bons; destaque esse levantado ao discorrer do quarto capítulo.

E uma dramática conclusão ainda se faz necessária, dizendo respeito ao Riobaldo poeta. Nesse contexto, o jagunço possui as características daquele poeta que Agamben apresenta, pois está imerso em seu tempo, tem a capacidade de visualizar as luzes do futuro, mesmo experienciando tempos de trevas com guerras e mortes, e está também no ponto onde as fraturas temporais de *kairós* e *chronos* podem ser suturadas. Porém, nesse exato instante, que corresponde à morte de Diadorim, Riobaldo apenas vê o desenrolar final da batalha e Diadorim correndo em direção a Hermogénes com o punhal na mão. Com o braço machucado, ele tenta usar sua arma, que, nesse instante, trava, machuca-o ainda mais, e cai no chão. Ele procura gritar e dar uma ordem, mas não pode por estar em ânsias, tonteando e sem voz, assistindo à morte de Diadorim entre soluços e gemidos de ódio. Seu consolo, no arrebatamento, é imaginar a Nossa-Senhora acomodada no centro da igreja, pois nada consegue fazer para impedir a morte de Diadorim.

Consequentemente, Riobaldo não consegue suturar a fratura maior de sua vida, que se inicia com o assassinato do pai de Diadorim por Hermógenes; morte esta determinante para o início de uma busca feroz por vingança, que por sua vez foi o fator catalisador do caminhar por muitas veredas que propiciou ao líder jagunço encontrar um amor indizível, que questiona ser de Deus. Por esse amor, Riobaldo segue o tempo de *chronos*, mesmo o questionando, e acaba encontrando *kairós*: são as voltas da vida contadas por Rosa nas narrativas de Riobaldo. E as voltas das guerras entre jagunços acabam com a morte de Diadorim e dos judas, iniciando-se, posteriormente, um novo ciclo temporal narrativo.

Em *GSV*, o tempo costura palavras tortas, entremeia-se com *kairós* dentro de *chronos* e *chronos* dentro de *kairós*, com tempo dentro de tempo, fragmentário, descontínuo, às vezes pleno e às vezes insano. A linguagem poética é quem dita a harmonia dos desalinhados elementos dessa rica composição dramática engendrada por Rosa, na qual este estudo mobiliza a concepção temporal de Agamben e a alinha à linguagem oral do poeta de Riobaldo. Não há, na narrativa rosiana, a sutura da grande fratura da vida pessoal do jagunço-poeta-narrador-personagem Riobaldo, que, apesar de suas perdas e dores, segue sua vida como fazendeiro,

casado com Otacília, mantendo ainda laços de amizade com alguns companheiros, como o compadre Quelemém, que se torna seu confidente e conselheiro espiritual. E quem permite esse reencontro é ninguém menos que Zé Bebelo, aquele mesmo ex-chefe jagunço que exigiu julgamento em batalha perdida para Joca Ramiro, que o libertou como grande e justo chefe jagunço que era. E esse foi o motivo dessa morte por traição, praticada por Hermógenes, narrativa essa que leva, novamente, ao tempo do início da travessia do sertão, do encontro de Riobaldo com Reinaldo, que era Diadorim. Mais uma vez, mais tempo dentro de tempo.

Nas veredas rosianas, é essa narrativa que coloca tempo dentro de tempo, a pedra filosofal alquímica que permite que o romance *GSV* seja tão grandioso, denso e tocante, com poder tamanho para narrar o inenarrável e dizer o indizível, mesmo envolto em misturas de sangue, morte, vida e amor unidos à violência. E é a grandiosidade tortuosa da linguagem poética de Rosa que possui a habilidade fenomenal de encobrir as mortes, assassinatos, misérias e dores dos personagens rosianos. Não fosse a poesia que explode errática e descontroladamente de Riobaldo, originada de seu amor sofreado por Diadorim, não haveria tempos kairológicos nesse romance. É ela a força intempestiva que move e dá início à revolução que libera Riobaldo de todas as suas amarras temporais.

Dessa forma, a linguagem poética pode ser considerada um meio pelo qual o homem pode se permitir enxergar as trevas de seu tempo e colocar-se no ponto de sutura das fraturas da humanidade, tornando-se, então, o dono de seu próprio tempo, escrevendo a sua própria história. E a leitura que emerge dessa visão do poeta é capaz de visualizar uma nova e revolucionária percepção temporal, aquela que pode vir a conduzir o olhar humano para não só reconhecer as sombras de seu tempo, mas também pensar sobre esse mesmo tempo. Acrescenta-se aqui também, a possibilidade de fuga do tempo cronológico para um tempo vivo através da rememoração de tempos passados originais e significativos, pelo comportamento mítico.

Esta é a questão lançada e deixada em aberto ao término desta pesquisa. No nosso tempo atual, ano de 2022, convencionalmente aceito pela sociedade ocidental, vivemos tempos dentro de tempos de incertezas, como nunca vistos desde quando se iniciou o período da modernidade, como estabelecido historicamente. A pandemia de covid-19, que já matou mais de 634.000 (seiscentos e trinta e quatro mil brasileiros – dados de 9 fevereiro de 2022), ainda não terminou; e às fraturas internas do nosso país vieram se somar outras tantas mais intensas, com consequências ainda desconhecidas por todos, como aquelas advindas de problemas climáticos que se escancaram por todo o mundo. Só que a vida não é um romance ficcional e não existe uma pedra filosofal que permite a leitura de onde se encontra o ponto de inflexão que levou as pessoas a viverem um tempo de vida apenas reativo aos ponteiros

de um relógio. Então, quem sabe, a linguagem poética e a literatura não venham a ser aquela chave correta que permita a abertura da porta dos tempos kairológicos.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história:** destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus.** 8. ed. Contra os pagãos. Parte II. Tradução de Oscar Paes Leme. Editora Universitária São Francisco. Bragança Paulista, 2008.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** 6. ed. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia.** Tradução de Ítalo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2009.
- ALVES, Cristiane da Silva. A formação dos homens e a violência em *Grande Sertão: veredas*. **Revista Literatura em Debate.** São Paulo, v. 7, n. 12, p. 121-138, jul 2013.
- ARANTES, Paulo Corrêa. *Kairós e Chronos:* origem, significado e uso. **Revista Pandora Brasil,** n. 69, dez. 2015. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/paulo.pdf. Acesso em: 3 jan. 2021.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco.** 2. ed. Tradução e notas de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2007.
- ARISTÓTELES. **Física IV.** Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0BxAbmxL88uaJV2dLTVVVWnFSTTQ/edit>. Acesso em: 20 mar. 2017.
- ARISTÓTELES. **Metafísica.** 3. ed. Tradução de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 11. reimpr. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Obras escolhidas, v. 1).
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BISHOP-SANCHEZ, Kathlyn. A desmistificação do homem naturalmente bom em Grande sertão: veredas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL GUIMARÃES ROSA – VEREDAS DE ROSA. **Anais...** Belo Horizonte, PUC-Minas, p. 343-347, 2000.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 50 ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRANDÃO, M. de O. R. O narrador-personagem memorialista de Machado de Assis. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v. 11, n. 21, p. 133-145, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/13999>. Acesso em: 17 jul. 2021.

BUENO, Giselle. O despertar do demônio: violência e trauma em *Grande sertão: veredas*. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo, USP, jul 2008. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/037/GISELLE_BUENO.pdf. Acesso em: 15 out. 2021.

CANDIDO, Antonio. **Grande sertão: veredas – Antonio Candido sobre Guimarães Rosa**. Entrevista. You Tube. Paulo Francisco Slomp. 20 nov. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nn9YMb6S7VQ>. Acesso em: 8 abr. 2020.

CARDOSO, João Batista. Ficção, história e margens numa visão estrutural do *Grande sertão: veredas*. **Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília**, n. 25, p. 147-163, 2008.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. 3.ed. Tradução de J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1992. Coleção Debates.

COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. 4. ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CORTEZ, Irlemar Chiampi. Narração e metalinguagem em *Grande sertão: veredas*. **Revista Língua e Literatura**, Universidade de São Paulo, n. 2, p. 61-91, 1973. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/115692>. Acesso em: 2 jun. 2020

COSTA, Gilmário Guerreiro da. **Aforismos e abismos: fragmentação e tragicidade no Grande sertão: veredas**. Parte II – Texto 3. Curso de Especialização em Estudos Clássicos. Disciplina: Recepção da Antiguidade na Literatura Contemporânea. Universidade de Brasília, 2013b.

COSTA, Gilmário Guerreiro da. **Uma introdução a Rosa em forma de ensaio**. Parte II – Texto 1. Curso de Especialização em Estudos Clássicos. Disciplina: Recepção da Antiguidade na Literatura Contemporânea. Universidade de Brasília, 2013a.

CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da (Org.). Guimarães Rosa e as perguntas irrespondidas... In: **Ave, Rosa! Leituras, registros, remates...** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. p. 33-40.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. 2. ed. Tradução de Roberto Figurelli. São Paulo: Perspectiva, 1981. (Coleção Debates).

ELIADE, Mircea. **Aspects du mythe**. Paris: Gallimard, 1966. (Coll. « Idées »).

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva (Coleção Debates).

COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. 4. ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CORTEZ, Irlemar Chiampi. Narração e metalinguagem em *Grande sertão: veredas*. **Revista Língua e Literatura**, Universidade de São Paulo, n. 2, p. 61-91, 1973. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/115692>. Acesso em: 2 jun. 2020

COSTA, Gilmário Guerreiro da. **Aforismos e abismos**: fragmentação e tragicidade no *Grande sertão: veredas*. Parte II – Texto 3. Curso de Especialização em Estudos Clássicos. Disciplina: Recepção da Antiguidade na Literatura Contemporânea. Universidade de Brasília, 2013b.

COSTA, Gilmário Guerreiro da. **Uma introdução a Rosa em forma de ensaio**. Parte II – Texto 1. Curso de Especialização em Estudos Clássicos. Disciplina: Recepção da Antiguidade na Literatura Contemporânea. Universidade de Brasília, 2013a.

CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da (Org.). Guimarães Rosa e as perguntas irrespondidas... *In: Ave, Rosa! Leituras, registros, remates...* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. p. 33-40.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. 2. ed. Tradução de Roberto Figurelli. São Paulo: Perspectiva, 1981. (Coleção Debates).

NUNES, Benedito. **Crivo de papel**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. (Coleção Debates).

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Tradução e notas de Rodolfo Lopes. São Paulo: Centro de Estudos Humanísticos e Clássicos – USP, 2010. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/ciencias-humanas-e-sociais/filosofia/timeu>. Acesso em: 20 mar. 2019.

RESENDE, Fernando. O que nos ensina o monstro de Rosa: a narrativa como percurso, o pensamento como problema. *In: MELO, Suzana Vasconcelos de (Org.). Explorando os entremeios: cultura & comunicação na literatura de João Guimarães Rosa*. São Paulo: Hucitec, 2020. p. 133-150.

ROBINSON, Thomas M. **A psicologia de Platão**. Tradução de Marcelo Marques. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Noites do sertão**. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ROSA, João Guimarães. **Vídeo entrevista Guimarães Rosa – Entrevista RARA em Berlim** (1962). 1962. (6min46s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ndsNFE6SP68>. Acesso em: 25 jun. 2019.

ROSENBAUM, Yudith. **Entrevista:** *Grande sertão: veredas*. Casa do Saber. You Tube. 29 set 2016. Disponível em: <https://youtube.be/MINASGOrgG5c>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ROSENBAUM, Yudith. O sertão e o inconsciente em *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. In: MELO, Suzana Vasconcelos de (Org.). **Explorando os entremeios:** cultura & comunicação na literatura de João Guimarães Rosa. São Paulo: Hucitec, 2020. p. 91-111.

ROSENTHAL, Erwin Theodor. **O universo fragmentário.** Tradução de Marion Fleischer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

SANTANA, Évila de Oliveira Reis. A mulher escrita em poesia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL GUIMARÃES ROSA – VEREDAS DE ROSA. **Anais...** Belo Horizonte, PUC-Minas, p. 225-229, 2000.

SCHIAVO, Sylvia. Na sala do teatro: rito e performance no julgamento de Zé Bebelo. **Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília**, n. 25, p. 207-218, 2008.

SENDRA, Arlete Parrilha. Foi culpa do silêncio. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL GUIMARÃES ROSA – VEREDAS DE ROSA. **Anais...** Belo Horizonte, PUC-Minas, p. 89-93, 2000.

SERRA, Tania R. Costa. A travessia de “Riobaldo Rosa”, no *Grande sertão: veredas*, como um processo de individuação. **Aletheia**, Universidade Luterana do Brasil, n. 4, p. 69-80, dez. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-03942006000300007. Acesso em: 16 out. 2021.

SOARES, Cláudia Campos. A constituição da voz narrativa em *Grande sertão: veredas*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL GUIMARÃES ROSA – VEREDAS DE ROSA. **Anais...** Belo Horizonte, PUC-Minas, p. 137-141, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução de Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010. Disponível em: https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/357712/mod_resource/content/1/Todorov_A%2Bliteratura%2Bem%2Bperigo.pdf. Acesso em: 18 jul. 2021.

**ANEXO 1 - LEVANTAMENTO DAS INDICAÇÕES TEMPORAIS EM GRANDE
SERTÃO: VEREDAS**

- “Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade” (p. 7).
- “Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá [O Urucúia]” (p. 8).
- “Bem, mas o senhor dirá, deve de: e no começo – para pecados e artes, as pessoas – como por que foi que tanto emendado se começou?” (p. 14).
- “Tempo saudoso! Inda hoje, apreceio um bom livro, despaçado” (p. 14)
- “Tempos loucos...Burumbum!” (p. 20).
- “Ah, vai vir um tempo, em que não se usa mais matar gente...Eu, já estou velho” (p. 22).
- “Quem me ensinou a apreciar essas as belezas sem dono foi Diadorim... A da-Raizana, onde até os pássaros calculam o giro da Lua – se diz- e cangassú mostra pisa em volta. Lua de com ela se cunhar dinheiro. Quando o senhor sonhar, sonhe com aquilo. Cheiro de campos com flores, forte, em abril: a ciganinha, roxa, e a nhíca e a escova, amarelinhas... Isto – no Saririnhém” (p. 26).
- “Muito deleitável. (...). Aí foi em fevereiro ou janeiro, no tempo do pendão do milho” (p. 27-28).
- “Tardinha que enche as árvores de cigarras – então, não chove. Assovios que fechavam o dia: o papa-banana, o azulejo, a garricha-do-brejo, o siurirí, o sabiá-ponga, o grunhatá-do-coqueiro... Eu estava todo o tempo quase com Diadorim”. (p. 28).
- “E estávamos conversando, perto do rego – bicamente de velha fazenda, onde o agrião dá flor. Desse lufús, ia escurecendo. Diadorim acendeu um foguinho, eu fui buscar sabugos (...). Que se fosse hoje. Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas as quisquilhas da natureza” (p. 29).
- “Mas, essa ocasião, ele estava ali, mais vindo, a meia – mão de mim. (...) eu me esquecia de tudo, num espaiar de contentamento, deixava de pensar” (p. 29).
- “Assim nós dois esperávamos ali pras cabeceiras da noite, junto em junto” (p. 30).
- “De noite, se é de ser, o céu embola um brilho. Cabeça da gente quase esbarra nelas. Bonito em muito comparecer, como o céu de estrelas, por meados de fevereiro!” (p. 32).
- “Quando o dia quebrava as barras, eu escutava outros pássaros” (p. 32).

- “Fazia tempo que eu não olhava Diadorim nos olhos” (p. 37).
- “De sorte que, do que eu estava contando, ao senhor, uma noite se passou todo o mundo sonhado satisfeito. Declaro que era em abril, em entrar” (p. 43).
- “A ver, e o sol, em pulo de avanço, longe na banda de trás, por cima de matos, rebentava, aquela grandidade. Dia desdobrado” (p. 47).
- “Até que, no mesmo padrão de lugar, sem mudança nenhuma, nenhuma árvore nem barranco, nem nada, se viu o sol de um lado deslizar e a noite armar do outro” (p. 50).
- “Noite redondeou, noite sem boca” (p. 54).
- “E foi. Saímos dali, num pintar de aurora. E em lugares deerados. Mais não se podia. Céu alto e o adiado da lua” (p. 54).
- “O senhor vá lá, na Jijujã. Vai agora, mês de junho. A estrela d’alva sai às três horas, madrugada boa gelada” (p. 58).
- “Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo. O inferno é um sem-fim que que nem não se pode ver. Mas a gente quer Céu é porque quer um fim: mas um fim com depois dele a gente tudo vendo” (p. 60).
- “Natureza bonita, o capim macio. Me revejo, de tudo, daquele dia a dia” (p. 61).
- “De madrugada, acordamos em sua janela um velhinho, dono de um bananal. O velhinho era amigo, executou o recado. Daí a cinco madrugadas, retornamos” (p. 65-66).
- “Em mês de agosto, burití vinhoso... Arassuaí não eram os meus campos... Viver é um descuido prosseguido. Aí, as noites cambando para o entrar das chuvas, os dias mal. Desenguli” (p. 70).
- “E, aí, a saudade de Diadorim voltou em mim, depois de tanto tempo, me custando seiscentos já andava, acoroçado, de afogo de chegar, chegar, e perto estar. (...). Bela é a lua, lualã, que torna a se sair das nuvens, mais redondada recortada” (p. 73).
- “Antes de lá, inchou o tempo, para chover. Chuva de desenraizar todo pau, tromba: chuvão que come terra, a gente vendo” (p. 78).
- “A tarde foi escurecendo” (p. 79).
- Era quase sonoite” (p. 79).
- “Tempo instante, que empurrou morros para passar...” (p. 83).

- “Diadorim veio para perto de mim, falou coisas de admiração, muito de afeto leal. Ouvi, ouvi, aquilo, copos a fora, mel de melhor. Eu precisava. Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto” (p. 84).
- “Não sabia, hoje será que sei a regra de nenhum meio-termo. Sem ação, eu podia gastar ali minha vida inteira, debulhando. Também, logo depois, depois de muitos silêncios e poucas palavras, Marcelino Pampa resolveu que, de tarde, nossa conversa ia ter repetição. Atontados, três” (p. 86).
- “Cada hora, de cada dia, a gente aprende uma qualidade nova de medo!” (p. 87).
- “Mas, depois de janta, quando estávamos outra vez reunidos...”(p. 87).
- Sobre Zé Bebelo: “E, na noite, ninguém não dormiu direito, em nosso acampo. De manhã, com uma braça de sol, ele chegou. Dia de abelha branca” (p. 88).
- “Diadorim alegre, e eu não. Transato no meio da lua. Eu peguei aquela escuridão. E de manhã, os pássaros, que bem-me-viam todo tal tempo. Gostava de Diadorim, dum jeito condenado; nem pensava mais que gostava, mas aí sabia que já gostava em sempre” (p. 94).
- “Dando o dia, de repente, Zé Bebelo determinou que tudo e tudo fosse pronto, para uma remarca em exercícios, como geral” (p. 94).
- “Melava de chover baixo, mimelava. Até o derradeiro do momento, parecia que íamos atravessar o Paracatú. Não atravessamos.” (p. 95).
- “Eu é que escolho a hora e o lugar de investir..” –“Zé Bebelo disse. (...) De manhã, de três lados, demos fogo” (p. 95).
- Sobre Nhorinhá: “Quando recebi a carta, vi que estava gostando dela, de grande amor em lavaredas; mas gostando de todo tempo, até daquele tempo pequeno em que com ela estive, na Aroeirinha, e conheci, concernente amor” (p. 100).
- “Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas pessoas veredas, veredazinhas” (p. 100).
- “O São Francisco represa o de-Janeiro, alto em grosso, às vezes já em suas primeiras águas de novembro. Dezembro dando, é certo. Todo o tempo, as canoas ficam esperando, com as correntes presas na raiz descoberta dum pau-d’óleo, que tem” (p. 101).
- Quando conhece Diadorim: “Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas, e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem

brincadeira – só meu companheiro amigo desconhecido” (p. 103).

- Sobre Diadorim ainda: “A bem dizer, ele pouco falasse. Se via que estava apreciando o ar do tempo, calado e sabido, e tudo nele era segurança em si. Eu queria que ele gostasse de mim” (p. 104).

- “– e, passado o tempo dum meu suspiro” (p. 106).

- Diadorim pôs sua mão na de Riobaldo: “Amanheci minha aurora” (p. 107).

- “Ah, tem lances, esses – se riscam tão depressa, olhar da gente não acompanha” (p. 108).

- “O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que eu estou dizendo; e escute desarmado. O sério é isto, da estória toda – por isto foi que a estória eu lhe contei -: eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome” (p. 109).

- “Dele nunca esqueci, depois, tantos anos todos” (p. 109).

- Morte da mãe de Riobaldo: “Morreu, num dezembro chovedor, aí foi grande a minha tristeza. Mas uma tristeza que todos sabiam, uma tristeza do meu direito. De desde, até hoje em dia, a lembrança de minha mãe às vezes me exporta. (...) Amanheci mais” (p. 111).

- “Era mês de maio, em má lua, o frio fiava” (p. 115).

- “Aí mês de maio, falei, com a estrela-d’alva. O orvalho pripingando, baciadas. E os grilos no chirilim. De repente, de certa distância, enchia espaço aquela massa forte, antes de poder ver eu já pressentia. Um estado de cavalos” (p. 117).

- “A gente se encostava no frio, escutava o orvalho, o mato cheio de cheiroso, estalinho de estrelas, o deduzir dos grilos e a cavahada a peso. Dava o raiar, entreluz da aurora, quando o céu branquece. Ao o ar indo ficando cinzento, o formar daqueles cavaleiros, escorrido, se divisava. E o senhor me desculpe, de estar retrasando em tantas minudências. Mas até hoje eu represento em meus olhos aquela hora, tudo tão bom; e, o que é, é saudade” (p. 118).

- “Vinham quebrando as barras. Dia de maio, com orvalho, eu disse. Lembrança da gente é assim” (p. 120).

- “O que eu guardo no giro da memória é aquela madrugada dobrada inteira: os cavaleiros no sombrio amontoados, feito bichos e árvores, o refinim do orvalho, a estrela d’alva, os grilinhos do campo, o pisar dos cavalos e a canção de Siruiz” (p. 122).

- “Ali nem acabei de falar, e em mim eu já estava arrependido, com toda a velocidade” (p. 125).

- “Na minha [vida], agora é que vejo, as coisas importantes, todas, em caso curto de acaso foi

que se conseguiram – pelo pulo fino de sem ver se dar – a sorte momenteira, por cabelo por um fio, um clim de clina de cavalo” (p. 126).

- “Relógio não vou olhar. Aí estudo, estudo, até que estico um cochilão. Cochilão me vem: então espairo o livro, e me deito, que me durmo” (p. 129).

- “Mas, com menos de mês, Zé Bebelo se tinha senhoreado de reter tudo, sabia muito mais do que eu mesmo soubesse” (p. 129).

- “A tal que, enfim, veio o dia de se sair, guerreiramente, por vales e montes, a gente toda. Ôi, o alarido! Aos quantos gritos, um araral, revôo avante de pássaros – o senhor mesmo nunca viu coisa assim, só em romance descrito” (p. 132).

- “Aquele dia tinha sido forte coisa” (p. 135).

- “Soflagrante, conheci. O moço, tão variado e vistoso, era, pois sabe o senhor quem, mas quem mesmo? Era o Menino! (...) E ele como sorriu. Digo ao senhor: até hoje para mim está sorrindo. Digo. Ele se chamava o Reinaldo” (p. 138).

- “Para que referir tudo no narrar, por menos e menor? Aquele encontro nosso se deu sem o razoável comum, sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê. Mesmo o que estou contando, depois é que eu pude reunir lembrado e verdadeiramente entendido- porque, enquanto coisa assim se ata, a gente sente mais é o que o corpo a próprio é: coração bem batendo. Do que o que: o real roda e põe diante. – Essas são as horas da gente. As outras, de todo tempo, são as horas de todos” – me explicou o compadre Quelemém” (p. 138-139).

- “Otacília, o senhor verá, quando eu lhe contar – ela eu conheci em conjuntos suaves, tudo dado e clareado, suspendendo, se diz: quando os anjos e o vôo em volta, quase, quase. (...) Depois lhe conto; tudo tem o tempo” (p. 140).

- “Comigo, as coisas não têm hoje e ant’ôntem amanhã: é sempre. Tormentos” (p. 140).

- “Eu vi a neblina encher o vulto do rio, e se estralar da outra banda a barra da madrugada. Assaz as seriemas para trás cantaram” (p. 140).

- “O rio, objeto assim a gente observou, com uma crôa de areia amarela, e uma praia larga: manhãzando, ali estava re-cheio em instância de pássaros” (p. 142).

- “Sopesei meu coração, povoado enchido, se diz; me cri capaz de altos, para toda seriedade certa proporcionado. E, aí desde aquela hora, conheci que, o Reinaldo, qualquer coisa que ele falasse, para mim virasse sete vezes” (p. 144).

- “Até hoje, não me arrependo retratando? Os dias que passamos ali foram diferentes do resto

da minha vida. Em horas, andávamos pelos matos, vendo o fim do sol nas palmas dos tantos coqueiros macaúbas, e caçando, cortando palmito e tirando mel da abelha-de-poucas-flores, que arma sua cera cor-de-rosa (...). Nunca mais, até o derradeiro final, nunca mais eu vi o Reinaldo tão sereno, tão alegre. E foi ele mesmo, no cabo de três dias, quem me perguntou: - “Riobaldo, nós somos amigos, de destino fiel, amigos?” (...) Então, eu vi as cores do mundo. Como no tempo em que tudo era falante, aí, sei. De manhã, o rio alto branco, de neblim; e o ouricuri retorce as palmas” (p. 148).

- “Com o tempo dos dias, fui conhecendo também que ele não era sempre tranquilo igual, feito antes eu tinha pensado” (p. 149).

- “Mudei meu coração de posto. E a viagem em nossa noite seguia. Purguei a passagem do medo: grande vão eu atravessava” (p. 152).

- “De repente, de repente, tomei em mim o gole de um pensamento – estralo de ouro: pedrinha de ouro. E conheci o que é socorro” (p. 153).

- “E o senhor depois verá que naquela minha noite eu estava adivinhando coisas, grandes idéias” (p. 153).

- Sobre o dia em que Reinaldo conta que seu verdadeiro nome é Diadorim: “Sol-se-pôr, saímos e tocamos dali, para o Canabrava e o Barra. Aquele dia fora meu, me pertencia. Íamos por um plâino de varjas; lua lá vinha. Alimpo de lua (...). Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo. Dia da lua. O luar que põe a noite inchada” (p. 156).

- “Hoje em dia, verso isso: emendo e comparo. Todo amor não é espécie de comparação? E como é que o amor desponta” (p. 157).

- “Fomos chegando de tardinha, noitinha já era, noite, noite fechada” (p. 157).

- No acampo do Hermógenes: “A lá chegamos num de-tardinha. Às primeiras horas, conferi que era o inferno. Aí, com três dias, me acostumei. O que eu estava meio transtornado da viagem” (p. 158).

- “Aquele noite, dormi conseguintemente” (p. 161).

- Sobre as matanças no bando de Hermógenes: “Essas coisas já não aconteceram mais no meu tempo, pois por aí eu já estava retirado para ser criador, e lavrador de algodão e cana” (p. 167).

- “Diadorim notou meus males. Me disse consolo: _ “Riobaldo, tem tempos melhores. Por ora, estamos acuados em buraco...”. Assistir com Diadorim, e ouvir uma palavrinha dele, me abastava aninhado” (p. 169).

- “Agora: o tudo que eu conto, é porque acho que é sério preciso” (p. 173).
- “Mas a natureza da gente é muito segundas-e-sábados. Tem dia e tem noite, versáveis, em amizade de amor” (p. 180).
- “Nunca, mesmo depois, eu nunca soube tanto disso, como naquele tempo. O Hermógenes, homem que tirava seu prazer do medo dos outros, do sofrimento dos outros. Ai. Arre, foi que de verdade eu acreditei que o inferno é mesmo possível” (p. 181).
- Sobre Diadorim: “Ah, naquela hora eu gostava dele na alma dos olhos, gostava – da banda de fora de mim” (p. 181).
- “Teve um instante, bambeei bem. Foi mesmo aquela vez? Foi outra? Alguma, foi; me alembro. Meu corpo gostava de Diadorim” (p. 182).
- Riobaldo pergunta à Diadorim sobre o amigo Leopoldo: “- eu indaguei, de sem-tempo, nem sei porque; eu não estava pensando naquilo. Antes já eu estava para trás de ter perguntado, palavras fora da boca.” (p. 182).
- “Digo ao senhor: naquele dia eu tardava, no meio de sozinha travessia” (p. 184).
- “O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo sim, tinha escapulado, calado, no estar da noite, varava dez léguas, madrugava, me escondia do largo do sol (...)” (p. 184).
- As razões de não ser. O que foi que eu pensei? (“...) Hoje, sei: medo meditado – foi isto” (p. 185).
- “Aí a troça em beirada de fogueiras, o vuvo de falinhas e falas, no encorpar da noite” (p. 185).
- “Diadorim e eu, a gente parava em som de voz e alcance dos olhos, constante um não muito longe do outro. De manhã à noite, a afeição nossa era duma cor e duma peça” (p. 186).
- “A gente estava em maio. Quero bem a esses maios, o sol bom, o frio de saúde, as flores do campo, os finos ventos maiozinhos. A frente da fazenda, num tombado, respeitava para o espigão, para o céu. Entre os currais e o céu, tinha só um gramado limpo e uma restinga de cerrado, de donde descem borboletas brancas, que passam entre as réguas da cerca. Ali, a gente não vê o virar das horas” (p. 188-189).
- Riobaldo tem um pressentimento da morte de Diadorim: “Me lembro, lembro dele nessa hora, nesse dia, Tão remarcado. Como foi que não tive um pressentimento?” (p. 191).
- “Naquele primeiro dia, eu pude conversar outras vezes com Otacília, que, para mim, hora em mais hora embelezava” (p. 193).

- “Já era para entardecendo” (p. 194).
- “Daí, sendo a noite, aos gatos pardos. Outra nossa noite, na rebaixa do engenho, deitados em couros e esteiras (...)” (p. 194).
- “Me balanceei assim, adiantado na noite (...). Saí. Tomei a altura do sete-estrela. Mas a lua subia estada, abençoando redondo o friinho de maio” (p. 196).
- Riobaldo pede Otacília em noivado e ela aceita: “Saí de lá aos grandes cantos, tempo-do-verde no coração” (p. 197).
- Mas, desse dia desse, sempre uma parte de mim ficou lá, com Otacília. Destino. Pensava nela. Às vezes menos, às vezes mais, consoante é da vida. Às vezes me esquecia, às vezes me lembrava. Foram esses meses, foram anos. Mas Diadorim, por onde queria, me levava” (p. 198).
- “Ao que faltava nem meia-hora para o sol ir entrando” (p. 200).
- “O tempozinho todo, naquele soflagrante” (p. 203).
- “Já a já, era noite. Noite da Jaíba dá de uma asada, uma pancada só. Há-de: que se acostumar com o escuro nos olhos” (p. 203).
- “Digo ao senhor: a noite é da morte? Nada pega significado, em certas horas” (p. 204).
- “A noite é uma grande demora” (p. 204).
- “O que eu queria era que tudo sucedesse, mal ou bem aquela noite tivesse termo de terminada. (...) A noite durava” (p. 205).
- “Aí quando é tempo de vagalume, esses são mil demais, sobre toda a parte: a gente mal chega, eles vão se esparramando de acender, na grama em redor é uma esteira de luz de fogo verde que tudo alastra – é o pior aviso” (p. 206).
- “Até que o dia deu, que é que foi do meu tempo, que horas se passaram? Aí eu podia medir, pelas estrelas que vão em movimento, descendo no rumo de seu poente, elas viravam. (...) Dali a pouco, o madrugal clareava, eu tinha de ver o dia vindo” (p. 207).
- “Andante que perpassou um vento, entre ele o crico de grilos e tantos bichinhos divagador. Assaz, a noite, com sombras vermelhas. O exemplar da morte, dessa, é que é num átimo, tão ligeira, tão direitinha” (p. 208).
- “Ah, digo ao senhor: dessa noite não me esqueço. Posso? Aos poucos, fui ficando soporado, nem bom nem ruim. Matar, matar, quê que me importava? Dessa noite esquecer não posso. Garouou, para a aurora” (p. 209).

- “Como clareia: é aos golpes, no céu, a escuridão puxada aos movimentos. A gente estava de costas para as barras do dia” (p. 209).
- Durante tiroteio contra os zé-bebelos: “Aquilo como durou, demorava um oco. O dia tinha clareado saído (...)” (p. 211).
- “Aí, e as horas não acabavam. O sol encostava na nuca da gente” (p. 212).”.
- Jõe Bexiguento fala para Riobaldo que estava em desespero: “Hora destas, tem galo já cantando, noutros lugares...” (p. 218).
- “Vou reduzir o contar; o vão que os outros dias para mim foram, enquanto. Desde que da rede levantei, com aquele peso anoitecido, amanhecido nos olhos. Tempo de minha vazante. A ver como veja: tem sofrimento legal padecido, e mordido e remordido sofrimento; assim do mesmo que ter roubo sucedido e roubo roubado. Me entende? Dias que marquei: foram onze” (p. 229).
- “Vir voltamos. Aqueles dias eu empurrei, mudando em raiva falsa a falta que Diadorim me fazia. Aí, curti amargos” (p. 230).
- “Digo ao senhor: se o demônio existisse, e o senhor visse, ah, o senhor não devia de, não convém espiar para esse, nem mi de minuto!” (p. 232).
- “Aquilo era a tristonha travessia, pois então era preciso. Água de rio que arrastava. Dias que durasse, durasse; até meses. Agora, eu não me importava. Hoje, eu penso o senhor sabe: acho que o sentir da gente volteia, mas em certos modos, rodando em si mas por regras”. (p. 232).
- “Lembro que naquela manhã também o calor era menos, e o ar era bondoso. Aí eu à paz – com vontade de alegria – como se estimasse recebendo um aviso. Demorei bom estado, sozinho, em beira d’água, escutei o fife dum pássaro: sabiá ou sací. De repente, dei fé, e avistei: era Diadorim que chegando, ele já parava perto de mim” (p. 237).
- “E de repente eu estava gostando dele, num descomum, gostando ainda mais do que antes, com meu coração nos pés, por pisável; e dele o tempo todo eu tinha gostado” (p. 238).
- “A vida não demora em nada. Nos seguintes, logo tornamos para tornar em guerra, com assanhamentos” (p. 239).
- “Em desde aquele tempo, eu já achava que a vida da gente vai em erros, como um relato sem pés nem cabeça, por falta de sisudez e alegria. Vida devia ser como na sala do teatro, cada um inteiro fazendo com forte gosto seu papel, desempenho. Era o que eu acho, é o que eu achava” (p. 245).
- “Combate vem é feito raio cai” (p. 247).

- “Aprendi a medir a noite em meus dedos” (p. 247-248).
- Riobaldo recebe um presente de Joca Ramiro: “Mas eu não percebi o vivo do tempo que passava” (p. 250).
- “Passaram o ribeirão, com tanta pressa, que a água se esguichou farta, vero bonito aquilo no sol. Demos fogo” (p. 251).
- Julgamento de Zé Bebelo: “Tanto que voltamos, manhã cedinho estávamos lá, no acampo, debaixo de forma” (p. 255).
- “Naquela hora, o senhor reparasse, que é que notava? Nada, mesmo. O senhor mal conhece esta gente sertaneja. Em tudo, eles gostam de alguma demora” (p. 261).
- “Agora, que vencemos, chegou a hora dessa vingança de desforra” (p. 268),
- “Ali naquel’horinha – meu senhor – foi que eu lambi idéia de como às vezes devia de ser bom ter grande poder de mandar em todos, fazer a massa do mundo rodar e cumprir os desejos bons da gente” (p. 271).
- “Tudo tão aos traques de repente, não sei, eu nem acabei o relance que me arrepiou minha idéia: que eu tinha feito grande toleima, que decerto ia ser para piorar (...)” (p. 275).
- Momento da sentença do julgamento: “Digo ao senhor, foi um momento movimentado” (p. 280).
- “Assente, enfim, tudo estava passado, terminado. Estava?” (p. 282).
- “Com a entrada da noite, o passar da água canta friinho, permeio, engrossa, e a gente aprecia o cheiro do musgúz das árvores. Zé Bebelo tinha ido embora, para sempre, no cavalo de duas cores, fez pouca poeira. Nós estávamos no jaz ali, repimpados, enfunando as redes. Disso não esqueço? Não esqueço” (p. 283).
- “Eu tinha vindo para ali, para o sertão do Norte, como todos uma hora vêm” (p. 283).
- O julgamento? Digo: aquilo para mim foi coisa séria de importante. Por isso mesmo é que fiz questão de relatar tudo ao senhor, com tanta despesa de tempo e miúcias de palavras” (p. 285).
- “Daquela hora em diante, eu cri em Joca Ramiro” (p. 285).
- “Sertão é quando menos se espera; digo. (...) Ao quando um belo dia, a gente parava em macias terras, agradáveis. As muitas águas. Os verdes já estavam se gastando. Eu tornei a me lembrar daqueles pássaros. (...) Diadorim, comigo. As garças, elas em asas. O rio desmazelado, livre rolator. E aí esbarramos parada, para demora, num campo solteiro, em varjaria descoberta,

pasto de muito gado” (p. 286).

- “Mas, tem horas em que me pergunto: se melhor não seja a gente tivesse de sair nunca do sertão. Ali era bonito, sim senhor. Não se tinha perigos em vista, não se carecia de fazer nada” (p. 286).

- “O que, por começo, corria destino para a gente, ali, era: bondosos dias. Madrugar vagaroso, vadiado, se escutando o grito a mil do pássaro rexenção (...) amanheciam duma restinga de mato, e passavam, sem necessidade nenhuma, a sobre (...). Dormi, sextas inteiras, por minha vida. Gavião dava gritos, até o dia muito se esquentar (...). O que é de paz, cresce por si: de ouvir boi berrando à forra, me vinha idéia de tudo só ser o passado no futuro” (p. 287).

- “Hoje, sei. E sei que em cada virada de campo, e debaixo de sombra de cada árvore, está dia e noite um diabo, que não dá movimento, tomando conta (...). Ouro e prata que Diadorim aparecia ali, a uns dois passos de mim, me vigiava” (p. 288).

- “E, digo ao senhor como foi que eu gostava de Diadorim: que foi que, em hora nenhuma, vez nenhuma, eu nunca tive vontade de rir dele” (p. 289).

- “Naquele tempo, não dava. Não me alembro. Mas foi nesse lugar, no tempo dito, que meus destinos foram fechados. Será que tem um ponto certo, dele a gente não podendo mais voltar para trás? Travessia de minha vida” (p. 289).

- “De tarde, como estava sendo, esfriava um pouco, por pêjo de vento – o que vem da Serra do Espinhaço – um vento com todas as almas (...). O vento é verde. Aí, no intervalo, o senhor pega o silêncio põe no colo” (p. 290).

- “Eu tinha gostado em dormência de Diadorim, sem mais perceber, no fofo dum costume. Mas, agora manava em hora, o claro que rompia, rebentava. Era e era. Sobrestive um momento, fechados os olhos, sufruía aquilo, com outras minhas forças. Daí, levantei” (p. 291).

- “De noite, o morro se esclarecia, vermelho, asgrava em labaredas e brasas” (p. 293).

- “Daí, deu um sutil trovão. Trovejou-se, outro. As tanajuras revoaram. Bateu o primeiro toró de chuva (...). Os dias de chover cheio foram se emendando. Tudo igual – às vezes é uma sem-gracez. Mas não se deve de tentar o tempo” (p. 294).

- “Ah, e vai, um feio dia, lá ele apontou, na boca da estrada que saía do mato, o cavalinho castanho dava toda pressa de vinda, nem cabeceava. [era um brabo nosso, Gavião-Cujo]” – “Mataram Joca Ramiro!...” (p. 295).

- “Desarma do tempo, hora de paga e perdas, e o mais, que a gente tinha de purgar, segundo se

diz. Tudo o melhor fizemos, e tudo no fim desandava” (p. 301).

- “Milho crescia em roças, sabiá deu cria, gameleira pingou frutinhas, o pequí amadurecia no pequizeiro e a cair no chão, veio veranico, pitanga e caju nos campos. Ato que voltaram as tempestades, mas entre aquelas noites de estrelarias se encostando. Daí, depois, o vento principiou a entortar rumo, mais forte – porque o tempo das águas estava no se acabar” (p. 303-304).

- “E era em maio, pousamos lá dois dias, flôr de tudo, como sutil suave, no conhecimento meu com Otacília. O senhor me ouviu” (p. 307).

- “Me alembro, meu é. Ver belo: o céu poente de sol, de tardinha, a roséia, daquela cor. E lá é cimo alto: pintassilgo gosta daquelas friagens. Cantam que sim. Na Santa Catarina. Revejo. Flores pelo vento desfeitas. Quando rezo, penso nisso tudo” (p. 308).

- “Do jeito é que retorço meus dias: repensando. Assentado nesta boa cadeira grandalhona de espreguiçar, que é das de Carinhanha. Tenho saquinho de relíquias. Sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas, a lume de lua...” (p. 309).

- “A lua, o luar: vejo esses vaqueiros que viajam a boiada, mediante o madrugada, com lua no céu, dia depois de dia” (p. 309).

- “Os dias que são passados vão indo em fila para o sertão. Voltam, como os cavalos: os cavaleiros na madrugada – como os cavalos se arraçôam” (p. 311).

- “Como é que pode pensar toda hora nos novíssimos, a gente estando ocupado com estes negócios gerais? Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo” (p. 312).

- “(...) Ali chovia? Chove – e não encharca poça, não rola enxurrada, não produz lama: a chuva inteira se soverte em minuto terra a fundo, feito um azeitezinho entrador. O chão endurecia cedo, esse rareamento de águas. O fevereiro feito. Chapadão, chapadão, chapadão” (p. 314-315).

- “De dia, é um horror de quente, mas para a noitinha refresca, e de madrugada se escorropicha o frio, o senhor isto sabe (...). Assim que fevereiro é o mês mindinho: mas é quando todos os cocos do buritizal maduram, e no céu, quando esteia, a gente acha reunidas as todas estrelas do ano todo” (p. 314).

- “Veredas. No mais, nem mortalma. Dias inteiros, nada, tudo o nada – nem caça, nem pássaro,

nem codorniz. O senhor sabe o mais que é, de se navegar sertão num rumo sem ermo, amanhecendo cada manhã num pouso diferente, sem juízo de raiz? (...) Desde o raiar da aurora, o sertão tonteia” (p. 315).

- “Mas o mundo falava, e em tonto sonho se desmanchando, que se esfiapa com o subir do sol, feito neblina noruega movente no frio de agosto” (p. 317).

- “Saí no grande orvalho. Só os pássaros, pássaro de se ouvir sem se ver. Ali se madruga com céu esverdeado” (p. 317).

- “Consegui com o frio, esperei a escuridão se afastar. Mas, quando o dia clareou de todo, eu estava diante do buritizal” (p. 317).

- “correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e ainda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito – por coragem. Será? Era o que eu às vezes achava. Ao clarear do dia” (p. 318).

- “Madrugada, no em que se ia partir dali, eu acordei ainda com o escuro, no amiudar” (p. 323).

- Os hermógenes se aproximam, há tiros: “Diadorim sacripante se riu, encolheu um ombro só. Para ele olhei, o tanto, o tanto, até ele anoitecer em meus olhos. Eu não era eu” (p. 325).

- Os hermógenes matam os cavalos: “E que era que queriam esses hermógenes? De certo seria tenção deles deixar aqueles relinchos infelizes em roda da gente, dia-e-noite, noite-e-dia, dia-e-noite, para não se aguentar, no fim de alguma hora, e se entrar no inferno?” (p. 341).

- “Aí, então, se esperou. Durado de um certo tempo, descansamos os rifles, nem um tirozinho não se deu. O intervalo para deixar a eles folga de matarem em definitivo nossos pobres cavalos. Mesmo quando o arraso do último rincho no ar se desfez de vez, a gente ainda se estarrecia quietos, um tempo grande, mais prazo – até que o som e o silêncio, e a lembrança daquele sofrer, pudessem se enralear embora, para algum longe. Daí, depois, tudo recomeçou de novo, em mais bravo” (p. 343).

- “Só foi um tempo. Só que alargou demora de anos – às vezes achei; ou às vezes também, por diverso sentir, acho que se perpassou, no zúo de um minuto mito: briga de beija-flôr” (p. 343).

- “Desse jeito foi que entardeceu, o sol piscou; a gente tendo perdido a certeza dos horários do dia. Afã de dessorsego, era só. Daí, pegava um cansaço. Fechasse a noite, o perigo podia vir a ser maior” (p. 346-347).

- “A noite breava própria; o mais escuro ia ser regulando em antes das dez horas, que quando depois podia subir um caco de lua” (p. 348).
- Alaripe fala baixo: “Noite é p’ra surpresas de estratagemas, noite é de bicho no usável...” (p. 348).
- “Fui ver o madrugar a manhã: uma brancura. O senhor sabe: no levante, clareou o céu com o sol das barras” (p. 351).
- “O dia envelhecia” (p. 352).
- “Assim – entardecer, anoitecer – galopassem em algum cavalo arranjado nos campos, e o tempo da gente eles estendiam” (p. 352-353).
- “Arreneguei do que é a força – e que a gente não sabe – assombros da noite” (p. 354).
- “Aquilo foi num dia, devia de estar sendo por volta de umas três da tarde, pelo rumo do sol. Ouvi!” (p. 356).
- “Mas isto tudo, que conto ao senhor, se compartiu de caber em pouquinhos minutos instantes” (p. 361).
- “Resolvo. Sendo em séria fiança, eu aceito o intervalo de armas, com o prazo demarcado de três dias. De três dias: digo” (p. 363).
- “Assim assente para esta noite: no instinto em que a primeirinha estrela se frisar” (p. 363).
- “Medido em suas partes, o dia estava gastado; beirava o prazo da decisão. Escogitei” (p. 367).
- Zé Bebelo diz a Riobaldo: “Todo tempo me gasta...” (p. 368).
- “Ao que, já se estava no ponto. Anoitecido. A uma estrela se repicava, nos pretos altos, o que vi em virtude. A estrelinha, lume, lume” (p. 369).
- “O quanto a noite se atravava de bom grosso” (p. 369).
- “Com o tempo se refrescando, e o desabafo do ar, burití revira altas palmas. (...) De verdade, entardecia. Derradeira arara já revoava” (p. 376).
- “Era dia-de-anos daquela árvore? Ao quando bem anoiteceu, foi assim. A gente só sabe bem aquilo que não entende” (p. 378).
- “Dia de ser de chuva, que madrugou tarde: boi nos cinzentos. E os pássaros de passagem precisavam de gritar muito uns para outros. (...) Nunca, em todos os meus tempos, eu vi inverno tamanho demorado. Era para espera” (p. 380).
- “Trovoou truz, dava vento. E chuvas que minha língua lambeu. Nelas mais não falo. Mas,

quando estiou o tempo, de vez, não sei se foi melhor: porque bateu de começo a fim dos Gerais um calor terrível. Aí, quem sofreu e não morreu, ainda se lembra dele. Esses meses de ar como que estavam desencontrados. (...) Porque está chegando hora d’eu ter que lhe contar as coisas muito estranhas” (p. 381).

- “Já depois, com andada de três dias, não se percebeu mais ninguém. Isso foi até onde onde o morro quebrou. Nós estávamos em fundos fundos” (p. 382).

- “A hora tinha de ser o começo de muita aflição, eu pressentia” (p. 388).

- “O sol carregando de envelhecer astesmente as folhagens – o começo do mês de junho já dava aparência de alto fim de agosto. Aquele ano declarava de não se ter nem frio, pelo legal. De que valeram as tantas chuvas? Aí este mundo de sertão tinha se perdido – eu mesmo me disse” (p. 392).

- “São os momentos, se sei. Senti cansaço. Adiantamos ligeiro, depois que passado o vau da mata-virgem, e tenteávamos pelo encontrável. O sol ia entrando, vi o céu nos roxos, nos vermelhos” (p. 394).

- “Cada dia é um dia. E o tempo estava alisado. Triste é a vida do jagunço. (...) Cada dia é um dia” (p. 398).

- “Os ruins dias, o castigo do tempo todo ficado, em que falhamos na Coruja, conto malmente. A qualquer narração dessas depõe em falso, porque o extenso de todo sofrido se escapole da memória. E o senhor não estava lá. O senhor não escutou, em cada anoitecer, a lugúgem do canto da mãe-da-lua. O senhor não pode estabelecer em sua idéia a minha tristeza quinhoã. Até os pássaros, consoante os lugares, vão sendo muito diferentes. Ou são os tempos, travessia da gente?” (p. 402).

- “– Ah, qualquer dia destes, qualquer hora... – era como eu me aprazava. O dum dia, duma noite. Duma meia-noite. (...) Aquilo, o resto... Aquilo – era eu ir à meia-noite, na encruzilhada, esperar o Maligno – fechar o trato, fazer o pacto!” (p. 410).

“– É hoje... (...). Do Tristonho vir negociar nas trevas de encruzilhadas, na morte das horas, soforma dalgum bicho de pelo escuro (...)” (p. 411).

- “Sombra de sombra, foi entardecendo; fuscava” (p. 418).

- “Adjaz o campo, então eu subi de lá, noitinha – hora em que capivara acorda, sai de seu esconderijo e vem pastar” (p. 418).

- “A noite viesse rodeando. Aí, friazinha. (...). Cheguei lá, a escuridão deu. Talentos de lua

escondida” (p. 419).

- “E foi assim que as horas reviraram. – a meia-noite vai correndo... eu quis falar. (...) Decidi o tempo – espiando para cima, para esse céu: nem o setestrêlo, nem as três-marias, - já tinham afundado; mas o cruzeiro ainda rebrilhava a dois palmos, até que descendo” (p. 420).

- “Sapateei, então me assustando de que nem gota de nada sucedia, e a hora em vão passava” (p. 422).

- “Não. Nada. O que a noite tem é o vozeio dum ser-só – que principia feito grilos e estalinhos, e o sapo-cachorro, tão arranhão. E que termina num queixume borbuhlado tremido, de passarinho ninhante mal-acordado dum totalzinho sono” (p. 422).

- “As coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas!” (p. 422).

- “Pois ainda tardei, esbarrado lá, no burro do lugar. (...) – E a noite não descamba!... (...) As quantas horas? E aquele frio, me reduzindo. Porque a noite tinha de fazer para mim um corpo de mãe – que mais não fala, pronto de parir, ou, quando o que fala, a gente não entende? Despresencieei. Aquilo foi um buracão de tempo” (p. 423).

- “Fui orvalhando. O ermo do ugar ia virando visível, com o esboço no céu, no mermar da d’alva. As barras quebrando. (...) Soporado, fiquei permanecendo. O não sei quanto tempo foi que estive. Desentendi os cantos com que piam, os passarinhos na madrugada. (...) Senhor, senhor – o senhor não puxa o céu antes da hora! Ao que digo, não digo?” (p. 424).

- “E, aí, quando uns estavam querendo tirar oração, por ser dia de domingo, não estive que não falasse” (p. 427).

- “Mas Diadorim perseverou com os olhos tão abertos sem resguardo, eu mesmo um instante no encantado daquilo – num vem-vem de amor” (p. 427).

- “De manhã, naquele mesmo dia, ele tinha conversado, de me dizer” (p. 427).

- “Aquele, horas destas, deve de andar lá por entre o Urucúia e o Pardo... O Hermógenes...” (p. 428).

- “De manhã, naquele mesmo dia, ele tinha conversado, de me dizer: - Riobaldo, eu gostava que você pudesse ter nascido parente meu...” (p. 428).

- “Regulada subida manhã, orçado o sol, e eles redondeavam no aprazível – tropilha grande, pondo poeira, dado o alvoroço de muitos cascos” (p. 429).

- “Agora, daquela hora, era meu o cavalo grande, com suas manchas e riscas – ah! Como ele

pisava peso no chão, e como ocupava tão grande lugar! Até passei um carinho nas faces dele, e pela tábua-do-pescoço a fora” (p. 430).

- “Olhei para cima: pegaram nas nuvens do céu cim mãos de azul. Aquela firme possança; assim permaneci, outro tempo, acendido. Eu leve, leve, feito de poder correr o mundo ao redor. Ao senhor eu conto, direto, isto como foi, num dia tão natural. Será que, de cousas tão forçosas, eu ia poder me esquecer? Aquele dia era uma véspera” (p. 432-433).

- “A gente muito rimos todos. A hora a ser de satisfa, alegrias sobejavam. Se caçou, se bebeu, um cantou o sertão. Mansinho, mãe, chegaram as voltas da noite. Dormi com a cara na lua” (p. 434).

-“Acordei. A madrugada com luar, me lembro, acordei com o rumor de cavaleiros que vinham chegando, no esquipado, e que travavam repentino com áspero estremecimento os cavalos (...). Madrugada esa boa claridade. Luar que só o sertão viu. Vim dele” (p. 434).

- “Zé Bebelo ia s’embora, consequentemente. Agora, o tempo de todas as doideiras estava bicho livre para principiar” (p. 439).

- “O que eu carecia era de uns instantes sempre meus, para estribar meu uso. Era primeira viagem saída, de nova jagunçagem; e as extraordinárias cousas, para que todos admirassem e vissem, eu estava em precisão de fazer” (p. 439).

- “Fiquei lá em cima, um tempo. Quando descí, umas coisas eu resolvia” (p. 440).

- “De manhã cedo, o senhor esbarra para pensar que a noite já vem vindo?” (p. 442).

- “Quando a madrugada bateu as asas, eu já estava abotoando a espora. Outra vez, eu digo: tem botim novo flote, e chinelo velho redomão. O dia ia ser lindo de leveza! Pelas beiradas do céu. Forramos o estômago; e saímos, deslizando com a manhã, com o merujo do orvalho” (p. 448).

– “Ah, Chefe: é sempre amanhecendo manhã, e aqui a gente merece tudo – vento que não varêia de ser... Mas vento que vem dos amáveis...” (p. 449).

- “Ah, não, eu bem que tinha nascido para jagunço. Aquilo – para mim – que se passou: e ainda hoje é forte, como por um futuro meu. Eu estou galhardo. Naquilo, eu tinha amanhecido” (p. 450).

- “Chegamos, com proceder seguro, e o céu por cima dali estava muito sereno” (p. 452).

- “Aquela hora, eu, pelo que disse, assumi incertezas” (p. 453).

- “Deu silêncio. Aquilo tardou assim: feito o tamanduá a língua põe, feito quem quer comungar” (p. 456).

- “E também, com o tardio da noite, veio a hora de se desaparecer da mesa (...)” (p. 460).
- “No outro dia, acordei com a boca amarga e doce, e o través de baixar alguma ordem comandando; esse dia com essa noite não se pertencia” (p. 461).
- “– a manhã ainda com diversas claridades” (p. 462).
- “O que nesta vida muda com mais presteza: é lufo de noruega, caminhos de anta em setembro e outubro, e negócios dos sentimentos da gente” (p. 462).
- “A virar o ar, viemos; em caminho não se descansou um dia. Agora eram os brejos da beira do Paracatú” (p. 463).
- “Vai, viemos, vimos. Esses dias em ondas. Sei só as encostas que subi, a festo. O Chapadão: céu de ferro. E era a lua-nova. Aquelas pedras brancas, que de noite tanto esfriam. As caraíbas estavam dando flôr. Por ponto de meu corpo, medi o enrolar dos longos ventos” (p. 464).
- “Só estive em meus dias. E ainda hoje, o suceder deste meu coração copia é o eco daquele tempo; e qualquer fio de meu cabelo branco que o senhor arranque, declara o real daquilo, daquilo – sem traslado... Ali eu diante de portas abertas, por livre ir, às larguras de claridade... Acho que foi assim” (p. 465).
- “Ah, só no azul do anoitecer é que o Chapadão tem fim” (p. 465).
- “A mal o mundo serenava, de tardinha, quando os jaós cantavam” (p. 466).
- “E, mesmo, na dita madrugada de noite, não tinha sucedido, tão pois” (p. 469).
- “Daí, de repente, quem mandava em mim já eram os meus avessos” (p. 470).
- “Aí tive até um pronto de rir: nhô Constâncio Alves não sabia que a vida era do tamanhinho só menos de que um minuto...” (p. 470).
- “O instante que é, é – o senhor nele se segure. Só eu sei” (p. 471).
- “As muitas sérias coisas referi comigo, quando eu estava provando a fresca da tarde” (p. 483).
- “Ainda hoje eu conheço tormentos por saber isso; trastempo que agora, quando as idades me sossegam (...). A saúde da gente entra no perigo daquilo, feito num calor, num frio. Eu, então? Ao que fui, na encruzilhada, à meia-noite, nas Veredas Mortas” (p. 483).
- “Sempre sei, realmente. Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pelejei para achar, era uma coisa – a inteira cujo significado e vislumbrado dela eu vejo que sempre tive (...). E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa” (p. 484).
- “Assim o Quipes, que retornava, depois de tantos meses (...). E, de ver um companheiro assim

se aparecer, de ausências, a gente ganhava mais mocidade” (p. 486).

- “O seja que tivesse vivido esses tempos tangendo urubú, adformas que vinha agora na ignorância de que eu é que era o Chefe” (p. 486).

- “Naqueles dias, era. (...) Agora eu ia indo às avessas de lá, da Santa Catarina, mas, de arribada, minha intenção de saudade vinha voltando. Tudo, nesta vida, é muito cantável” (p. 488).

- “Mas o senhor acreditando que alguma coisa humana é de todo impossível, então é que o senhor não pode mesmo ser chefe de jagunço, nem na menor metade só de um diazinho, nem somente nos vastos imaginados” (p. 489).

- “O que não entendo hoje, naquele tempo eu não sabia” (p. 489).

- “Máximo me lembro é de que, na mingunte, se estava no veredal das cabeceiras de um córrego, lugar de desmedidas pastagens, adonde os cavalos usufruírem descanso. A lá esbarramos e paramos, por uns dias” (p. 489).

- “Mas, guarde, por outra: o dia vindo depois da noite – esse é o motivo dos passarinhos...” (p. 490).

- “Repensava, no esfriar do dia. A quando é o do sol entrar, que então até é o dia mesmo, por seu remorso. Ou então, ainda melhor, no madrugada, logo no instante em que eu acordava e ainda não abria os olhos: eram só os minutos, e, ali durante, em minha rede, eu preluzia tudo claro e explicado” (p. 491).

- “Mas acontece que o instante entre o sono e o acordado era assaz curto, só perpassava, não dava pé. (...) E eu mesmo estava contra mim, o resto do tempo” (p. 491).

- “Em já madrugada-manhã, tudo clareado, reconheci: Diadorim!” (p. 493).

- Sobre o encontro com o leproso, o lázaro: “Que é que adiantava que, àquela hora, os passarinhos cantassem, acabando de amanhecer o campo sertão?” (p. 494).

- “Sobre o que juro ao senhor: Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa...” (p. 495).

- “Para mim, um palmo, àquela hora, podia medir três braças. Apertei” (p. 496).

- “Tarde foi que entendi mais do que meus olhos, depois das horrorosas peripécias, que o senhor vai me ouvir. Só depois, quando tudo encurtou. Dei decreto de fim em essas esquisitices” (p. 501).

- “Aparecia que nós dois já estávamos cavalhando lado a lado, par a par, a vai-a-vida inteira.

Que: coragem – é o que o coração bate; se não, bate falso. Travessia – do sertão – a toda travessia” (p. 502).

- “Agora, eu velho, vejo: quando cogito, quando relembro, conheço que naquele tempo eu girava leve demais, e assoprado. Deus deixou. Deus é urgente sem pressa. O sertão é dele. Eh! (...) Eh. Do demo? (...) Nada disso não pensei; como é que pudesse? A invenção minha era uma, os minutos todos, tivesse um relógio. A atravessar o Liso do Sussuarão. Ia. Indo, fui ficando airoso” (p. 503).

- “Descia e subia a fumaça da noite. Esbarramos. Era numa curta vereda, duns brejos, bunitizalzinho. Acendemos fogo. Aí mal dormi, fortíssimo no meu segredo. Um meu primeiro sono, sim. O resto, foi ondas. Reprazer crú dessa espiritação – eu ardia em mim, e em satisfação contente, feito fosse véspera duma patusqueira” (p. 505).

- “As forças me amanheceram acordado” (p. 505).

- “Aquela hora, eu só não me desconheci, porque bebi de mim – esses mares” (p. 505).

- “O dia parava formoso, suando sol, mesmo o vento suspenso. Vi o chão mudar, com a cor de velho, e as lagartixas que percorriam de leve, por debaixo das môtas de caculucage. (...) Era a hora” (p. 506).

- “Transe, tempo, que esperei a resposta deles. Dei a palavra! Meus homens. Ah, jagunço não despreza quem dá ordens diabradas” (p. 507).

- “- Se amanhã meu dia for, em depois-d’amanhã não me vejo” (p. 507).

- “- Antes de menino nascer, hora de sua morte está marcada!” (p. 507).

- “- Teu destino dando em data, da meia-noite tu vivente não passa...” (p. 507).

- “Sol em glória. Eu pensei em Otacília; pensei, como se um beijo mandasse” (p. 507).

- “As estrelas pareciam muito quentes” (p. 508).

- “Todo o tanto, que de sede não se penou demais. Porque, solerte subitamente, pra um mistério do ar, sobrechegamos assim, em paragens. No que nem o senhor nem ninguém não crê: em paragens, com plantas” (p. 508).

- “Só sei que, no meio reino do sol, era feito parássemos numa noite demais clareada. Assim figuro. Dentro de muito sol, eu estava reparando uma cena: que era um jumentinho, um jegue já selvagem caatingano, no limpo do campo caçando o que roer, assaz pelos cardos” (p. 510).

“Mas vi [o Demo]. Foi um átimo. Como que por distraído: num dividido de minuto, a gente

perde o tino por dez anos” (p. 512).

- “Sofri os pavores disso – da mão da gente ser capaz de ato sem o pensamento ter tempo” (p. 513).

- “(...) mas o senhor me diga, meussenhora: a horinha em que foi, a horinha? [da morte]. (...) Diadorim me olhava – eu estivesse para trás da lua” (p. 514).

- “Lei que íamos dar lá, madrugando madrugada, pegando todos desprevenidos, em movível supetão. Pois o Hermógenes parava longe, em hora recruzando meus antigos rastros, estes rasgos ele não adivinhava. Aí era o meu contrabalanço. A! – choca mal, quem sai do ninho...” (p. 514).

- “Ao que, por isso, não tardamos; não tivessem a primeira notícia da gente. Não se tomou nem um dia de fôlego. A trote e a chouto, vencemos uma grande noite – e demos lá, no luzir d’alva. Daí, só se esperou o listrar da primeira barra e a ponta da manhã estremecente. Segundo nosso uso. Demos fogo” (p. 515).

- “Tempos escurecidos. O que meus olhos não estão vendo hoje, pode ser o que vou ter de sofrer no dia depois-d’amanhã” (p. 518).

- “Ali, quem se lembrava de Zé Bebelo eram minhas horas de muita inteligência” (p. 518).

- “Quando chegamos cá no acampo, as ramas d’árvores já iam pegando o pós da noite. Ermo meu?” (p. 521).

- “Do que hoje sei, tiro passadas valias? Eh – fome de bacurau é noitezinha...” (p. 521).

- “O passado – é ossos em redor de ninho de coruja...” (p. 522).

- “O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece, debaixo da gente...” (p. 522).

- Sobre Felisberto que tinha uma bala de arma nos centros da cabeça: “- de lá, de vezes em vezes, perturbava com excessos: daí um dia, em curto, era a morte fatal” (p. 528).

- “Amanheceu claro” (p. 529).

- “Mas eu estou repetindo muito miudamente, vivendo o que me faltava. Tão mixas coisas, eu sei. Morreu a lua? Mas eu sou do sentido e reperdido. Sou do deslebrado. Como vago vou. E muitos fatos miúdos aconteceram” (p. 530).

- “O João-congo piava cânticos, triste lá e ali em mim. Isto é, minto: hoje é triste, naquele tempo eram as alegrias” (p. 530).

- “Atravessamos campos. Dias, tão claros, céu de toda altura. A mais voavam eram os gaviões. Goiás estava pondo fogo nos seus pastos. Arte que fumaçava, fumaceava, o tisne. O sol rôxo requeimão. Tive uma saudade de outras audácias” (p. 531).
- “Mas, conto ao senhor as coisas, não conto o tempo vazio, que se gastou. E glose: manter firme uma opinião, na vontade do homem, em mundo transviável tão grande, é dificultoso” (p. 532).
- “Dias tão claros. Tanto que as cigarras chiavam em grosas; e de que tal-arte valessem por um atraso das chuvas do ano, alguns já queriam desejar” (p. 532).
- “Diadorim mesmo mal me entendeu. Qual que recorde, foi num durante de tarde, a incertas horas, quando se vinha por um selado, estirão escampante. (...). Céu e céu em azul, ao deusdar. O senhor vá ver, em Goiás, como no mundo cabe mundo” (p. 533).
- Diadorim fala à Riobaldo: - “Riobaldo, hoje-em-dia eu nem sei o que sei, e, o que soubesse, deixei de saber o que sabia...”. (p. 533).
- “Como de fato, desamarrou o tempo. Formou muita chuva. Com assim, emendados chovidos três dias, então certificamos de permanecer esse tempo em prédio, e enchemos a Fazenda Carimã (...)” (p. 535).
- “Fossem trazer os cavalos, e arrear, atrás do tempo que fizesse – enxurradas tais, nuvens grossas, céu nubloso e trovão em ronco. Chuvas com que os caminhos se afundavam” (p. 539).
- Mas, aí nem bem os cavalos vieram no curral, se deu uma estiada muito repentina – por um montão de vento. O céu firmou, e sol, com todos os bons sinais” (p. 539).
- “Retardamos. Retardar, mesmo se me dava de agradável. Eu ia numa caçada, com o grande gosto, ah. Pois não era? Mais tempo se gastou, esbarrados em casas-de-fazendas ou em povoados” (p. 541).
- “Retardamos. Até que, tomando sação boa no veranico, seguimos em fim, estrotejando” (p. 541).
- “E piorou um tico o tempo, em Minas entramos, serra-acima, com os cavalos esticados. Aí o truvisco; e buzegava. O ladeirão, ruim rampa, mas pegamos a ponta da chapada. Foi ver, que com o vento nas orelhas, o vento que não varêia de músicas. Tudo consabia bem, isto sim, digo; no remedido do trivial, espaço de chuva, a gente em avanço por esses tabuleiros: fazia rio, por debaixo, entre as pernas de meu cavalo. Sertão velho de idades. (...) Ali envelhece vento” (p. 542).

- “Lei é asada é para as estrelas. Quem sabe, tudo o que já está escrito tem constante reforma – mas que a gente não sabe em que rumo está – em bem ou mal, todo-o-tempo reformando” (p. 542).
- “Vão da noite, quando o mato pega a adquirir rumores de sossegação. Ou quando luava, como nos Gerais dá, com estrelas. Luava: para sobressair em azul de luz assim, só mesmo estrela muito forte” (p. 546).
- “(...). Dei guerra. Como se quis: lei a lei, e fogo a fogo. Era na força da lua” (p. 546).
- “Mas, primeiro, antes, teve o começo. E aí teve o antes-do-começo; que o que era – a gente vindo, vindo. E vindo bem” (p. 547).
- “Num átimo. Discutido assim, o pessoal se arrumou para ir, já indo; jagunço nunca dilata” (p. 550).
- “Mas eu sabia que era o minuto e não era a hora” (p. 550).
- “Respiramos tempo, naqueles transitórios. (...) Eu tinha pressa de um final, mas o que ia mór em mim era um lavorar de paciência: talento com que eu podia ficar retardando. lá, a toda a vida. Safas – que eu podia dar também um pulo, enorme, sustirado, repentinamente” (p. 551).
- “Suspensos no parar, mesmo, a gente se embalançava na sela, banda para banda, na suavidade essa – conforme temperação, de que o espírito necessitava. Sendo o muito quieto, para não assustar os pássaros que comem sementes no capim, porque o revôo deles havia de dar ao inimigo alto aviso no ar” (p. 551).
- “Porque era a hora de olhar; mirei e vi” (p. 551).
- Ele [Fafafa] esperava um instante certo de meu respirar” (p. 551).
- “Fechei os olhos, e contei. Até dez, aguentei não, que me deu um deciso já em sete” (p. 552).
- “Amontoado no instante, mas eu mesmo assim tive prazo para me envergonhar de mim, e para sentir que Diadorim não era mortal. E que a presença dele não me obedecia. Eu sei: quem ama é sempre muito escravo, mas não obedece nunca de verdade...” (p. 552).
- “Aí, me alteei, e tive: que era o começo da grande batalha. Sobre o soprar, o Fafafa indo em frente, mais os dele, gritando alardes!” (p. 552).
- “Eu bebi gotas: digo, isto é, que ainda esperei mais” (p. 552).
- “Foi o instante de tempo que era o momento. Só chamei João Concliz: - “Agora é agora...” E joguei a rumo” (p. 553).

- “Suspenso – ouviu? – escapei, à de banda, com meu bom cavalo, repuxei as rédeas” (p. 553).
- “E tudo perpassante perpassou” (p. 554).
- “E quando a guerra para o meu lado relambeu, feito repentina labareda dum fogo” (p. 554).
- “E balas, mais, só; num enorme num minuto” (p. 555).
- “E, de arrepelo, tudo demudou” (p. 555).
- “E, pá, ainda no pior do meio, eu adivinhei sabendo: que meu comando tinha dado certo, e que dali a vau tudo estava ganho, desfecho do fim desse final” (p. 556).
- “Somenos sei, e conto mal certo, o que os três dias foram, no seguinte. Se soalerte o senhor, que estamos descambando: o senhor mesmo se prepare; que para fim terrível, terrivelmente” (p. 558).
- “Eu podia? Como é que vou saber se é com alegria ou lágrimas que eu lá estou encaixado morando, no futuro? Homem anda como anta: viver vida” (p. 558).
- “O dia estava por dado. Sol rachava os barros” (p. 559).
- “Estugados, em boa marcha, em boa marcha. Até que o mormaço bateu as asas. Deu trovão, com ventos trapes. Dizendo todos, disso, que ia breve chover – para minha desvantagem” (p. 560).
- “Como que melhorou a experiência do tempo, adiando; esbarrou o vento rufado (...). Noitou” (p. 560).
- “Madrugada de meia-noite. A lua já estava muito deduzida, o morro e o mato misturados” (p. 560).
- “Deus que me punia – que hora tem – ou o demo pegou a regatear? E entendi que podia escolher de largar ido meu sentimento: no rumo da tristeza ou da alegria – longe, longe, até ao fim, como o sertão é grande...” (p. 560-561).
- “Arte que espiei arriba, levei os olhos. Aquelas estrelas sem cair. As Três-Marias, o Carretão, o Cruzeiro, o Rabo-de-Tatú, o Carreiro- de- São-Tiago. Aquilo me criou desejos. Eu tinha de ficar acordado firme. Depois, daí, vi o escuro tapar, de nuvens. Eu ia esperar, fazendo uma coisa ou outra, até o definitivo do amanhecer, para o sol de todos” (p. 561).
- “Amanheceu com chuva. Mundo branco, rajava. Deu raio, deu trovão, escorremos água; e tudo que se pensou ou se fez foi em montes de lama. Diz o senhor, sim: assim é dia-de-véspera?” (p. 561).

- “E igual, de feito, que antes do meio-dia estiou, calibre que ventava. Sol saído; e é ligeiro, a gente vendo, que essa areia seca seus estados... Medi horas” (p. 561).
- “Que modo que senseei, do vazio do tempo em redor – e que eu entredisse: - O Sertão vem? Vinha. Trinquei os dentes. Mordi mão de sina. Porque era dia de antevéspera: mire e veja. Mas isso, tão em-pé, tão perto, ainda nuveava, nos ocultos do futuro” (p. 562).
- “Estremeci, mor. Eram as horas” (p. 565).
- “Vai, e eu disse: lá ia, no vou e volto; e já mesmo. Se diz – era um pulo. Para revir r dar guerra, tempo havia de ter. Os outros fossem, para o Paredão, tocassem. Já estava escurecendo” (p. 565).
- “O senhor diria, dirá: como naquela hora Diadorim e eu despartávamos um do outro – feito, numa água só, um torrãozinho de sal e um torrãozinho de açúcar... Fui, com desejos repartidos” (p. 566-567).
- “E a noite já tinha completado escuro, sem lua ainda aparecida (...)” (p. 567).
- “A que a qual a escuridão tapava toda boca” (p. 567).
- “– figurável que era tempo de guerra, em brenhas de noite, e algum inimigo menos-se-espera podia surgir para o mal” (p. 568).
- “A quase metade do céu tinha suas estrelas, descobertas entre os enuveados para chuva. O setestrêlo, no poente, a uma braça: devia de regular umas nove horas” (p. 568).
- “Aquele noite estava podendo mais do que a minha decisão? Soubesse não sei. Noite lembrada em mim, de sereno a orvalho” (p. 569).
- “Revi madrugada, quando esbarramos, na beira duma vereda pagã, por repouso. Aurora: é o sol assurgente – e os passarinhos arroseiros. Cá o céu tomou as tintas. Aí retoquei muita lembrança madraça, como se estivesse no antigamente” (p. 569).
- “E o que pensei: que aquela água de vereda sempre tinha permanecido ali, permeio às touças de sassafrás e os buritis dos ventos – e eu, em esse dia, só em esse dia, justo, tinha carecido de vir lá, para avistar com eles; por quê que era? Bobéia...” (p. 569).
- “- A pois, isto...Homem, sei? Como que já vivi tanto, grossamente, que degastei a capacidade de querer me entender em coisa nenhuma (...) – Não podendo entender a razão da vida, é só assim que se pode ser vero bom jagunço...” (p. 570).
- “Pensei; quase disse. Aquilo durou o de um pingo no ar. Eu havia de? Ah, não, meu senhor. Deu um momento, me tirou disso; e tanto bastou” (p. 571).

- “A chuva água se lambia a brilhos, tão tanto riachos abaixo, escorrendo no gibão de couro. Só esses pressentimentos, sozinho eu senti. O sertão se abalava?” (p. 572).
- “Desfechei. Naquela corrida, meu cavalo teve as dez pernas. E cheguei no Paredão, na derradeira boa-luz da tarde” (p. 572).
- “Minha Otacília, hora dessas, graças a Deus havia de parar longe dali, resguardada protegida” (p. 574).
- “Sei quem é chefe? Só o gatilho de arma-de-fogo e os ponteiros do relógio” (p. 574).
- “Agora tudo estava pronto, das obrigações – afora a de esperar, que é a que regasta e se recoze” (p. 574).
- “A noite foi se esquentando assaz” (p. 575).
- “Agora estavam acostumados com a hora do lugar, e para qualquer repente refrescados” (p. 575).
- “Sertanejos, mire veja: o sertão é uma espera enorme” (p. 575).
- “Aí era o cão da noite, que meu beijo indicava. Vagalumes, mais de milho. Mas o céu estava encoberto, ensombrado. Sofismeí” (p. 576).
- “Deixei em mim [raiva]. Digo ao senhor: se deixei, sem pêjo nenhum, era por causa da hora – a menos sobra de tempo, sem possibilidades, a espera de guerra” (p. 576).
- “Era uma noite de toda fundura. Estava dando um vento, esquisito para aquele tempo, por ser um vento em-hora do lado suão, em-hora do norte, conforme se riscando um fósforo, ou jogando punhado de areia fina clara para cima, se conhecia” (p. 577).
- “O sertão ventou rouco. Com formas que logo se ajuizou de poder supravir chuva forte, e carecido foi que determinamos de retornar com tudo, para se ir dormir mesmo nas casas do arraial, só uns poucos homens de vigia se deixando naquele alto, a padraço” (p. 578).
- “Consabido que na noite antes eu tinha viajado em todo regime das estrelas, e mais ainda no dia, afora as duas ou três horinhas de sono, de madrugada” (p. 578).
- Acordei último. Alçado se podia nadar no sol. Aí, quase que não se passavam mais os bandos dos pássaros” (p. 578).
- “E eu sei o que é estupor: que eu tinha pegado calça e camisa em mão, e esbarrei, num demorado sem termo, no meio de me revestir, e eu num latejo frouxo pensando: - *Não chego em tempo... Não adianta... Não chego em tempo nenhum...*” (p. 579).

- “A morte de cada um já está em edital. Dia de minha sorte. O que digo e desdigo; o senhor escute. Mas o inimigo fuzuava – tiroteio total” (p. 581).
- “Um homem morre mais que vive, sem susto de instantaneamente, e está ainda com remela nos olhos, ranho moco no nariz, cuspes na boca, e obra e urina e restos de de-comer, nas barrigas...” (p. 582).
- “Mas a cena desses todos pensamentos em mim foi ligeira demais, conforme não tinham geração.
- A meio me lembro, e conto, é só para firmar minha capacidade. Como o reslumbre, que, no tento da hora, eu prezei em Otacília, juízo vago” (p. 586).
- “Tempo que me mediu. Tempo? Se as pessoas esbarrassem, para pensar – tem uma coisa! -: eu vejo é o puro tempo vindo de baixo, quieto mole, como a enchente duma água... Tempo é a vida da morte: imperfeição” (p. 587).
- Durante a guerra Riobaldo pergunta à Diadorim: -“Tu não acha que todo o mundo é dôido? Que um só deixa de dôido ser é em horas de sentir a completa coragem ou o amor? Ou em horas em que consegue rezar?” (p. 587).
- “Véspera. As horas é que formam o longe” (p. 588).
- “A guerra, agora, tinha ficado enorme” (p. 590).
- “Me dê um silêncio. Eu vou contar.” (p. 593).
- Após a morte de Diadorim: “Eu estou depois das tempestades” (p. 595).
- “Como retornei, tarde depois, mal sabendo de mim, e querendo emendar nó no tempo, tateando com meus olhos, que ainda restavam fechados. (...) Eu despertei de todo – como no instante em que o trovão não acabou de rolar até ao fundo, e se sabe que caíu o raio...” (p. 596).
- “Diadorim tinha morrido – mil-vezes-mente – para sempre de mim; e eu sabia, e não queria saber, meus olhos marejaram” (p. 596).
- “Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor – mercê peço: - mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dôr não pode mais do que a surpresa. A coice d’arma, de coronha...” (p. 599).
- “Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia, como eu soluicei meu desespero” (p. 599).

- “O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real” (p. 599).
- “Tal que disse, doidava. Recai no marcar do sofrer” (p. 600).
- “E aquela era a hora do mais tarde. O céu vem abaixando. (...) Fim que foi” (p. 600).
- “Ao que eu ia, de repente, de ter de me segurar, de cair; e depois, durante muitos espaços, eu restava esquecido de tudo, de quem eu era, de meu nome” (p. 601).
- “Mas o sentido do tempo o senhor entende, resenha duma viagem” (p. 601).
- “O tempo que fiquei, deslembrado, detido. O quanto foi?” (p. 602).
- “Lembro de todos, do dia, da hora. A primeira coisa que eu queria ver, e que me deu prazer, foi a marca dos tempos, numa folhinha de parede” (p. 602).
- “Até que, um dia, eu estava repousando, no claro estar, em rede de algodão rendada. Alegria me despertou, um pressentimento. Quando eu olhei, vinha vindo uma moça. Otacília” (p. 603).
- “E eu, para nojo e emenda, carecia de uns tempos. (...) Uns dias ela ainda passou lá, me pagando companhia, formosamente” (p. 603).
- Sobre o casamento de Riobaldo e Otacília: “Mas isto foi tantos meses depois, quando deu o verde nos campos” (p. 603).
- “Porque eu, em tanto viver de tempo, tinha negado em mim aquele amor, e a pessoa dela, mesma, ela tinha me negado” (p. 605).
- “Passado esse tempo, conforme foi, pouca tardança” (p. 605).
- Sobre a fazenda de Quelelém: “O senhor vá lá. No tempo de maio, quando o algodão lãla. Tudo o branquinho” (p. 607).
- “Como vi que ele me olhava com aquela enorme paciência – calma de que minha dôr passasse; e que podia esperar muito longo tempo” (p. 607).
- “Conto o que fui e vi, no levantar do dia. Auroras” (p. 607).